EU MORRI NO TITANIC

MONICA O'HARA-KEETON

Tradução: Amadeu António

EU MORRI NO TITANIC

Monica O'Hara-Keeton 1996

Índice

Prefácio (i)

Prefácio (ii)

Agradecimentos Introdução

PARTE 1 Capítulos 1-10. 1
PARTE 2 Capítulos 11-13. 60
PARTE 3 Capítulos 14-16. 88
PARTE 4 Capítulos 17-21. 107
PARTE 5 Capítulos 22-25. 133
PARTE 6 Capítulos 26-30

Prefácio

por Roy Stemman

(i)

A passagem do tempo pouco fez para diminuir a compreensível fascinação que o terrível desastre do *Titanic* tem exercido sobre gerações. Houve outras tragédias humanas que envolveram perdas de vidas ainda maiores, mas o horror daquela viagem infeliz parece estar gravado na psique humana. Poucos são aqueles que, hoje, não conhecem as afirmações feitas sobre o *Titanic* antes da sua viagem inaugural ou a realidade aterradora de quando este colidiu com um icebergue.

Inúmeros livros foram escritos sobre aquela noite pavorosa. Filmes e documentários televisivos acrescentaram as suas interpretações do evento. E histórias de sobreviventes surgiram em muitas publicações e em inúmeras línguas. Recentemente, a tecnologia moderna tornou possível explorar e filmar os destroços do luxuoso transatlântico no leito do Atlântico e ver novamente objetos do quotidiano que afundaram com ele nas águas geladas.

Assim, poder-se-ia pensar que não há nada de novo a dizer sobre o *Titanic*. Monica O'Hara prova que não é esse o caso, de uma forma que é simultaneamente desafiadora e recreativa. Pois este é o relato de uma testemunha ocular do naufrágio do *Titanic*, não por parte de uma sobrevivente, mas de uma das suas vítimas. O que aprendemos é que, desde tenra idade, ela teve memórias que não conseguia compreender até experienciar uma regressão hipnótica e descobrir que, numa vida anterior, fora uma das passageiras do *Titanic*.

Alguns leitores — talvez a maioria — poderão achar isso difícil de aceitar, caso em que ficarão aliviados ao descobrir que Monica O'Hara é a narradora perfeita para esta história extraordinária. Ela compreende o seu ceticismo e trata grande parte do material recebido durante as sessões de regressão hipnótica com grande cautela. Ela também tem consciência de que é fácil subestimar o poder da mente e fazer a suposição falsa de que aquilo que parece ser impossível deve, por isso, ser "mágico" ou paranormal.

De muitas formas, contudo, este livro não é de todo sobre o *Titanic*. É uma história sobre o amor humano e a emoção; de paixão, obstinação e também de inconstância, reunida como uma cativante história de detetive. A autora leva-nos consigo na sua viagem de descoberta ao passado, mostrando-nos as peças do puzzle à medida que as descobre e unindo-as até que surja uma imagem que contém tantas surpresas para ela como para nós. O facto de a pessoa que ela recorda ter sido na sua vida anterior ser tão diferente da sua personalidade atual — Monica O'Hara não disfarça a sua aversão pela jovem mulher — aumenta o fascínio da sua narrativa.

Se o que a autora experienciou fosse único, seria, talvez, razoável que resistíssemos à conclusão que ela retira. Mas existe um corpo crescente de evidências sobre a reencarnação que apoia a sua afirmação de forma muito poderosa. Estou familiarizado com muitas centenas de casos semelhantes nos quais indivíduos foram capazes de recordar uma vida anterior em variados graus de detalhe e precisão. Alguns dizem respeito a crianças pequenas que começam a falar da sua vida anterior, nomeando os seus companheiros, os seus filhos e até a aldeia onde viviam, quase desde o momento em que são capazes de falar. Para outros, tais memórias estão largamente latentes até serem trazidas à superfície pela hipnose ou por

alguma técnica semelhante que, aparentemente, levanta o véu entre esta vida e a anterior.

Tomados como um todo, acredito que estes casos fornecem provas convincentes de que vivemos mais do que uma vida e que é para nos ajudar a desenvolver espiritualmente que renascemos. Estou também convencido de que é apenas uma questão de tempo até que o peso de testemunhos como o de Monica O'Hara convença as pessoas em geral de que existe outra dimensão na existência que levamos e um propósito para as nossas vidas.

A ironia é que quantias enormes de dinheiro foram gastas para sondar as profundezas do oceano e fotografar a carcaça partida do *Titanic*, e houve até conversas sobre trazê-lo à superfície. Monica O'Hara, por outro lado, demonstra que existem outras formas de lançar luz sobre a história que podem ter muito mais relevância para a maioria de nós. Basta pensar no quanto mais saberíamos sobre a natureza humana se uma quantia semelhante de dinheiro fosse gasta a explorar os mistérios da mente... e a possibilidade de reencarnação, em particular. É precisamente isso que este livro vos convida a fazer.

Roy Stemman,

Editor da Reincarnation International Magazine Março de 1996

Prefácio

por John P. Eaton

(ii)

O *Titanic* cede os seus segredos com relutância.

Dias passaram antes que os detalhes da noite de terror fossem publicados em pormenor. Semanas passaram antes da conclusão de duas investigações formais sobre a causa do naufrágio; meses passaram antes que os resultados dos inquéritos fossem tornados públicos.

Anos passaram antes que os registos oficiais do inquérito britânico fossem disponibilizados ao escrutínio público. Ainda mais tempo decorreu antes que os registos dos tribunais americanos entregassem aos investigadores os inúmeros detalhes das audiências para limitação de

responsabilidade dos proprietários do *Titanic*. E não foi senão em agosto de 1985, mais de 70 anos após o desastre, que os destroços foram descobertos.

Mesmo após a descoberta, o *Titanic* não entregou os seus segredos facilmente. Os destroços jazem naquele que é, talvez, o ambiente mais hostil ao homem em qualquer lugar da Terra: aproximadamente 350 milhas a sudeste da Terra Nova; 2 milhas e meia de profundidade em escuridão total, pressão de mais de três toneladas por polegada quadrada e temperatura da água a aproximar-se dos 0°C.

Após a sua descoberta, os destroços foram explorados brevemente em 1985, e depois com mais detalhe durante uma expedição no ano seguinte. Uma expedição conjunta americano-francesa em 1987 resultou não só em fotografias adicionais e filmagens cinematográficas, mas também na recuperação de uma série de objetos do campo de destroços — uma área no fundo do mar em torno do próprio naufrágio, na qual uma grande quantidade do conteúdo do *Titanic* ficou espalhada quando o navio atingiu o fundo.

Em julho de 1991, os destroços foram filmados com detalhe soberbo por uma produtora canadiana. Os resultados deslumbrantes são vistos no filme comercial *Titanica*, que infelizmente requer um ecrã e projetor especiais para visualização. Exames adicionais do local do naufrágio e do seu campo de destroços seguiram-se em 1993 e 1994, novamente com recuperação de objetos e artefactos. Estão planeadas expedições futuras.

Devido à grande profundidade a que os destroços se encontram, cada mergulho exige um controlo inabalável, a observância mais estrita das regulamentações de segurança, equipamento altamente especializado construído a um custo enorme e operado por técnicos especialmente formados e qualificados.

Os mergulhadores que descem até ao naufrágio correm perigo extremo em cada momento de cada mergulho; devem depositar a máxima confiança na integridade do equipamento e confiar na proficiência da equipa de mergulho. Até o equipamento fotográfico e as luzes devem ser protegidos da pressão imensa. O equipamento de recuperação deve ser concebido para acomodar as circunstâncias especiais.

Mesmo quando os objetos, historicamente inestimáveis e fisicamente belos, são recuperados e trazidos à superfície, existem dificuldades em

estabilizar, conservar e preservar a viabilidade dos mesmos. Química, eletrólise e todos os recursos da habilidade do arqueólogo histórico são incorporados no resgate dos objetos da deterioração, permitindo que sejam armazenados em segurança e, mais tarde, exibidos.

O *Titanic* cede os seus segredos com relutância!

Mesmo após a descoberta do naufrágio; mesmo após a exploração; mesmo após os objetos estarem novamente disponíveis, permitindo que cientistas e historiadores examinem o desastre sob novas perspetivas... Mesmo depois de termos visto os destroços e parte do seu conteúdo surpreendente... Ainda existem mistérios, ainda existem alguns aspetos do desastre, circunstâncias cujos detalhes faltam, perguntas cujas respostas podem nunca ser conhecidas.

Não a menor destas preocupações refere-se aos passageiros do *Titanic*. Tal como cinco pessoas aparentemente sem relação entre si foram mortas no relato fictício do colapso da ponte de San Luis Rey, as 2.228 pessoas reais a bordo do *Titanic* foram reunidas pelas circunstâncias para estarem num local particular a bordo de um navio particular num momento particular.

O que foi que uniu estas pessoas? Mais enigmático ainda, o que foi que manteve muitas pessoas longe daquela viagem — o que fez com que alguns cancelassem reservas e outros evitassem a jornada por completo? Estas são perguntas que não podem agora ser respondidas objetivamente. Contudo, elas continuam a persistir.

Não discutirei nesta breve introdução a minha impressão sobre a metodologia da hipnose regressiva utilizada por Monica O'Hara, a autora, e o seu marido hipnoterapeuta, Joe Keeton, para aceder ao fluxo da história. Nem irei interferir numa excelente história de detetive revelando como as suas conclusões aparentemente válidas foram alcançadas. Direi apenas isto: que observei um fragmento do trabalho em curso; vi pessoalmente a técnica de regressão a ser utilizada. E não tenho razões para duvidar do que os meus olhos viram e os meus ouvidos ouviram.

A busca de Monica O'Hara por Lucie e pelos seus amigos leva-nos por uma estrada com muitas curvas e contracurvas, muitos cruzamentos, mas nenhuns verdadeiros becos sem saída. Cada caminho, cada corredor, cada porta que se abre proporciona algum progresso. No final da jornada,

travámos conhecimento com duas novas e fascinantes personagens e a sua própria viagem tortuosa até, e a bordo, do *Titanic*.

Com relutância, mas de forma lenta e segura, o *Titanic* cede os seus segredos...

John P. Eaton,

Cold Spring, NY, EUA Março de 1996

Agradecimentos

Nos seis anos de investigação intensiva para este projeto, muitas pessoas estiveram envolvidas e gostaria de expressar os meus mais calorosos agradecimentos a todos os principais participantes, nomeadamente:

- **ROY STEMMAN**, cuja revista o inspirou;
- **JACK PLEASANT**, que sugeriu o título;
- **ESTHER, ARTHUR, MICHAEL e DOIRIN**, que me instigaram a continuar, quando parecia ser um caso de "abandonar toda a esperança" de encontrar algo significativo.

Também reconheço com gratidão a assistência dos muitos especialistas e investigadores, listados, mais ou menos, por ordem de "aparição":

- **NA GRÃ-BRETANHA:** GEOFF WHITFIELD, STEVE RIGBY e BRIAN TICEHURST da *British Titanic Society* pela sua extensa investigação, cooperação e apoio constante; DAVID MONEY-COUTTS, que forneceu detalhes dos seus antepassados Latymer e os pormenores complexos em torno da baronia; JEAN WALMSLEY, MARTIN HEYS e outros descendentes de Andrew Latimer, comissário de bordo principal, RMS *Titanic*; ANGELA

BROOME, *Royal Institution of Cornwall*; RITA WARMINGTON, *Cornwall Family History Society*; REV. RODERICK THORP de Tiverton; GWEN ROUTLEDGE, de St Kew; KEN, JANETTE BUCKLEY e SHIRLEY KEEN, de Lanarth; LAURA WESTON, Gestora de Relações Públicas do *National Maritime Museum*, Greenwich; PESSOAL da Ravenswood School e da *Cornish Studies Library*, *County Records Office*, *Devon and Cornwall Constabulary*; *Reflections Coffee Shop*, Newton-le-Willows; CLERO de várias igrejas de Lancashire e da Cornualha; PAUL CALLAN, jornalista e radialista; BILLY BUTLER e WALLY SCOTT, anteriormente da BBC Radio Merseyside, mas atualmente a emitir na Radio City 1548am; DAVID ST JOHN THOMAS, autor, editor, especialista em caminhos-de-ferro do West Country; ANDREW SELBY, investigador de regressões.

- **NA IRLANDA:** TOM WILLIAMS, que fez grande parte das escavações iniciais e depois manteve o seu interesse e amizade; ED COGHLAN, *Irish Titanic Historical Society*; TODOS os ligados ao *Cobh Heritage Centre*; CÓNEGO SEAMUS BOLAND em Mayo; GERRY RYAN, RTE2; e o mais emocionante de todos, JIMMY LENNON, cuja aparição mágica à última hora produziu a peça final do puzzle.

- **NA AMÉRICA:** JOHN P. EATON e CHARLES A. HAAS, *Titanic International Inc.*, New Jersey, pela sua contínua ajuda e amizade; ED KAMUDA, *Titanic Historical Society*, Indian Orchard, Ma., e a sua esposa KAREN, pela sua amável crítica ao meu livro anterior sobre o *Titanic*; BOB BRACKEN, New Jersey, por me indicar a direção certa para este.

E, finalmente, permitam-me oferecer uma palavra especial de gratidão e muito amor a três amigos muito especiais, pelo seu apoio e incentivo. São eles JOY CIESLIK, de Wirral; SHARON e MICHAEL BOTT, anteriormente de Londres, e agora de Banbury.

Introdução

Esta é uma história sobre regressão hipnótica.

O interesse pela regressão aumentou consideravelmente durante os anos recentes. A busca pelo significado da vida levou muitas pessoas a acreditar que a regressão fornece o que procuram; nomeadamente, evidências do renascimento.

Para benefício dos leitores que possam não ter encontrado o fenómeno da regressão, devo explicar que se trata da técnica através da qual as pessoas são induzidas a um estado de hipnose muito profundo e as suas memórias direcionadas para tão longe quanto essas pessoas estejam dispostas — ou sejam capazes — de ir.

Se não houver obstáculos no caminho, as memórias podem correr através dos anos até ao nascimento do participante... e mais além. Obstáculos, contudo, surgem frequentemente, e os métodos para os remover estão explicados detalhadamente noutro local.

Como é a regressão do ponto de vista pessoal? Só a posso descrever como uma sequência de experiências revividas de um período de tempo anterior, como em *flashbacks* de filmes cinematográficos. Nas páginas que se seguem, registei-as mais ou menos como ocorreram.

Escrever este livro apresentou-me um desafio muito emocionante, principalmente devido ao notável corpo de material que chegou às minhas mãos e às descobertas entusiasmantes com as quais me deparei: algumas delas, de forma puramente acidental. No final, não tenho a certeza de que conclusões retirar, ou que hipóteses apresentar, porque muito do que aconteceu desafia a racionalização.

Serão as nossas mentes capazes de sobreviver à morte corporal? Naturalmente, acredito que sim, e as evidências das páginas seguintes parecem apoiar o meu ponto de vista. Se isso pode ser atribuído à reencarnação, cabe ao leitor decidir...

Oito décadas e meia passaram desde o desaparecimento do vapor do correio real (*Royal Mail Steamer*), *Titanic*; no entanto, o fascínio pelo infeliz transatlântico é tão forte como sempre. Ao longo da costa sul da Irlanda, os poucos idosos cujas memórias recuam até essa data dizem que a dele era "uma beleza terrível". Recordam como ele jazia ancorado para lá de um lugar chamado Queenstown, que desde então foi renomeado Cobh. E contam como, enquanto os emigrantes partiam nas suas lanchas para serem transferidos para o magnífico novo vapor, o sino do Ângelus de uma igreja na colina repicava sobre a água, chamando os fiéis a rezar.

"Ring-a-bella-bay", chama-se agora ao local; e uma vista maravilhosa pode ser obtida visitando aquela que é geralmente reconhecida como a costa mais triste da Irlanda.

Mas a apreciação pelo transatlântico da White Star, que se afundou na sua viagem inaugural de Southampton para Nova Iorque, não se restringe aos idosos. Inumeráveis jovens e pessoas de meia-idade caminham sobre esta terra, inexplicavelmente assombrados pela história daquela viagem infeliz; intrigados pela vida e morte do orgulhoso transatlântico, e de todos os que nele navegaram. Sociedades do *Titanic* florescem em todo o mundo à medida que gerações inteiras de entusiastas nascem. Alunos e estudantes escolhem cada vez mais o tema para estudo sério. Poucos de nós que hoje estamos vivos estávamos presentes quando a tragédia ocorreu. Isso é irrelevante.

A história da embarcação condenada, embora esculpida pelo próprio Tempo, é intemporal...

O transatlântico *Titanic* era um navio nobre; os segredos que guardou no seu seio levou-os para o túmulo. Só agora, na sequência da sua descoberta no leito do mar, é que estão a vir à luz. Das muitas histórias que rodeiam o navio e os seus passageiros, uma refere-se a uma jovem herdeira britânica e a um trabalhador que trabalhava nos campos do seu pai. Pelo menos, era ISSO que nos davam a entender durante as primeiras regressões.

O hipnoterapeuta que conduziu a minha regressão para o que acredito ser uma vida anterior foi Joe Keeton, que é também o meu marido. O indivíduo, cuja história emergiu, revelou ser uma personagem muito mais complexa do que parecia ao início. Foi apenas após mais de cinco anos de investigação que descobrimos um triângulo amoroso e tentámos desvendar o seu mistério.

Era uma história com uma ligação irlandesa tão forte como o próprio *Titanic*. Para explicar o significado da ligação irlandesa do *Titanic*, temos de recuar aos dias finais do século XIX.

No rescaldo da Grande Fome da Batata, a emigração para a América parecia a única opção para muitos jovens, homens e mulheres, empobrecidos. Em busca de uma vida melhor para si próprios, milhares de irlandeses abandonavam a sua terra natal. Na viragem do século, a emigração da Irlanda estava no seu auge, com cada vez mais jovens a reservar passagem para o Novo Mundo em qualquer embarcação que navegasse pelo Atlântico.

Aqueles que se preparavam para partir naquela manhã ensolarada de abril de 1912 não tinham pedido particularmente para navegar no RMS *Titanic*. A "rainha do oceano" era apenas uma das muitas embarcações que seguiam na direção certa. Traineiras, vapores de gado ou cargueiros teriam servido igualmente bem. O que lhes importava quem construiu o novo navio, quão grandioso era, ou quantos passageiros podia levar a bordo? A viagem era apenas um meio para atingir um fim.

Nos condados de Mayo, Sligo, Galway, Clare, Limerick e Kerry, eles fizeram os seus preparativos. A maioria dos emigrantes partiu com a bênção das suas famílias, mas houve também relatos de zangas familiares, casamentos secretos e fugas amorosas. Aqueles que se preparavam para deixar a sua pátria percorreram as muitas milhas até Queenstown a pé, no dorso de burros e mulas e em variados veículos puxados por cavalos, contentes com qualquer forma de transporte que os conduzisse através do oceano.

Quão trágico, então, que algo tão inocente como uma greve de carvão tenha selado efetivamente o destino de tantos. A greve resultou em vários viajantes terem de ser transferidos no último minuto para o transatlântico condenado.

A bordo do "Navio dos Navios", fizeram planos para um futuro que não viria a ser. Naquela noite de mil estrelas, as vidas do nosso casal em fuga terminaram nas águas geladas do Atlântico Norte: duas das 1.523 almas que pereceram...

As famílias irlandesas enlutadas nunca deixaram de rezar pelo repouso das almas dos seus entes queridos. Em Cork, Kerry, Galway, Mayo, Sligo, Longford, recordavam-nos nas Missas e ao rezarem os seus terços.

Um dos mortos era um jovem que tinha deixado a sua casa no interior da Irlanda com uma misteriosa companheira, sobre a qual praticamente nada se sabia. Quando o *Titanic* naufragou, o casal foi listado entre os que se perderam.

Durante 73 anos, o navio e a sua preciosa carga humana jaziam imperturbados no leito do oceano. Depois, em 1985, após décadas de buscas inúteis por parte de inúmeras equipas de mergulhadores, a carcaça daquele que fora outrora o transatlântico mais magnífico do mundo foi descoberta.

Em 1995, as minhas próprias investigações atingiram um marco significativo, quando o caminho da família do irlandês em fuga se cruzou com o meu e uma história notável começou a desenrolar-se. Será a história facto, ficção, ou algum tipo de mistura esotérica dos dois? ISSO cabe ao leitor decidir...

NOTAS, INTRODUÇÃO

-

1. Keeton, Joe, com Simon Petherick: The Power of the Mind, Robert Hale (1988).

-

1. A Titanic Historical Society e a Titanic International têm ambas sede na América; a British Titanic Society, fundada em 1986 com um punhado de membros, conta atualmente com quase mil: a Irish Titanic Historical Society (com sede em Dublim) e a Ulster Titanic Society (Belfast) estão ambas a florescer; milhares de outros entusiastas vivem na Suíça, Escandinávia, Nova Zelândia e Austrália.

PRIMEIRA PARTE

Introdução à regressão

Capítulo 1

Cheshire, Inglaterra, Primavera de 1990

"O tempo parou.

"Como tudo o resto no universo, o Tempo anda em círculos. Atingiste o topo desse círculo e estás agora a voltar atrás. Estás a flutuar através do tempo, mais para trás no tempo... flutuando, flutuando. Estás à procura de um conjunto de memórias. Podem ser as memórias de qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora; mas é isso que estás à procura: um conjunto de memórias.

"Não quero que recordes nada que tenhas lido, que te tenham contado, ou visto na televisão. Recorda apenas as memórias de algo que tu própria tenhas experienciado.

"Agora relaxa... relaxa. Ouve a minha voz... continua a flutuar... Estás a descer um túnel longo e escuro. Todos os túneis saem para a Luz do Dia e, assim que essa luz começar a filtrar-se, quero que flutues em direção a ela.

"Quando saíres do túnel, verás onde estás... Consegues ver onde estás?" A voz profunda e rica faz uma breve pausa. Sei que se dirige a mim, mas por alguma razão insondável, sou incapaz de responder. Verbalmente, entenda-se: embora esteja certamente a responder às sugestões.

Sinto-me como se estivesse num espaço escuro e vazio onde quatro dos cinco sentidos já não existem. Ou, se existem, estão num estado de animação suspensa. Não é um estado desagradável. Pelo contrário; é muito agradável. Estou mais relaxada do que alguma vez pensei ser possível. Só o posso descrever como um estado de nada.

Assim, a voz retoma o seu tom monótono, dizendo-me para continuar a flutuar...

"Estás à procura de memórias; memórias de eventos que te aconteceram. Eles aconteceram-te de facto, mas aconteceram antes de teres nascido."

A voz é a de Joe Keeton, o hipnoterapeuta regressivo de renome internacional, que é também o meu marido.

"Tu, Monica, ainda não nasceste.

"Continua a flutuar para trás; flutuando, flutuando até veres uma luz. Consegues ver uma luz...?"

Nesse momento, as minhas pálpebras começam aparentemente a tremer, o que fornece a pista necessária ao observador, mas eu mal tenho consciência do facto porque, no que me diz respeito, algo muito mais emocionante está a acontecer.

Imagens começaram a aparecer diante de mim e, embora eu ainda esteja plenamente consciente do facto de estar sentada numa cadeira confortável em casa com o meu marido e um grupo de amigos, também me sinto como se estivesse a bordo de algum tipo de barco a remos a caminho do mar.

Flutuando? Não exatamente. Estou definitivamente a ir para algum lado. Mas, neste ponto, o meu destino é irrelevante, porque é na imagem do próprio barco e nos meus companheiros de viagem que a minha atenção está agora focada. O barco é rústico e está solidamente apinhado de homens e mulheres em roupas à antiga. Alguns parecem felizes, outros tristes. Um jovem alto está prestes a começar a tocar uma melodia na sua gaita de foles.

O facto de a imagem parecer sobreposta à do ambiente que me rodeia hoje não levanta quaisquer questões na minha mente normalmente inquisitiva. Ao mesmo tempo, estou a observar a cena e faço parte dela.

Neste ponto, sendo uma crente convicta na reencarnação, gostaria de dizer que sei que este é o início da minha tão esperada viagem ao passado. Mas não sei tal coisa. A mente hipnotizada e regressada não funciona assim. Se tais pensamentos estão a fluir, então essa mente não está suficientemente profunda no estado hipnótico necessário para a regressão.

Neste estado adorável e soporífero, tudo o que quero fazer é apertar a mão à pessoa cuja vida foi reciclada para fabricar a personagem que sou hoje.

"Traz as memórias", entoa a voz castanha e rica que assumiu a qualidade extra de ser capaz de sondar até ao epicentro do meu subconsciente. "Estás lá... AGORA!..." Há uma breve pausa, e depois perguntam-me: "Onde estás... o que consegues ver... qual é o teu nome...?"

A voz do meu marido (que, claro, não era o meu marido naquela encarnação anterior e cuja voz, portanto, se tornou subitamente na de um estranho) chega alta e clara. Mudo ligeiramente de posição.

"Qual é o teu nome?", repete ele.

"L...L..." Estou a lutar para o conseguir dizer.

"Onde estás?"

"Estou AQUI!", ouço-me anunciar, surpreendida com a necessidade de mo perguntarem, pois certamente o inquiridor consegue ver onde estou. "Num barco... água... muita gente..." depois, subitamente, as palavras começam a fluir. As memórias, que começaram como um fio de água, começam a inundar-me, com toda a emoção inerente.

Olhando para o mar, percebo que o barco a remos se dirige para uma embarcação maciça ancorada a alguma distância.

"Aquele navio... ele é... ele é... demasiado GRANDE!"

"Que navio?"

"Ali FORA..." Aponto e, ainda no meu estado de hipnose profunda, grito: "É demasiado grande. Demasiado pesado para a água. Vai afundar-se. Vamos todos morrer afogados..." Começo a tremer.

"Como se chama o navio?"

Não respondo porque, francamente, não sei. E a pergunta parece irrelevante. A minha principal sensação é de medo e, quanto mais o pequeno barco apinhado se aproxima do enorme navio, mais assustada fico. É o tamanho absoluto do navio que me aterroriza.

“Adormece... adormece...”, instrui a voz e, quase instantaneamente, a visão desaparece e estou de volta àquele estado suave e quente de nada.

Sou instruída a deixar as minhas memórias avançar para um tempo mais feliz e, após um período de breve relaxamento, guiada de volta à minha persona atual, instada a recordar tudo o que vi e ouvi sob regressão, mas a deixar qualquer dor e emoção para trás.

“És a Monica outra vez, de volta a 1990... cinco, quatro, três, dois, um... BEM ACORDADA....”

Et voilà, estou de volta sã e salva... de volta ao aqui e agora. Terá o que acabei de experienciar sido realmente uma viagem através do tempo?

Já fui submetida a regressões antes, mas apenas através de eventos da minha própria vida. Esta é a minha primeira tentativa de viajar para tempos anteriores...

No meu estado desperto, após aquela tentativa de regressão pré-nascimento, recordo que as únicas memórias fortes que tenho são de estar sentada a bordo de um barco apinhado a navegar em direção a um navio gigante. Sei que fui dominada por um terror abjeto perante o tamanho impressionante da embarcação, embora, felizmente, fora da regressão e da hipnose, esse medo se tenha dissipado. Irritantemente, porém, continuo sem conseguir nomear o navio, o porto de embarque, ou mesmo se o "L..." com que — naquela outra persona — eu estava a lutar, era o meu primeiro ou segundo nome... ou mesmo o nome do lugar onde eu poderia ter vivido.

Conscientemente, dou por mim a perguntar-me porque é que eu estava a viajar num barquinho ridículo. Se eu estava prestes a fazer a viagem de uma vida (ainda que a de outra pessoa), porque é que não estava a flutuar pelo céu acompanhada por um coro celestial, nas palavras do grande William Wordsworth, "arrastando nuvens de glória"? Aquele tipo de estilo estaria certamente mais de acordo com a minha personalidade.

Tendo recuperado da desilusão inicial sobre o meu modo de transporte, pergunto-me quem era esta personagem L... e porque é que ela e

todos os outros estavam amontoados como sardinhas naquela pequena embarcação desconfortável. O conceito de atravessar o lendário Rio Estige não — se me perdoam a expressão — colhe água; porque isto não era um rio. Era o mar. Disso, estou convencida; mesmo que tudo o resto seja nebuloso.

Não é invulgar que as primeiras tentativas de regressão produzam este tipo de imagens vagas. As segundas sessões e as seguintes trazem os detalhes à medida que as memórias da pessoa sob hipnose se tornam cada vez mais claras.

Se é frustrante para mim, é igualmente frustrante para o meu marido porque, em todos os anos que Joe Keeton tem praticado como hipnoterapeuta, esta é a primeira vez que encontra algo ligado a um navio que bem poderia ter sido o *Titanic*. Para mim, é emocionante.

Será aqui que o meu interesse persistente pelo transatlântico infeliz tem as suas raízes? Serão as memórias de estar perdida no navio a causa do meu medo vitalício de águas escuras e paradas, ou será a regressão um produto da minha imaginação para explicar esse medo? Mal posso esperar por fazer outra tentativa de regressar à personagem desconhecida cujas memórias pareço partilhar. Além do fascínio pelo *Titanic*, sou jornalista, com toda a curiosidade inerente à minha profissão. Se houver aqui uma história, eu vou descobri-la...

NOTA, CAPÍTULO UM

-

1. *Wordsworth, William: Ode, Intimations of Immortality.*

Capítulo 2

Porque é que alguém haveria de querer ser submetido a uma regressão? Pela mesma razão, porque é que alguém haveria de querer subir o Monte Evereste ou atravessar o Canal da Mancha a nado? A resposta é

que provavelmente é uma combinação de curiosidade, um sentido de aventura e entusiasmo pelo que pode estar reservado.

Onde a viagem às memórias pré-nascimento ganha vantagem sobre a do nadador e a do alpinista é no seu bónus extra: pois, por mais notável que pareça, a viagem da mente pode demonstrar-se capaz de eliminar medos, fobias e doenças misteriosas. O meu próprio medo da água não é um caso isolado. Existem muitos casos documentados de tais problemas que revelaram ter ligações com eventos experienciados em memórias anteriores: embora, com toda a honestidade, tenha de admitir que os ficheiros de casos de Joe Keeton mostram que a MAIORIA tem origem em traumas DESTA vida.

As nossas mentes são por vezes comparadas a computadores porque a informação que dão é apenas tão boa quanto aquela que foi introduzida e armazenada nos bancos de memória para consulta sempre que necessário. Desde que o sujeito submetido a hipnose esteja num estado de relaxamento suficientemente profundo, os eventos do passado não são apenas lembrados, mas revividos exatamente como aconteceram na altura.

A minha tentativa original de regressão foi para tentar estabelecer por que razão eu tinha tanto medo de águas negras e paradas (nenhum outro tipo me incomodava, e viajar para o estrangeiro por mar nunca causou problemas). Tropeçar no (e, ainda mais dramaticamente, SAIR DO) *Titanic* foi um bónus adicional; embora dizer que foi além dos meus sonhos mais selvagens não seria inteiramente verdade. Porque os sonhos também figuram fortemente nesta história...

A técnica da regressão de idade envolve colocar as pessoas na forma mais profunda de hipnose e enviá-las de volta através das suas memórias para reviver experiências passadas, primeiro nas suas próprias vidas, depois antes do nascimento e da conceção, para quaisquer memórias que estejam armazenadas nos recessos mais profundos da mente.

Ao longo de um período de 30 anos, Joe Keeton conduziu vários milhares de regressões e acumulou uma extensa coleção de gravações de conversas com o que pareceriam ser pessoas mortas há muito tempo. Em casos onde o trauma que causa o problema não pode ser rastreado até à própria vida da pessoa, parece de facto que os medos e fobias estão enraizados muito mais profundamente na memória e só podem ser

alcançados se o operador levar os seus sujeitos ao nível mais profundo de hipnose, direcionando-os até ao nascimento e, depois, dizendo-lhes que estão em tempos anteriores ao seu nascimento.

O meu próprio medo ilógico da água não podia ser explicado por nada na minha vida atual e foi, primordialmente, para descobrir a causa e eliminá-la que solicitei pela primeira vez uma regressão. Com sorte, a origem de um pesadelo recorrente seria também descoberta.

Existem muitas ramificações da regressão pré-vida. Aqueles de nós que foram submetidos com sucesso a regressões tornam-se mais maduros e podem recorrer a mais experiências do que normalmente seriam capazes.

Recordação de uma jovem enfermeira relativa a uma mulher que se tornou muito difícil antes de morrer, na casa dos noventa anos. Ao despertar da hipnose, a enfermeira comentou que seria consideravelmente mais compreensiva com os seus pacientes geriátricos, agora que tinha conhecimento pessoal da senilidade.

Não compreendemos totalmente como o cérebro funciona, mas podemos interpretar os aspetos primitivos do seu funcionamento a partir das nossas próprias descobertas, e Joe Keeton apressa-se a salientar que as SUAS opiniões não são necessariamente as defendidas por pensadores mais ortodoxos.

A sua crença pessoal é que, sendo o subconsciente tão poderoso, este opera contínua e eficientemente desde o momento em que se forma no útero; embora não faça ideia de quando exatamente isso ocorre, nem tente definir quando começa a própria consciência.

Tão pouco está totalmente convencido da ideia da reencarnação. Embora aceite que a reencarnação PODERIA certamente ser a resposta, gosta de apresentar outras possibilidades. ∗3

Não faltam explicações plausíveis para regressões a vidas passadas. Estas podem incluir fantasia, imaginação e memória cósmica (onde pensamentos desencarnados podem ser colhidos do éter, por assim dizer). Outras possibilidades: telepatia, memória herdada geneticamente, até a teoria quântica de um universo paralelo. ∗4

Escolha a sua preferida. A preferência pessoal de Joe Keeton recai sobre a memória herdada.

Tal como herdamos a cor dos nossos olhos, o formato do nosso nariz ou dos dentes dos nossos antepassados, não será viável que herdemos também as suas memórias?

Bem, sim, suponho que sim, mas a minha própria crença continua a ser na reencarnação. Se era bom o suficiente para Pitágoras (com a sua teoria da Transmigração das Almas), é bom o suficiente para mim.

Afinal de contas, nada mais no universo é destruído; por que deveria a Força Vital humana ser a exceção? Não poderá ser esta a forma suprema de conservação de energia?

NOTAS, CAPÍTULO DOIS

∗1 O'Hara, Monica, New Hope Through Hypnotherapy, Abacus (1980) pp 82-100

∗2 Moss, Peter com Joe Keeton, Encounters With the Past, Sidgwick and Jackson (1979)

∗3 Keeton, Joe com Simon Petherick, The Power of the Mind, Robert Hale (1988) pp 35 - 77

∗4 A teoria quântica foi originada pelo físico alemão Max Planck em 1900. Postula que, a par do nosso universo, existe um número infinito de universos paralelos tão reais como o nosso. A aplicação de Einstein da teoria quântica à luz (1905) levou às teorias da relatividade. Em 1918, a teoria quântica de Planck valeu-lhe o Prémio Nobel da Física.

Capítulo 3

Nem todos os meus sonhos recorrentes eram pesadelos e suponho que me deva considerar mais afortunada do que a maioria, pelo facto de ter tido cinco deles, ao todo.

Embora o sonho aquático fosse certamente o mais assustador, os outros três não tinham quaisquer emoções associadas. Eram simplesmente situações em que eu por acaso fazia parte, e pareciam estar totalmente desconectadas.

Num deles, eu estava sentada numa carruagem preta, atrás de dois cavalos bastante bonitos. Eu sabia que tinha saído de um comboio antes de entrar no carro de aluguer. Também sentia que não estava sozinha e, a julgar pela respiração pesada e pelo movimento lento dos animais, que estávamos a subir uma colina íngreme. Nada mais.

O segundo sonho mostrava-me a passear ao longo de uma marginal à beira-mar. Não fazia ideia do local e, de qualquer forma, era irrelevante. O aspeto mais dominante desse sonho era a visão de vários cavalheiros e senhoras a passear pela marginal, sentados em bancos e em filas para refrescos numa espécie de banca improvisada que estava posicionada na estrada atrás deles.

A estrada corria paralela à marginal e separava as massas de pessoas (todas em roupas à moda antiga) dos hotéis e lojas. Entre a marginal e a praia havia grades brancas, depois relvados e jardins magnificamente cuidados. Pareceu-me ser uma cena de tipo muito vitoriana, ou possivelmente até eduardiana. O quarto sonho recorrente mantinha-me ainda na estância — fosse ela onde fosse — ainda na companhia de alguém cuja identidade nunca se tornou clara.

Apenas neste, eu estava a entrar num daqueles hotéis à beira-mar. Tinha uma arcada que saía da sua entrada, estendendo-se até à borda do passeio, um pouco como a do Waldorf Astoria em Nova Iorque.

O sonho final parecia totalmente desconectado de qualquer um dos outros. Era simplesmente a imagem de uma grande casa branca, situada no seu próprio terreno. Um edifício de tipo georgiano, de frente dupla e

rodeado por árvores. Eu parecia estar a observá-lo do fim de uma longa alameda.

E é tudo... à exceção de uma sensação muito estranha que eu tinha cada vez que ouvia o nome Latimer. Não só me causava arrepios que percorriam a minha espinha, como, enigmaticamente, evocava imagens de um homem alto e distinto, com o cabelo grisalho nas têmporas, maçãs do rosto encovadas e a expressão mais severa que alguma vez vi.

Estariam todos estes sonhos e imagens de alguma forma ligados entre si, ou teria eu andado a abusar do queijo à hora de deitar? Abençoada com uma imaginação fértil, teria eu permitido que ela entrasse em sobrecarga enquanto dormia?

Incapaz de o decifrar, tinha há muito deixado de tentar, por isso apanhei o choque da minha vida quando, após uma série de regressões, todas as peças do puzzle de formas estranhas começaram a encaixar-se e a imagem total começou a emergir.

Mas estou a adiantar-me...

Após essa primeira regressão, eu e o Joe decidimos mutuamente que um pouco mais de investigação não seria má ideia. Outro encontro com o meu alter-ego era necessário.

Desta vez, após me reconduzir suavemente à personagem, sugeriu que eu trouxesse as memórias de quando essa personagem curiosa era criança.

"Estás lá outra vez...", foi-me dito. "Agora recua... recua mais nas memórias de quem quer que fosse naquele barco... flutuando para trás outra vez... tens seis anos... onde estás?"

"Estou aqui!", veio a minha resposta. Senti-me sentada na erva, à sombra de uma árvore muito antiga. Estava sozinha.

"Qual é o teu nome?"

"Lucie, Lucie Latymer... o meu papá é um barão...", ouvi-me cantarolar, e continuei a dizer ao meu interlocutor sobre a grafia invulgar tanto do meu primeiro como do meu apelido.

"O teu papá é um barão, pois é... e a tua mamã?"

“A minha mamã não está aqui...”. Desfiz-me em lágrimas. “Ela caiu no tanque...”. As lágrimas fluíam agora tão copiosamente que, uma vez mais, tive de ser retirada da regressão, fora da hipnose, e suavemente devolvida ao presente.

Mas, pelo menos, a minha personagem tinha agora um nome. E um título.

Durante regressões subsequentes a Lucie, enviada de volta à sua infância, eu não conseguia enfatizar o suficiente que o MEU pai era o barão. O tom de voz recortado e o ar aristocrático geral pareciam confirmar a observação.

A insistência de Lucie poderia ter sido porque, na sua opinião, o homem que realmente se tornou Barão Latymer não tinha direito à honra: que era o pai DELA quem deveria ter sido nobilitado.

Por outro lado, poderia ter sido que, como filha única, fosse um pouco sonhadora e sofresse de delírios de grandeza. Ocasionalmente, era ouvida a murmurar algo que soava como ‘conde’ ou ‘condes’ ∗1 mas corrigia-se bruscamente quando o fazia.

A terceira possibilidade era que o pai dela fosse realmente o Barão Latymer, ou até que ela fosse filha de um Conde: embora existam argumentos fortes contra qualquer uma destas alegações, como veremos.

Lucie não foi mais comunicativa como jovem adulta. Era consistentemente arrogante e recusava-se a dar qualquer informação sobre si mesma. Questionada sobre detalhes pessoais, respondia simplesmente em moldes como ‘Fomos apresentados?’, ‘Eu CONHEÇO-O?’, e por aí fora.

Recusava-se terminantemente a declarar o seu local de nascimento: repetindo apenas as suas alegações descabidas de ter ligações com um barão, um conde ou condes.

Os interrogadores quase esperavam que as suas alegações de ligações aristocráticas fossem promovidas para a Realeza a qualquer momento: embora nunca o tenham sido.

Nas raras ocasiões em que se dignava a responder a quaisquer perguntas sobre o seu modo de transporte e se estava sozinha ou

acompanhada, recusava-se a ser específica, além de afirmar, com mais do que uma pitada de arrogância, que estava com o seu ‘séquito’.

Embora nunca tenha nomeado o Titanic como o navio no qual navegava para a América, as datas e todas as circunstâncias da regressão tornavam impossível que fosse qualquer outro navio. O frio extremo e os tremores que ela — eu — sentia quando regredida à noite de 14/15 de abril de 1912 eram MUITO reais.

Mesmo agora, ao pensar nisso conscientemente, consigo sentir novamente esse frio. As minhas mãos no teclado do computador ficam subitamente geladas (e tenho de recorrer à auto-hipnose para as aquecer novamente).

Sob circunstância alguma Lucie daria o seu nome como adulta. Foi apenas quando, mais uma vez, as suas memórias foram aceleradas de volta à infância que ela ofereceu voluntariamente o nome de Lucie Latymer, insistindo, como sempre, que o nome próprio se escrevia com um ‘ie’, o apelido com um ‘y’ e que era filha de um barão.

As circunstâncias históricas genuínas que rodeiam a baronia de Latymer serão examinadas num capítulo posterior.

Também o serão a ligação entre a carruagem, a marginal movimentada, o hotel com a cobertura estendida... e, claro, a casa branca no campo.

A investigação provou ser longa e difícil; mas a minha formação jornalística significava que eu tinha acesso a pessoas e locais que, de outra forma, poderia não ter tido. Mesmo assim, nem tudo correu sobre rodas (perdoem o trocadilho); pois cedo viria a descobrir que muitas das pistas que seguia iam dar a becos sem saída e o que parecia ser prova sólida evaporava-se diante de mim. Nenhum jogo de cobras e escadas foi alguma vez tão enfurecedor.

Apesar disso, consegui lá chegar, no final (o que foi mais do que a pobre Lucie conseguiu... NAQUELA vida, pelo menos).

Um ponto menor: embora me sentisse segura de que, quando regredida para jovem mulher, milady estava com um misterioso companheiro masculino — porque eu conseguia SENTIR a sua presença na

carruagem, parado do lado de fora do hotel e a remar mar adentro — o nome dele raramente passava pelos seus lábios.

Quando se referia a ele, era pelo nome carinhoso que ela própria lhe tinha dado. Não foi senão muito mais tarde que descobri o motivo da sua reserva.

A descoberta não foi feita por mim, mas por um executivo da British Titanic Society, através de uma mensagem no Teletexto. Essa mensagem também acabou por me apontar a direção da grande casa branca.

NOTA, CAPÍTULO TRÊS

∗1 O significado desta alegação permaneceu obscuro por mais cinco anos. Quando veio à luz, não era de todo o que alguém esperava.

Capítulo 4

Lucie, na primeira infância, não era muito comunicativa; provavelmente porque a sua vida não era terrivelmente interessante. As perguntas nunca eram respondidas diretamente; tudo o que ela fazia era cantarolar a mesma velha cantilena: 'Lucie, Lucie Latymer... o meu papá é um barão...'

Regressões subsequentes à infância produziram a informação de que nasceu pouco antes do Natal; ano desconhecido. Questionada sobre a queda da mãe no tanque, conseguiu explicar que a água não era muito profunda, mas a pobre senhora caiu de cabeça e a criança aparentemente ficou a olhar para a figura inerte durante algum tempo antes de pedir ajuda. Não havia forma de saber se os ferimentos foram fatais ou não.

"O papá ficou muito triste. Disse que eu me devia afastar da água", ouvi-me dizer.

Levada para alguns anos mais tarde, Lucie, agora aparentemente órfã de mãe, encontrava-se a lamuriar-se sobre a sua horrível governanta, a quem chamou Miss Prim. Na persona de Lucie, a minha impressão era que a recém-chegada era um pouco mais do que isso; e eu ressentia-me amargamente com ela.

Nada de importante emergiu da adolescência de Lucie, mas por volta dos 15 anos, surgiu um novo nome. Era o de ‘Stennie’; a quem ela descreveu como um jovem que trabalhava para o Papá. Lucie confessou ter o hábito de o observar tanto da janela do seu quarto como do seu lugar favorito no jardim: sentada num tronco de árvore coberto de hera, ostensivamente a trabalhar numa tapeçaria.

Para irritação daqueles que a questionavam, Lucie parecia estar aborrecida e ser aborrecida. Ansiava pelos prazeres do mundo, mas o Papá privava-a deles. Ele era tão rigoroso. Nunca sorria e quase nunca falava, exceto para a repreender.

Incapaz de comunicar com o seu pai, Lucie recorria cada vez mais ao jardineiro ocasional que era, aparentemente, amigável e compassivo, sendo a única pessoa que ofereceu algum consolo quando ela estava consumida pela dor devido à morte de um cão de estimação.

Fora isso, os seus dias eram passados a ouvir música, a pintar, a ler e a dedicar-se a várias formas de lavores delicados, em conformidade com outras jovens senhoras do seu tempo. Lucie claramente não era uma intelectual e não tinha amigos fora daqueles selecionados pelo Papá.

Recusava-se persistentemente a fornecer uma localização para a sua casa; além de mencionar que estava situada num vale encantador e continha um riacho e muitos pomares e uma estação de comboio junto aos portões da frente.

Questionada se era perto do mar, respondia que as pessoas vinham de todo o país para desfrutar das águas num porto próximo. Não queria, ou não conseguia, fornecer um endereço.

Tudo isto tornava a investigação sobre a minha regressão muito difícil e a única razão pela qual o meu marido hipnoterapeuta a prosseguiu foi devido à sua possível ligação com o Titanic.

A ideia de procurar a estação de comboio foi descartada por duas razões: primeira, que ninguém sabia em que parte do país se supunha que Lucie vivesse; segunda, os cortes de Beeching da década de 1960 provavelmente tê-la-iam removido dos mapas contemporâneos.

A única forma de estabelecer esta ligação era pressionando o botão de avanço rápido de Lucie para a noite da tragédia.

Mas, antes disso, algo mais tinha de ser estabelecido. Ele precisava de determinar se se tratava de uma recordação genuína de uma vida passada, ou de uma pequena história inventada (embora subconscientemente) pela escritora dentro de mim. Seria algo que eu tinha fabricado a partir de informações aprendidas, e há muito esquecidas conscientemente, mas que tinha guardado subconscientemente, para recuperação durante a recordação hipnótica?

Por outras palavras, seria um caso de criptomnésia (que, traduzido literalmente do grego, significa memória oculta)?

De volta ao estado hipnótico, fui instruída:

"Recua na tua própria vida, Monica, até ao ponto em que o teu interesse pelo Titanic foi despertado pela primeira vez..."

Obedientemente, as minhas memórias correram para trás, até pararem na idade de nove anos, quando eu estava a reviver uma cena no quarto dos meus pais, na cidade irlandesa onde vivíamos então. Eu estava fascinada com a história que a minha falecida mãe me contava sobre o belo transatlântico que se perdeu na sua viagem inaugural. Ela começou a cantar a versão Bethany de Nearer My God To Thee; explicando que alguém do seu conhecimento se tinha perdido naquela noite terrível há tanto tempo.

Mais uma vez, ouvi a sua voz falar-me de todas aquelas pessoas desafortunadas que morreram, e foram diretas para o céu a partir do fundo do mar. 'Os seus corpos estão no leito do oceano, mas as suas almas estão a ser levadas para o céu', disse ela. ∗1 A minha mãe, uma católica devota, recordava-os frequentemente nas suas orações.

Ainda sob hipnose, fui então dirigida para ir a qualquer momento da minha própria vida em que tivesse lido ou ouvido algo sobre Lucie Latymer, Stennie ou Miss Prim. Nenhum desses três nomes produziu algo além de um vazio.

"O relógio parou outra vez... agora está a andar para trás... quero que recues mais... flutuando, flutuando, para tempos antes de nasceres. Traz todas as memórias de Lucie. Tens quinze anos. Traz um momento feliz na vida de Lucie. Consegues ver onde estás?"

Um sorriso.

"Onde estás, Lucie?"

"No jardim, com ... Com...", outro sorriso.

"Adormece profundamente."

Fi-lo e fui envolvida novamente numa suavidade negra aveludada.

"Agora vem para o ano de 1912. É 1912... a noite de 14 de abril." Comecei a tremer, os meus dentes batiam: nunca tinha conhecido tal frio. Os meus dedos estavam azuis e sentia como se nunca mais fosse aquecer. Não conseguia parar de tiritar.

"Onde estás, Lucie?"

Conseguia ouvir a pergunta, mas era incapaz de responder: era como se a minha própria língua estivesse num congelador profundo. Por alguma razão ridícula, parecia estar sentada numa cadeira de convés à moda antiga a bordo de um navio. Uma manta de viagem em xadrez repousava sobre o meu joelho. Estava sozinha, mas sentia como se estivesse à espera que alguém se juntasse a mim.

A voz vinda através do tempo não me perturbou então, nem em qualquer outro momento durante as regressões. Não conseguia ver de onde vinha; mas era irrelevante. Naquele momento específico, o frio causava-me mais angústia do que qualquer outra coisa.

"Frio...", consegui dizer, por fim.

"Um frio cortante...", o meu tremor tornou-se tão violento que fui afastada da cena e instruída a relaxar por uns momentos, antes de ser devolvida ao presente.

Depois de uma chávena de chá revigorante, era chegado o momento do Grande Momento. Como me sentiria ao ser regredida para a morte de Lucie?

Tudo bem, disse eu, sabendo que se desistisse agora, nunca saberia o destino da pobre menina rica e do amigo que o seu pai severo, sem dúvida, desaprovava. Isso ficaria a moer na minha mente como um dente podre e não tratado a gangrenar no maxilar. Tendo chegado até aqui, TINHA de continuar.

Mas primeiro, precisava de outra chávena de chá. Sim, estava a ganhar tempo. Admito-o.

E, compreendendo a minha necessidade de uma pausa, o meu atencioso marido voltou a sua atenção para uma das outras pessoas em regressão no nosso grupo: uma mulher de meia-idade, cujo alter-ego era conhecido apenas como Gal.

Filha de um caçador, contou que vivia com o pai numa pequena cabana de montanha. Nenhuma data ou local puderam ser estabelecidos porque a criança era nova, e a sua vida terminou tragicamente uma noite quando — tendo esperado vários dias pelo regresso do pai — sucumbiu ao que considerámos ser hipotermia e inanição.

Nos seus momentos finais, a mente da criança evocou imagens de calor e sustento. Questionada sobre onde estava, conseguiu sussurrar que estava sentada diante de uma enorme lareira, a deliciar-se com uma tigela de guisado de coelho. Depois, a sua cabeça pendeu para o lado, e Gal deixou de existir.

Muito bem, Lucie: prepara-te para enfrentar o teu destino.

Acomodei-me na cadeira, fui induzida suavemente na hipnose e guiada de volta da forma antiga e familiar.

"Estamos a meio da noite de 14/15 de abril de 1912. Traz todas as memórias dessa noite. Estás lá... AGORA!"

Certamente estava. O tremor tinha-se intensificado; porque agora era uma mistura de frio e medo. Passaram vários momentos antes de eu ser capaz de falar. Ainda estava a bordo do navio; ainda no convés, mas agora a andar, a correr, e num estado de confusão total devido ao pânico geral a bordo.

O convés estava inclinado e a água preta, gelada como o gelo, aproximava-se de mim rapidamente. O meu vestido azul estava encharcado e eu tinha perdido um dos meus lindos sapatinhos.

É estranho como a mente funciona em momentos de crise. Eu tinha plena consciência de que todos os outros passageiros e tripulantes estavam a fugir DA água ameaçadora, mas eu corria para ela.

"Perdi", gritava eu. "Perdi...", repetia, uma e outra vez.

"Estás perdida?", veio a voz questionadora na minha cabeça. "Onde estás, Lucie?"

Eu era incapaz de explicar que não era eu que estava perdida, mas sim o meu sapato. Estava lá em baixo, nalgum lugar abaixo de mim, com o seu saltinho delicado preso na ranhura do convés. Eu tinha de o recuperar. Tinha simplesmente de o fazer. Não podia possivelmente seguir as outras pessoas usando apenas um sapato. O que é que elas pensariam?

A água preta e gelada tinha agora chegado aos meus joelhos, às minhas coxas, ao meu peito. Respirar tornava-se cada vez mais difícil à medida que os meus pulmões se enchiam de água. Estava a subir a uma velocidade aterradora... chegando ao meu pescoço, à minha boca, ao meu nariz, até eu estar a arquejar por ar. Era horrendo. Justo quando pensei que não aguentaria mais, o destino interveio, como acredito que frequentemente faz em tais ocasiões.

Nesse preciso momento, notei o que só posso descrever como um belo castelo de fadas à frente. Alto, cintilante como cristal, acenava para mim. O meu amor já lá estava: à minha espera.

Avancei, perdi o equilíbrio e fui engolida pelo mar.

Lucie já não existia.

Teria sido O Iceberg que eu vira naqueles momentos finais da vida de Lucie? Ou teria sido, tal como no caso de Gal, algo evocado para tornar a passagem mais fácil?

NOTA, CAPÍTULO QUATRO

**1 Algures no final dos anos 20 ou início dos anos 30, a minha mãe — ainda jovem — viajou de Liverpool para Nova Iorque no (primeiro) SS Mauretania. Ao comando estava o Capitão Arthur Rostron, que tinha capitaneado o SS Carpathia, o navio que resgatou muitos dos sobreviventes do Titanic. Ela contou-me que, durante a viagem, o Capitão Rostron (compreensivelmente considerado um herói pelos seus contemporâneos) falou com emoção sobre a tragédia e sobre o hino que se tornara, posteriormente, parte integrante da história do Titanic.*

Capítulo 5

No decurso do ano seguinte, sensivelmente, fui regredida à personagem de Lucie em várias ocasiões: sempre na companhia de várias testemunhas, a quem o meu marido frequentemente entregava o interrogatório e a investigação.

Geoff Whitfield, Secretário Honorário da British Titanic Society, passou muitos anos a investigar as vidas reais dos passageiros do navio (tanto os que se perderam como os que se salvaram). Dedicou cada momento livre do seu tempo a construir o seu impressionante portefólio. Todos os nomes, moradas, idades e detalhes pessoais estão arquivados na sua casa em Liverpool e, sempre que surge uma história sobre o Titanic, repórteres de jornais de todo o mundo procuram os seus comentários.

Embora Geoff tenha podido afirmar desde o início que ninguém chamado Lucie Latymer constava de qualquer das listas de passageiros (primeira classe, segunda classe ou terceira classe), vários viajavam sob nomes falsos. Nestas circunstâncias, concluiu ele, parecia altamente provável que, se Lucie estivesse a bordo, estaria a viajar incógnita.

Quer a infeliz rapariga tenha alguma vez existido ou não, tudo o que eu podia dizer naquela fase era que os efeitos daquelas primeiras tentativas de regressão pré-natal e as cenas que estavam a ser encenadas na minha mente subconsciente, incluindo o confronto com a morte, provaram ser totalmente benéficos. Não só removeram o meu medo irracional da água, como deram algum sentido às imagens que andavam a girar no meu cérebro há tanto tempo.

Agora que tínhamos conseguido localizá-las, elas começaram a filtrar-se espontaneamente para o meu consciente: por outras palavras, manifestando-se quando eu NÃO estava sob hipnose. Para a linha da frente da minha mente tombou um caleidoscópio de imagens — ou memórias distantes, se fosse isso que eram.

A forma como entravam na minha cabeça era tão aleatória como qualquer outro grupo de memórias mas, por uma questão de ordem, apresentá-las-ei em sequência, tal como suspeitei que pudessem estar relacionadas com o Titanic.

Na primeira, lá estava eu novamente sentada ao lado de um companheiro misterioso na parte de trás de uma carruagem de quatro rodas preta, de tração animal, atrás de dois cavalos de aspeto magnífico. Por vezes, a imagem era acompanhada por memórias do cheiro quente e pungente que invariavelmente se associa a estes animais.

Serei a única a achar esse cheiro a cavalo tão avassaladoramente nostálgico? Ou evocará ele um manancial de memórias noutras pessoas também? Sempre que me atinge as narinas, sou transportada diretamente de volta àquela curta viagem encosta acima, em antecipação de algo excitante. É como se alguém tivesse premido o botão de rebobinar rápido na minha mente.

Nesses primeiros dias após as primeiras regressões, as imagens da estância balnear eram também dominantes, e ali continuava eu a encontrar-me a mim e ao meu homem mistério rodeados por multidões.

Quanto mais frequentemente a imagem se manifestava, mais detalhes produzia: particularmente em relação ao que todas aquelas outras pessoas vestiam. As mulheres usavam vestidos compridos e os homens camisas de colarinho alto. Alguns estavam sentados em bancos, outros de pé por perto, conversando. Todos pareciam estar a observar e à espera de algo.

As recordações eram claras, também, de um grande casarão branco de tipo georgiano situado em vários acres de terreno; e isso também se tornou mais claro com o passar do tempo.

Também conseguia visualizar uma magnífica escadaria que descia para o que parecia ser um enorme átrio: um par de elevadores muito ornamentados transportando continuamente casais elegantemente vestidos e senhoras idosas e corpulentas de um andar para o outro. Utilizo a palavra ‘andar’ em vez de ‘convés’, porque quando estas impressões surgiram pela primeira vez, pensei que poderiam ter feito parte da grande casa branca que eu procurava constantemente.

Foi apenas depois de se terem manifestado várias vezes que comecei a sentir que os elevadores não estavam em harmonia arquitetónica com a casa: eram mais adequados ao estilo de um hotel ou de um grande transatlântico.

Com o passar dos meses, a memória (consciente) mais distinta de todas era a de estar num meio de transporte que era tão grande, tão belo e tão importante que era, literalmente, o tema de conversa da cidade: ah, mas de QUAL cidade? Essa era a pergunta de um milhão de dólares. Era absolutamente intrigante devido à forma como eu me sentia realmente importante por associação.

Isto pode soar totalmente disparatado mas, ainda hoje, esse sentimento atinge-me sempre que estou sentada num autocarro ou comboio completamente cheio. O que desencadeia a memória e o impulso associado de acenar é ver multidões de pessoas paradas numa paragem de autocarro ou na plataforma de uma estação, a ver o meu transporte passar.

Não, não tenho idade suficiente para ter viajado eu própria no Titanic; apenas posso assumir que o meu alter-ego sentiu o impulso de acenar aos espetadores que viam o grande navio passar por eles enquanto acenavam as suas despedidas, da costa: ou de onde quer que fosse.

(Só muito mais tarde é que descobri que a costa ficava demasiado longe para que as pessoas que desejavam felicidades fossem vistas; os únicos espetadores à vista teriam sido os que estavam a bordo da embarcação de apoio que regressava a terra firme).

Sem surpresa, a memória mais forte é a de caminhar ao longo de uma marginal inclinada na direção oposta a todos os outros; de prender um lindo saltinho Louis numa ripa de madeira e de puxar por ele tão desesperadamente e durante tanto tempo que perdi o último barco para a segurança. (Ainda adoro sapatos bonitos, embora não ao ponto de dar a vida por um deles. Por um cão, sim. Por um sapato, não!)

Outra memória remota é a de entrar na água e 'caminhar' em direção a uma estrutura alta. Receio que Lucie devesse ter alguma deficiência intelectual. De que outra forma explicaria ela ter caminhado PARA DENTRO da água, em direção ao que considerava ser um castelo de fadas e às luzes brilhantes que o rodeavam?

Muito bem, provavelmente foi atraída pela sua beleza e pelo impulso de ver quem lá vivia. Mas, com certeza, ela deveria saber que ninguém poderia viver no meio do Atlântico Norte, e que teria sido melhor tentar embarcar num bote salva-vidas, como toda a gente?

Que impressão deve ter causado nela, no entanto. Hoje, basta-me ver uma fotografia de O Iceberg e aquele castelo fantástico sobrepõe-se invariavelmente à imagem impressa. Terei eu — ou a infeliz Lucie, cujas memórias pareço partilhar — realmente caminhado para dentro da água em direção à estrutura gelada, com os seus raios de luz a brilhar em cada janela? E, se assim foi, terá sido porque a luz da sua vida (por assim dizer) tinha partido à frente e estava a acenar-lhe de uma daquelas janelas brilhantes?

Se houver quem acredite que foi porque a minha mãe me falou do Titanic na infância que eu inventei todo este episódio para justificar o meu medo irracional da água, deixem-me colocar uma questão.

Expliquem, por favor, por que haveria eu de escolher uma estância com a qual não estava, na altura dessas regressões de 1990/1991, familiarizada: embora tenha, de facto, visitado posteriormente o local, e se tenha revelado muito revelador também (como também será explicado num capítulo posterior). Como poderia eu saber todos os detalhes históricos relativos ao dia em que o Titanic atracou para recolher o seu último grupo de passageiros no local agora conhecido como Heartbreak Pier.

Mais curioso ainda, como é que a informação sobre a baronia de Latymer me entrou na cabeça?

Poderia a personagem à qual regredi ter sido um dos meus antepassados? Possivelmente, mas se assim fosse, por que meios poderia ela ter transmitido a memória da sua morte?

Tal como os pássaros herdam a capacidade de voar e os peixes a de nadar, também o metabolismo humano pode conter um núcleo de memórias genéticas que, quando exploradas, são capazes de produzir informações até então desconhecidas.

É um facto que várias capacidades latentes podem ser ativadas e células adormecidas despertadas sob hipnose, por isso não será possível que memórias há muito esquecidas, passadas através de uma linhagem familiar, sejam recordadas durante a hipnose regressiva ou em sonhos lúcidos?

Não será essa a forma como os eventos do passado afetam os pensamentos e atos atuais de uma pessoa? É possível, claro. Mas, como já

foi salientado, contra essa teoria está o conceito de transmitir geneticamente as memórias da própria morte, e aí temos um conceito que parece desafiar a lógica.

Na verdade, TODOS parecem desafiar a lógica, à exceção da nossa velha favorita: a reencarnação. Na minha opinião, é a teoria mais popular para explicar a regressão e, com ela, a noção de incidentes passados a afetar o comportamento presente. É certamente um meio muito satisfatório de explicar essas fobias persistentes.

Durante muitos séculos, as religiões cristãs basearam-se no pressuposto de que, quando se parte desta vida, algum poder supremo decide ou pela salvação eterna, desfrutando da 'glória de Deus', ou pela condenação eterna, sendo privado dela.

Os dogmas da igreja cristã foram fundados em tais ensinamentos que, embora provavelmente destinados originalmente a ser simbólicos, foram tomados literalmente por uma vasta maioria de pessoas no passado.

Embora a maioria das religiões defenda a visão de que existe algum tipo de vida após a morte, é a natureza dessa vida que cria o obstáculo e dá origem a tantas crenças supersticiosas.

O princípio básico de toda a ciência é que nenhuma energia pode ser destruída. Se a Força Vital que está contida na estrutura humana é uma forma de energia — o que definitivamente parece ser, uma vez que o pensamento parece produzir impulsos elétricos — então não há razão para que haja uma exceção neste caso particular. A Força Vital também deveria ser indestrutível e estar disponível para reutilização vezes sem conta.

A reencarnação, ou reutilização dessa força, ou espírito, ou qualquer outro nome que lhe dermos, parece oferecer uma explicação para o conceito de regressão, particularmente em relação à ideia de reter certos atributos, hábitos e sintomas.

A essência fundamental do nosso ser pode ser eterna, indestrutível e transmissível, mas referir-se, como Pitágoras fez, à sua transmigração, confere à noção tons vagamente religiosos que ela não possui necessariamente.

Ian Currie é um autor e tanatólogo canadiano (alguém que se especializa no estudo científico da morte e dos fenómenos associados). Escreveu e deu conferências extensivamente sobre a vida após a morte.

A sua tese é que as pessoas podem, e de facto sobrevivem, à morte física. Quando o entrevistei durante uma digressão de palestras para promover um dos seus livros ∗1 falou entusiasticamente das suas descobertas em relação a assombrações, visões no leito de morte, comunicações mediúnicas e, claro, alegações de reencarnação: citando a observação de Voltaire 'Nascer duas vezes não é mais notável do que nascer uma vez.'

Mas basta de filosofar: passemos à Lucie, para uma biografia resumida da sua vida relativamente curta.

NOTA, CAPÍTULO CINCO

∗1 Currie, Ian, You Cannot Die, Hamlyn (1988).

Capítulo 6

Lucie parece ter nascido algures no início da década de 1890. A dificuldade em fixá-la deveu-se ao facto de, quando pressionada por respostas, ela simplesmente torcer o seu nariz 'aristocrático' e responder com desdém que a sua idade não dizia respeito a ninguém senão a si própria.

A acreditar nela, a sua primeira infância foi de dias felizes, salpicados de sol, em que nada de especial aconteceu além de um par de mudanças de casa, cujos detalhes não puderam ser extraídos dela. Foi pouquíssimo prestável em fornecer informações sobre qualquer um dos seus locais de residência. A única impressão fornecida foi a de ter crescido como um tipo de criança solitária, que se tornou uma adolescente aborrecida e, por isso, altamente fantasiosa. Quando o trabalhador vigoroso na propriedade do seu pai começou a fazer avanços, a resposta de Lucie dificilmente surpreende.

Perguntas sobre a data — mesmo que ela a soubesse — não seriam apropriadas quando ela se encontrava como uma criança pequena, confusa e perplexa, a olhar para o corpo inerte da sua mãe no tanque. Aos 15 anos,

quando estava novamente no jardim, só que agora na companhia do jardineiro ocasional, a data seria o último pensamento na sua cabeça. O nome dele nunca foi devidamente estabelecido, porque ela apenas se referia a ele como 'Stennie'. Tudo o que posso dizer, retrospetivamente, é que o período em que viveu parecia ser o início deste século; e as minhas recordações de onde passou a maior parte da sua vida eram as de uma casa de campo muito sumptuosa.

Um casarão com estábulos, situava-se em vários acres de terreno, numa propriedade que ficava a milhas de distância de qualquer lugar.

Nos recessos mais profundos da minha memória, ainda consigo ouvir (e cheirar) aqueles comboios a vapor a bufar para dentro e para fora da pequena estação de comboios no fim da alameda.

O Papá, fosse um barão ou um fidalgo agricultor, era certamente o senhor da mansão: rico, autoritário, distante e autocrático. A sua graciosa casa tinha uma biblioteca, sala de música, sala de estar espaçosa, bem como uma cave de vinhos abaixo da cozinha e pavões no jardim. A casa estava repleta de relíquias de família inestimáveis, pinturas, antiguidades, pratas, cerâmicas, porcelanas finas e loiça.

Num ambiente assim, a maioria das jovens teria sido feliz: mas não a Lucie. Era tudo demasiado repressivo para o seu gosto. Porque o seu pai insistia em colocar distância entre si e os seus vizinhos, a solidão de Lucie aumentava a cada ano que passava. Passava horas de solidão no jardim, com apenas o seu cão de estimação, Brindley, por companhia.

O Papá era totalmente inacessível. A Mamã, tendo estado ausente virtualmente durante todos os seus anos de formação, nunca reapareceu; o que parece sugerir que o acidente presenciado pela criança tinha, de facto, sido fatal. O seu único alívio vinha durante os seus encontros clandestinos com o sempre afetuoso Stennie.

Deduzimos que o seu jovem era de linhagem cigana. (Laivos de Lady Chatterley? Definitivamente não: eu nunca tinha lido a história). Ele era um arraso absoluto, com cabelo preto encaracolado, olhos castanhos profundos e pele bronzeada, incrustada de terra.

Falava com um sotaque que era mais pitoresco do que qualquer coisa que Lucie alguma vez tivesse ouvido entre as pessoas que viviam na aldeia

estrada fora, ou mesmo no seu local de residência anterior. Stennie, questionado por Lucie sobre a sua fala, disse-lhe que era porque, tal como ela, não tinha nascido naquela parte do país, e tinha viajado por toda a parte antes de vir trabalhar para Sua Senhoria.

Tendo ganho a confiança um do outro, o par prosseguiu a sua relação em locais secretos que variavam entre o pomar, um canto isolado do jardim murado, a enorme estufa antiga e o pequeno e acolhedor barracão de jardinagem. Os seus encontros nem sequer eram para satisfação sexual. Lucie era demasiado pudica — demasiado sofisticada — para isso; e suponho que o jovem estaria demasiado consciente do seu destino se ultrapassasse a marca.

O inevitável aconteceu.

A descoberta do que se passava sob o seu nariz patrício deixou o Papá branco de raiva. Estava, vociferava ele, sem conseguir compreender o que tinha levado uma jovem bem-educada da sua classe a comportar-se com tal falta de decoro. Por muito que a rapariga protestasse a sua inocência, ele recusava-se a dar-lhe o benefício da dúvida. Certamente, ela percebia que o sujeito era um biltre e um caça-fortunas.

Era inútil.

Lucie, num momento de pura bravata, anunciou que, se o Papá não conseguia aceitar o homem que tanto significava para ela, então ele poderia dizer adeus à sua filha também. Como era previsível, ela foi enviada para o seu quarto. Igualmente previsível, ela escapou... para os braços bronzeados de terra do trabalhador.

O encontro deles teve lugar no fim da alameda, sob a própria sombra da estação de comboios escurecida, que estava fechada para a noite.

A sua pequena mala continha uma muda de roupa, algumas peças de roupa interior, umas moedas e bugigangas do baú do tesouro que tinha ao pé da sua cama. Ao pescoço, usava um medalhão com fotos da Mamã e do seu amado cão Brindley, cujas partidas ela ainda pranteava.

Não tinha deixado nenhum bilhete para o Papá, nenhum adeus carinhoso. Não lhe importava se alguma vez voltaria a vê-lo ou à sua desagradável governanta. Gratificava-a imenso refletir que, pela manhã, ao descobrir que ninguém tinha dormido na sua cama e que ela não estava em

lugar algum, o Papá estaria como um touro enraivecido. Mas, por essa altura, o par estaria a milhas de distância. A tiritar de uma mistura de apreensão e excitação, a fugitiva lançou um último e demorado olhar para a sua casa. Depois, deixou-a para sempre.

Entusiasmada por ter escapado do seu local de encarceramento, Lucie voltou-se para Stennie. O homem por quem ela tinha desistido de tudo levou-a rapidamente no dorso de um cavalo roubado. Ele tinha parentes no Novo Mundo e era para lá que iriam.

"O quê?", trinou ela. "Esta noite...?"

"Onde estás, Lucie... o que estás a fazer...?" a pergunta estava apenas na sua cabeça. Já a tinha ouvido algumas vezes antes, mas nunca a incomodou: não como a incomodaria se fosse a voz do Papá.

Lucie não dizia onde estava nem o que estava a fazer. Por que haveria de o fazer? Como poderia ter a certeza de que A Voz não faria o relato ao Papá?

Não que ele tivesse muito sucesso em apanhá-la, pois já tinha passado muito tempo desde que saíra de casa e muitas centenas de milhas separavam-nos agora. A jornada para Lucie e o seu acompanhante incluiu viagens por terra e mar. Tanta coisa tinha acontecido desde a noite em que fugira.

Não ficaria o Papá satisfeito por saber quão terrivelmente o mundo dela tinha sido virado do avesso, antes de se endireitar, como que por milagre, no último minuto? ∗1

Ela não estava disposta a arriscar, no entanto. Até o pensamento sobre os seus assuntos do coração a deixava com pele de galinha. Mudou os seus pensamentos para assuntos mais prazerosos... como o seu futuro com o homem celestial e adorável cuja mão ela apertava enquanto se sentavam lado a lado num banco.

Faltavam apenas três dias. Três dias e estariam no alto mar, a caminho de um novo e excitante lar só deles.

"Onde estás, Lucie?", repetiu A Voz. "Consegues ouvir-me?"

Ela acenou com a cabeça para mostrar que, claro que conseguia ouvir. Pensaria A Voz que ela era surda, ou algo parecido? Por que carga de água

haveria ela de responder, afinal? Não tinha qualquer intenção de lhe falar da sua vida privada e A Voz não tinha nada que perguntar. Era rude ser tão cusca.

"Adormece profundamente... profundamente..." Sim, ela precisava mesmo desse sono. A viagem até aqui tinha sido tão cansativa. Até ele, sentado ao lado dela, sentia necessidade de passar pelas brasas.

"Adormece, Lucie..."

Sob o sol quente de abril, sentiu-se a cabecear, a dormitar, a sonhar com a sua vida encantada que tinha pela frente. Acordou sentindo-se deliciosamente revigorada.

A vida era boa: melhor do que alguma vez a tinha conhecido. O seu companheiro era a pessoa mais maravilhosa do mundo e ambos estavam loucamente excitados com a chegada iminente do grande navio.

Tinha havido uma pequena confusão com os bilhetes. O navio em que iam navegar não era o que era suposto ser, mas seriam ela e o seu companheiro as PESSOAS que era suposto serem?

Ela não era a jovem entediada cujo espírito o Papá tinha tentado esmagar. Ele, também, era diferente, mas nada disso importava desde que ficassem juntos e continuassem a colocar centenas de milhas entre si e o Papá.

Ela olhou ao seu redor; suspirando enquanto absorvia as vistas da cidade de vários ângulos e refletia sobre a beleza do lugar. Lucie ouviu dizer que tinha havido uma visita Real pouco antes da morte de Sua (falecida) Majestade e que a velha Rainha tinha amado tanto o lugar que os dignitários da cidade o tinham renomeado, em sua honra. Não era de admirar que a Rainha tivesse ficado tão impressionada. A senhora Real teria provavelmente aproveitado ao máximo os belos passeios à beira-mar, as enseadas de areia e as estradas sinuosas e montanhosas.

Tal como ela própria, pensou Lucie.

As pessoas locais continuavam a oferecer a mão da amizade e, embora o seu companheiro gostasse de uma conversa e de uma bebida com os homens, ela optou por manter a distância. Nunca à vontade a misturar-se com os outros, sentia-se desconfortável na companhia de estranhos. E se a sua língua escorregasse?

Olhou fixamente através da água para onde o navio deles chegaria na manhã de quinta-feira e partiria com a maré do meio-dia. Os papéis estavam em ordem: guardados em segurança no bolso do seu herói.

O vestido azul favorito de Lucie tinha sido lavado, em preparação para a viagem. Era pena que os seus planos de casar não tivessem tido sucesso. Por uma questão de aparência, viajariam como irmão e irmã, mas seriam marido e mulher poucos dias após porem os pés em Nova Iorque.

"Oh, querido... a menos que seja possível casarmo-nos a bordo do navio?", sugeriu ela. "Achas que talvez possa ser?"

Em resposta, ele apenas lhe deu um daqueles sorrisos devastadores que faziam os seus olhos brilhar e todo o seu rosto adorável iluminar-se. Abraçaram-se novamente.

Irmão e irmã, com efeito. Que divertido. Eles nem sequer se assemelhavam remotamente. Ele era tão moreno e ela tão clara... para não mencionar a diferença de fala muito óbvia. Essa era outra razão para deixar que ele fizesse todo o trabalho de falar.

Ela olhou novamente para os nomes nos bilhetes: Dennis e Mary Lennon. O Papá nunca a encontraria agora: se é que ele sequer a QUERIA encontrar, o que ela duvidava. Deveria ser uma filha zelosa e escrever-lhe uma curta carta ao chegar a Nova Iorque?

"Avança para 11 de abril de 1912, Lucie. Aproxima-se o meio-dia de quinta-feira, 11 de abril de 1912. Onde estás?"

Já não importava. Lucie podia responder à Voz agora que estava a caminho. Ela e o seu amor aproximavam-se da frente da fila que avançava ao longo do cais periclitante em direção à embarcação de apoio. Ela ficaria contente quando estivessem a bordo do grande navio, embora o porquê de ele não poder vir até eles, em vez de os fazer viajar todo aquele caminho desde a costa, ela não conseguia compreender. Pequenos barcos engraçados carregados de recordações, rendas e sacos de correio preparavam-se para navegar pela água ao lado deles.

Estavam a bordo da embarcação de apoio, agora; movendo-se lentamente para a frente. Os sinos de uma igreja na colina atrás deles, repicando solenemente há tanto tempo, pararam quando o relógio deu as doze badaladas.

Alguns dos seus companheiros de viagem benziam-se e rezavam em voz alta, juntos. ‘Dennie’, como ela escolheu chamar ao seu companheiro, juntou-se a eles. Lucie observava e ouvia; confusa. Não, não. Devia ter cuidado. Já não era Lucie. Era Mary, agora. Mary Lennon, se alguém perguntasse.

Exceto A Voz. Ninguém mais conseguia ouvir aquilo, por isso permitiu que continuasse a chamá-la de Lucie. A Voz conhecia-a antes de ela vir para aqui, nenhuma destas pessoas a conhecia. Não havia nada que ligasse Lucie a Mary, que era como ela queria que fosse.

Para A Voz, ela era uma dama inglesa... Lucie Latymer. Para as autoridades e para todos os que faziam esta viagem, ela era Mary Lennon, que era irlandesa. Eram duas pessoas diferentes.

A fim de manter a pretensão de não ser diferente dos outros, fechou os olhos e entoou silenciosamente uma oração própria; depois, tendo observado os seus companheiros de viagem fazerem o Sinal da Cruz, aperfeiçoou a técnica e viu o seu ‘irmão’ acenar com a cabeça em aprovação.

Nos últimos dias, descobrira o quanto a religião significava para aquelas pessoas. Iam à igreja todas as manhãs e rezavam cada vez que os sinos dobravam. Estavam constantemente a invocar o nome do Senhor, da Virgem Maria e de santos de que Lucie nunca ouvira falar.

Como eram diferentes do Papá e dela própria, que apenas agraciaram a igreja paroquial em dias de festa e dias santos: e então simplesmente para dar o exemplo aos rústicos da aldeia que tiravam o chapéu à sua passagem. Papá. Hmph!

A Voz repetiu a sua pergunta.

“Onde estás, Lucie...?”

O seu olhar absorveu a cena de azáfama e atividade, mas ela optou por não responder. Terminadas as orações, um homem alto e magro sentado à sua frente afinou as suas gaitas de foles e começou a tocar um lamento fúnebre. Os outros passageiros chamavam às gaitas ‘ill’, ou algo semelhante — e o som delas certamente fazia Lucie sentir-se ill (doente). Era tão horrível.

"Não estás sozinha, pois não, Lucie?", continuou A Voz. Ela abanou a cabeça. "Com quem estás?"

Os seus olhos percorreram o barco, o seu olhar pousando brevemente no seu parceiro incrivelmente bonito, antes de captar uma visão geral dos homens e mulheres vestidos com roupas gastas que ainda entoavam as suas orações. Criados domésticos, seriam eles. À Voz, ela respondeu imperiosamente (e não sem um elemento de travessura) "O meu séquito... estou com o meu séquito."

Pobre Stennie, Dennie, ou quem quer que ele fosse. Como é que ele a aguentava? Deve ter sido um jovem muito tolerante.

Pergunta-se se ele parou sequer para pensar no que se estava a meter.

NOTA, CAPÍTULO SEIS

∗1 Se o leitor estiver confuso, peço desculpa, mas isso apenas reflete a confusão que os investigadores encontraram ao tentar deslindar este emaranhado. Quem exatamente ERA o parceiro de Lucie? A tarefa de o identificar levou quase tanto tempo como as tentativas de encontrar a própria senhora. Cinco anos de análise de documentos amarelados produziram finalmente resultados. Tenham paciência comigo... tudo será revelado em capítulos posteriores.

Capítulo 7

O estado de espírito a bordo da embarcação de apoio era misto. Alguns dos homens e mulheres choravam porque estavam a deixar os seus

pequenos lares e quintas não por escolha, mas por necessidade. Eles — tal como o nosso casal em fuga — acreditavam que a sua única esperança de prosperar era emigrar para a terra das oportunidades.

Lucie suspeitava que, entre os seus companheiros de viagem, havia outros que estavam na mesma posição que Dennie e ela própria; o olhar nos seus olhos e a sua indisposição para conversar com mais ninguém denunciavam-nos. Ela desviou o olhar deles, de volta para a costa, e chamou a atenção do seu amado para os grupos de casas caiadas de branco espalhadas pela encosta da montanha. Sob o sol do meio-dia, as suas águas-furtadas e fachadas brilhavam contra um fundo de vegetação.

Lucie lembrou-se nostalgicamente de um bolo que a Mamã tinha cozinhado para o Natal um ano, quando ela era muito pequena. Com a forma de uma casinha, estava coberto de açúcar em pó branco, e o seu telhado era 'colmado' com lascas de chocolate delicioso. A porta e as janelas eram também feitas de chocolate; moldadas com um funil de papel.

A Mamã era tão inteligente. Lucie sentia imenso a sua falta e tinha a certeza de que a Mamã não teria desaprovado o seu maravilhoso companheiro. Pobre e querida Mamã. Por que teve ela de tropeçar e cair no tanque? Se o Papá o tivesse mandado tapar antes de ela o fazer, o trágico acidente nunca teria acontecido. A morte dela foi culpa do Papá. Tudo era culpa do Papá.

Será que ele alguma vez amou a Mamã, perguntou-se vagamente enquanto observava a espuma branca quebrar contra a linha da costa.

As formas das pequenas casas tornavam-se cada vez mais indistintas à medida que a costa começava a desaparecer de vista. Os barcos a remos, bufando ao lado, carregados de bagagem e sacos de correio, eram embarcações de aspeto engraçado. Lucie perguntou-se se seria mais confortável a bordo de um daqueles do que nesta horrível e superlotada embarcação de apoio com pelo menos outras cem pessoas todas espremidas umas contra as outras. Ela sabia agora como se sentiriam as sardinhas numa lata se estivessem vivas; o que, felizmente, não estavam. Que pensamento tolo.

O homem em quem ela devia agora pensar como seu irmão percebeu o seu sorriso, estendeu a mão para segurar a dela e sorriu de volta. O seu coração saltou uma batida. Ele era tão bonito, e ela amava-o tanto. 'Mary

Lennon' mal podia esperar para chegar a Nova Iorque e começar a sua nova vida juntos.

Ela entendeu que este seria o último porto de escala do grande transatlântico antes de se lançar ao alto mar e então seria, como os outros continuavam a dizer, 'a todo o vapor' para a América. Estes grandes navios podiam viajar muito mais rápido do que aqueles antigos que ela costumava observar quando conseguia sair de fininho de sua casa e ir até ao porto.

Agora que se aproximavam do enorme transatlântico, conseguia sentir todo o seu corpo a formigar. A pontada de apreensão que tinha sentido antes de sair de casa para começar a sua jornada épica começou a manifestar-se novamente. Estaria ela a ser temerária ao esperar que Dennie passasse o resto da vida com ela? Estariam a fazer a coisa certa ao deixar tudo para trás?

Era um navio tão ENORME, parado ali em cima da água, que Lucie não era a única pessoa impressionada com o seu tamanho. Muitas das mulheres expressavam os seus medos em voz alta.

Estavam ao lado agora, prontos para embarcar.

"Onde estás, Lucie? O que estás a fazer?"

Oh, que chatice. Não, A Voz outra vez não.

Bem, ela certamente não ia responder quando precisava de toda a sua atenção para trepar aqueles degraus escorregadios. Desta vez, não repetiu a pergunta, e deixou-a em paz até estar em segurança a bordo. Então ouviu-a novamente.

"Onde estás, Lucie? Consegues ver onde estás?"

"Com certeza!", retorquiu ela.

"Onde estás?"

"Estou aqui. No grande navio."

"Estás sozinha?"

"Não...", respondeu ela, irritada com a forma como as multidões a empurravam e acotovelavam. "Ainda estou com o meu séquito."

A maioria dos homens e mulheres que tinham embarcado com ela parecia ter sacudido a sua ansiedade e os seus homens estavam positivamente excitados com o pensamento do que poderia estar para vir. Todos queriam ver os seus quartos — ou cabines, como eram chamados — e examinar o próprio navio.

Quando os motores arrancaram e a grande embarcação começou a mover-se, Lucie ficou no convés de mãos dadas com o seu amor. Permaneceram nessa posição enquanto o navio navegava lentamente ao longo da costa, com o capitão a retribuir as sirenes e apitos de cada navio que passava. Então algo horrível aconteceu. Funcionários separaram Dennie e ela própria. Um comissário fardado explicou que apenas casais casados tinham permissão para ficar juntos.

Que descuido o deles. Por que não tinham fingido ser marido e mulher, em vez de irmão e irmã? Nenhum dos dois tinha previsto isto. O homem fardado explicou que homens e mulheres solteiros seriam acomodados em secções diferentes do navio. Lucie explicou em termos inequívocos que não era uma mulher, mas uma dama. Apesar de si própria, o seu comportamento era tal que sempre impunha atenção.

O comissário, ouvindo a sua maneira de falar e reparando nas suas roupas caras e no medalhão de ouro pendurado ao pescoço, chegou a pedir desculpa e conduziu-a para fora deste local de encontro e para cima, para a secção de Primeira Classe.

Em todo o caos, ele não se lembrou de pedir o bilhete dela.

A visão que a saudou quando entrou na secção de Primeira Classe fê-la arquejar. Era tão LUXUOSA. Não admira que os cavalheiros e senhoras estivessem cheios de admiração enquanto contemplavam a grande escadaria. Os corrimãos tinham-se tornado ouro amarelo devido à luz solar que entrava pela cúpula de ferro forjado e vidro diretamente acima.

O sol incidia também nas paredes de carvalho polido e nos balaústres dourados. Aquelas das senhoras idosas emproadas e os seus acompanhantes que não estavam a passear pela magnífica escada, estavam de pé em frente às portas muito ornamentadas dos dois elevadores idênticos.

O fôlego de Lucie quase se esvaiu ao contemplar o belo painel no patamar, com o seu relógio, rodeado por duas figuras que simbolizavam a Honra e a Glória, coroando o Tempo. Mas a sua alegria durou pouco.

Uma mão com luva branca no seu ombro fê-la virar-se para encarar outro comissário, e este ESTAVA a pedir para ver o seu bilhete. Ela mostrou-o a ele, sorriu docemente e disse confiar que tudo estava em ordem.

Certamente não estava, disse-lhe a sua voz ríspida. Ela não tinha o direito de estar aqui. O dela era um bilhete de terceira classe, rosnou ele, e ordenou que voltasse imediatamente para onde pertencia: na terceira classe.

A sua farda podia ser a de um oficial, mas ele não era um cavalheiro. Era um homem extremamente grosseiro. Lucie objetou fortemente à forma como estava a ser manuseada, mas não fez diferença.

Foi-lhe ordenado que saísse daquele belo lugar imediatamente e voltasse para baixo, para onde o homem horrível disse que ela teria de ficar pelo resto da viagem.

Onde estava Dennie? O seu querido e doce Dennie? Ele tinha sido levado para a outra ponta do navio antes de ela ter tido sequer oportunidade de se despedir. Teria ele sido conduzido, como ela própria, para esta secção inferior e infinitamente menos agradável do navio, onde tudo se comparava da forma mais desfavorável com os sumptuosos compartimentos da primeira classe?

Oh Dennie, querido Dennie... onde ESTÁS tu?

Se nunca tinha rezado na sua vida, rezou agora. Querido Deus, encontra-o para mim, POR FAVOR.

Eles nunca deveriam ter sido separados. Onde estava ele? Vamos lá, Deus, por favor diz onde ele está. As orações não surgiam naturalmente a Lucie; Deus era uma figura remota, com quem ela nunca tinha tido familiaridade.

Ela não tinha a certeza absoluta se sequer ACREDITAVA n'Ele; embora pensasse que talvez este não fosse o lugar para dar a conhecer as suas opiniões; não com tantos fanáticos religiosos por perto. De qualquer forma, como Ele não parecia muito inclinado a fazer nada por ela, decidiu partir ela própria em busca de Dennie.

Esgueirou-se furtivamente ao longo de um corredor e espreitou para dentro da porta aberta de uma cabine. A mulher desagradável de cabelo grisalho lá dentro lançou-lhe um olhar e fechou-lhe a porta na cara. Estúpida ignorante.

A hospedeira que presenciou o incidente foi um pouco mais compreensiva e perguntou a Lucie por quem estava ela à procura. Ela explicou que procurava o seu irmão, Dennis Lennon. Ao descrevê-lo à hospedeira, foi-lhe dito para descer até ao fim do corredor, onde vários dos homens poderiam ser encontrados na sala de fumadores.

A hospedeira obviamente não conhecia o Dennie, ou perceberia que ele nunca estaria num lugar desses, porque não fumava. Teria ela tentado o salão de jantar e a sala de estar comum, então? Ela tinha tentado em todo o lado, disse à rapariga. Sem sucesso. O seu 'irmão' não estava em lado nenhum. A rapariga prometeu que ficaria atenta a ele, e Lucie agradeceu-lhe enquanto ela se afastava para continuar com os seus deveres.

Lucie não era normalmente de mostrar as suas emoções, mas sozinha novamente, os seus olhos começaram a arder e logo lágrimas quentes rolavam pelas suas faces. Ela estava totalmente desolada.

Além de querer aninhar-se nos braços de Dennie novamente e reafirmar o seu amor por ele, pensou que seria uma ideia bastante original levá-lo às escondidas para cima e mostrar-lhe as belas salas da Primeira Classe.

Que adorável seria se pudessem tomar chá no *Café Parisien*, ou no café do terraço, em ambos os quais ela tinha espreitado antes de aquele homem horrível a ter empurrado. Ela não tinha visto a sala de jantar, mas tinha ouvido por acaso uma matrona gorda e empenada descrever o seu esplendor.

Sonhos, sonhos.

Ela sabia muito bem que não lhe seria permitido subir lá novamente: com ou sem o Dennie. Como teria sido adorável, no entanto, ser acomodada com o seu amor num dos camarotes da primeira classe, em vez de ter de se contentar com estas salas públicas que não tinham privacidade alguma.

Tudo aqui em baixo era horrível. Aposentos de criados, era o que eram. Pior. Os criados seriam despedidos se se comportassem desta maneira: sendo barulhentos e FICANDO ENJOADOS, se faz favor. Não havia realmente desculpa para isso, porque o mar estava perfeitamente calmo. Não tinham eles autocontrolo?

E aquelas crianças medonhas: a chorar e a gritar umas com as outras como pequenos selvagens. O facto de ela sentir tanto a falta de Dennie estava a tornar Lucie irritável e desanimada.

Navegavam há pouco tempo quando uma mulher tonta, debruçada sobre o convés e a rezar com as suas contas, as deixou cair na água cintilante lá em baixo e, enquanto as via flutuar, começou a lamentar-se que aquilo era um presságio. O seu rosário estava perdido, agora ela também estaria perdida, insistia. O navio ia afundar. Esse tipo de histeria irritava realmente a Lucie. Estas pessoas eram tão supersticiosas.

Nenhuma quantidade de consolação ou de apaziguamento calava a mulher a soluçar. Lucie lançou-lhe um olhar fulminante, para que não houvesse dúvidas na mente de ninguém sobre como *ELA* se sentia.

Afastou-se com desdém. No local a que chamavam a sala de estar, pediu uma chávena de chá revigorante.

"Consegues ver onde estás, Lucie?" Oh, *A Voz* outra vez não.

Conseguia, mas não estava muito impressionada com a vista. E disse-o à *Voz*.

"Onde estás?", perguntou esta, como frequentemente fazia.

"Estou aqui... a tomar chá..."

"Chá das cinco, não é?"

"Sim", sorriu ela sardonicamente. O chá das cinco na casa de Lucie consistia em sanduíches de pepino e bolos de creme com compota. Servidos numa bandeja de prata, claro. Por vezes comia *scones* torrados, bolachas de água e sal e a especialidade da cozinheira: um bolo de madeira esfarelado com sabor a limão, e havia sempre fruta fresca da época. Ela não estava habituada a menos que isso. Se não tivesse visto a esplêndida secção de Primeira Classe deste navio, talvez não tivesse considerado esta parte

tão inferior, mas tinha visto, e considerava, e deu a conhecer as suas opiniões em termos inequívocos.

"Já conheceste algum dos outros passageiros, Lucie?"

Que pergunta parva. Claro que os tinha conhecido, mas não eram o tipo de pessoas com quem ela provavelmente se associaria.

"Quais são os seus nomes?", perguntou *A Voz*.

"Como é que eu hei de saber?", retorquiu ela.

"Não foste apresentada?"

"Não desejo ser apresentada", afirmou ela imperiosamente.

"Por que razão, Lucie?"

Céus! Como poderia ela sequer começar a responder a tal pergunta? Não era óbvio?

Saiu para o convés. A mulher a lamentar-se e as suas amigas miseráveis tinham-se ido embora, graças a Deus, por isso encontrou uma cadeira de repouso e sentou-se um pouco em solidão.

"Onde estás agora, Lucie?"

"Estou no convés."

"Como está o tempo?"

"Está uma tarde agradável", respondeu ela formalmente.

"Estás sozinha?"

"Neste momento, sim."

"Não estás com o teu séquito?", provocou *A Voz*.

Mas Lucie não estava com disposição para brincadeiras.

"Estou completamente sozinha", disse ela tristemente, com os seus pensamentos apenas no Dennie.

"Relaxa, Lucie... adormece profundamente... profundamente... Agora avança para sexta-feira. É sexta-feira, 12 de abril de 1912. Onde estás?"

Ainda estava a bordo do navio: estaria por mais alguns dias.

Ela sorriu. Estava com o Dennie, por isso estava feliz outra vez. Beijaram-se apaixonadamente, alheios a qualquer pessoa que pudesse ter visto e suspeitado da verdade.

"Onde estás, Lucie?", repetiu *A Voz*.

"Estou com o Stennie", disse ela, porque mencionar o Dennie teria sido muito pouco sensato. Já não se importava que soubessem que estava apaixonada. Segura na companhia dele neste navio rápido a caminho da América, não queria saber se o mundo inteiro soubesse dos seus planos.

O Papá nada podia fazer para os impedir agora. Ninguém podia. O futuro deles juntos estava assegurado.

Capítulo 8

Sábado, 13 de abril, amanheceu brilhante e límpido; embora no meio do Atlântico tivesse ficado frio. Capas, casacos e xailes foram lançados sobre os ombros dos passageiros que gostavam de passar o tempo no convés.

Lucie levantou-se cedo, tomou o pequeno-almoço e passou o resto do seu dia muito, muito feliz com o Dennie. Matronas gordas, rodeadas de hordas de crianças, sorriam benevolentemente perante a proximidade dos irmãos Lennon. Como era bom ver um irmão e uma irmã tão afeiçoados um ao outro, ouviu-se alguém comentar. Ah, se eles soubessem.

Ela e o Dennie passavam muito tempo no espaço aberto do convés à proa, para ver para onde o navio se dirigia. Terra ainda não estava à vista, mas estaria dentro de poucos dias. E depois... a liberdade.

Depois do almoço, passearam de mãos dadas pela sala comum onde tinha sido instalado um piano. Tendo ouvido os sons de *Ragtime* a flutuar da secção de Primeira Classe, Lucie tentou dedilhar o marfim ela própria. Mas não lhe tinham ensinado esse tipo de música, por isso, em vez disso, brindou o seu público apreciativo com trechos de Mozart e Chopin. Ninguém parecia notar quando ela batia notas erradas e era um deleite não levar uma reguada nos nós dos dedos como aconteceria em casa.

Quando terminou de tocar, o público aplaudiu e Lucie fez uma vénia. Aplaudiram novamente por causa disso, e pediram-lhe para tocar mais um

pouco. Lucie sentiu-se muito importante. Foi a primeira vez na sua vida que alguém a aplaudiu por alguma coisa. Ela nunca esperara que estas pessoas apreciassem música clássica. A vida estava cheia de surpresas.

Talvez não fossem um lote assim tão mau, afinal.

Incentivado e energizado pela reação do público à música de Lucie, Dennie trauteou uma canção de amor e eles aplaudiram ainda mais alto; agora batendo com os pés e gritando por mais.

Tendo esgotado os seus repertórios, os dois saíram novamente para o ar fresco; encontraram um par de cadeiras de repouso e sentaram-se lado a lado, discutindo os seus planos. Quando as brisas marítimas ficaram frias, voltaram para o interior e desfrutaram de um jogo de dominó. Depois disso, Lucie fez extensas anotações no seu diário e Dennie jogou solitária com o baralho de cartas sujo que mantinha permanentemente no bolso.

Observaram os viajantes mais enérgicos a jogar jogos de bola no convés. Outros relaxavam ou dormitavam em cadeiras de repouso ou dedicavam-se aos seus interesses individuais.

Após três dias a bordo, Lucie estava a habituar-se à rotina do navio. Levantar por volta das oito para o pequeno-almoço; passear pelo convés e observar as gaivotas durante o decorrer da manhã. Almoçar por volta da uma e jantar a qualquer hora a partir das seis da tarde.

Hoje, como em cada um dos dias em que estiveram a bordo, o corneteiro do navio chamou os passageiros para as refeições. Lucie estimou que houvesse cerca de quinhentas pessoas a entrar nas duas secções do salão de jantar da Terceira Classe.

Dennie disse que o navio se movia cada vez mais rápido a cada dia: ele conseguia perceber pelo seu movimento e pelas águas espumantes lá em baixo. Devia estar perto da velocidade máxima, estimou ele. Ele era tão inteligente, pensou Lucie, e ela tão estúpida, em comparação.

Correu o rumor de que já tinham viajado mais de mil milhas. Lucie não conseguia conceber tal distância.

A sua casa ficava a cerca de cinco milhas do porto e a algumas centenas de Londres. Era tudo o que sabia. A ideia de colocar um espaço tão grande entre ela e o Papá era realmente emocionante.

Algo entusiasmante tinha acontecido hoje. Viram o capitão do navio e vários dos seus oficiais fardados a caminhar a passos largos pelos corredores e conveses. O capitão era um senhor de barba com um aspeto muito importante, resplandecente na sua farda, com várias medalhas a tilintar no peito. Todos os dias, ele liderava a sua comitiva de oficiais igualmente bem vestidos numa volta ao navio para o inspecionar, mas esta foi a primeira vez que Lucie e Dennie os viram tão de perto.

O nome do capitão era Smith, sussurrou o Dennie. Capitão Edward Smith; conhecido como E.J. Era um capitão muito respeitado: muito orgulhoso do seu navio.

Quando ele se afastou para fora do alcance de audição, alguém disse que esta seria a sua última viagem antes de se retirar do mar, definitivamente. Lucie continuou a observar a comitiva caminhar, sempre com tanta determinação, pelos corredores e salas públicas; acenando aqui, sorrindo ali, dando os bons-dias e saudando aqueles que os cumprimentavam.

Um grupo muito impressionante de oficiais fardados, faziam Lucie lembrar-se de uma fotografia no estúdio do Papá, na qual um antepassado há muito morto liderava um grupo semelhante de oficiais, só que no caso dele era o Exército. E iam para a guerra. Ela não tinha a certeza de qual delas. Teria sido a Napoleónica? Em Santa Lucia.

Onde era Santa Lucia, afinal? Parecia que podia ser em Itália, mas, por outro lado, pensava que o Papá tinha dito que o senhor de aspeto severo no retrato tinha ido para as Américas. Oh, não importa, mal interessava agora. Ela era nula a geografia. A disciplina, como a maioria das ensinadas pela sua governanta, aborrecia-a até às lágrimas.

Ela não se teria importado de aprender geografia, ou qualquer outra coisa, com aqueles oficiais bonitos. Lucie nunca tinha conhecido nenhum dos avôs, porque ambos tinham morrido antes de ela nascer. Do pai da Mamã nunca se falava. Tinha visto fotografias do pai do Papá: um homem alto e magro fardado, que tinha morrido bastante subitamente. Talvez ele também estivesse no Exército.

O Papá tinha alguns irmãos a servir o Rei e a Pátria. Um estava na Marinha. Ela conhecia-o de vista e, agora que pensava nisso, ele assemelhava-se fortemente a um dos oficiais do Capitão Smith que

desfilavam por este navio. Graças a Deus que ele não a tinha visto quando estavam a fazer a inspeção. Tinha de garantir que ele nunca a visse. Só para o caso de *SER* o seu tio...

"Olá, Lucie...." *A Voz* saudou-a vinda do nada. "O que estás a fazer agora?"

"Apenas a pensar", disse ela.

"No que estás a pensar?"

"Oh...." ela ia explicar sobre o avô e perguntar se *A Voz* sabia onde ficava Santa Lucia, mas pensou melhor. "Nada", mentiu ela.

"Como está o Stennie?"

Ela fez uma pausa de um momento e sorriu de soslaio com a menção do nome. Por que haveria de divulgar as suas verdadeiras circunstâncias à *Voz*?

"Ele está bem, obrigada."

"E tu?"

"Eu também estou bem."

"Ainda estás a bordo do navio?"

Claro que ainda estava a bordo do navio. Onde é que *A Voz* pensava que ela estava: a caminhar sobre a água?

"Ainda *ESTOU* a bordo do navio", afirmou ela.

"Estás a gostar da viagem?"

"Agora estou!"

"É porque já não estás sozinha?"

"É isso mesmo." Ela espreguiçou-se luxuriantemente na cadeira, puxou a manta de viagem sobre os joelhos, sorriu para o Dennie e colocou a sua pequena mão branca sobre a boca enquanto tentava, sem sucesso, suprimir um bocejo. Viajar, comentou ela, era cansativo. *A Voz* concordou, e ela deu por si a ouvi-la dizer-lhe para adormecer profundamente.

A vez seguinte em que tentou contactá-la foi num momento muito inconveniente. Um momento muito íntimo.

"Oh, vai-te embora", disse ela.

Obedientemente, deixou-a em paz até que ela e o Dennie tivessem feito os planos para o dia seguinte e se despedissem. Depois ouviu-a novamente; na verdade pedindo desculpa por a interromper quando ela estava obviamente ocupada.

"Ocupada?", trinou ela. "O que queres tu dizer com isso?"

"Estavas noutros afazeres", sugeriu.

"Sim, estava", concordou ela.

Domingo de manhã estava um frio de tiritar. Lucie vestiu o seu vestido azul novamente. Não era uma peça muito quente, mas ela tinha usado as suas várias mudas de roupa e esta *ERA* a sua melhor roupa de domingo. Tateou o medalhão de ouro ao pescoço e proferiu uma oração silenciosa pela Mamã.

O Serviço Divino estava a ser realizado para aqueles que tinham o hábito de prestar culto no Dia do Senhor, mas Lucie não quis comparecer. O Dennie não estava interessado naquele, porque era para crentes de um credo diferente.

Em vez disso, arrastou Lucie para o serviço da sua própria Fé: uma Missa, com muito levantar, ajoelhar e fazer genuflexões. Todas as orações e hinos eram em latim...

A tarde deles foi muito agradável. A descida rápida da temperatura deu-lhes a desculpa perfeita para se aninharem para se aquecerem. Mas havia um limite para o tempo que podiam permanecer ao ar livre: estava a ficar um frio gelado. Os dentes de Lucie começaram a bater e ela entregou-se com satisfação ao seu jantar quente e nutritivo.

Lucie ouvia os acordes de música que brotavam da orquestra do navio e julgou reconhecer trechos de Rossini, Verdi e uma seleção de árias de ópera. Cá fora no convés novamente, trauteou o seu acompanhamento feliz.

Infelizmente, não pôde ficar lá fora por muito tempo. A temperatura estava a descer dramaticamente. Até o Dennie reparou e sugeriu que se retirassem por essa noite.

“O que estás a fazer agora, Lucie?”, perguntou *A Voz*.

“Estou a admirar as estrelas.... milhares de estrelas lá em cima, a cintilar para nós. Mas não há lua. Não consigo ver a lua. Apenas as estrelas.” Ela olhou para baixo, esperando ver a água negra como breu, mas em vez disso notou o reflexo das estrelas nas suas profundezas vítreas. A visão encantou-a. “Vejo-as na água também. São muito bonitas. A cintilar, como luzes de Natal...” Parou bruscamente.

A mulher a lamentar-se tinha voltado à carga. Desta vez, veio a correr para o convés em camisa de dormir, rodeada por várias das suas amigas. Tinha tido um sonho em que via todos no navio a serem atirados para a água. Mulher parva, pensou Lucie, cujos próprios sonhos também não faziam sentido.

Mas a diferença entre Lucie e esta mulher histérica era que Lucie não andava por aí a gritar que todos estavam condenados, causando pânico generalizado entre aqueles que acordavam alarmados. Não podia alguém calá-la; dizer-lhe que era impróprio comportar-se daquela maneira? Ordenar-lhe que voltasse para a sua cabine?

Céus lá em cima... o que foi aquilo? O céu estrelado e sem nuvens tornou-se subitamente enevoado e o ar já não estava límpido. Lucie debruçou-se sobre o corrimão, mas tudo o que conseguia ver agora era a escuridão total, o que trouxe de volta aquela pontada de apreensão.

Mesmo enquanto olhava, sentiu uma vibração estranha por baixo dela. Viu algo grande e branco colidir com a lateral do navio. O objeto estava quase imediatamente abaixo dela e estava rodeado por uma luz estranha que parecia vir do seu interior profundo. A sua apreensão deu lugar a um medo real.

O impacto reverberou por toda a embarcação, fazendo-a dar uma guinada que, por sua vez, fez Lucie bater com a cabeça num dos pilares do corrimão. Ela perdeu o equilíbrio e ficou temporariamente desorientada.

Tendo recuperado o equilíbrio, debruçou-se sobre o corrimão mais uma vez e viu com horror que o misterioso objeto branco se tinha movido para uma posição diferente e começava a emitir sons nauseabundos de metal fraturado. Observou, horrorizada, enquanto os dedos gelados do objeto corriam ao longo do comprimento do navio. Os sons de esmagar e

triturar, de revirar o estômago, recuaram gradualmente até que, por fim, o objeto se afastou calmamente.

Lucie notou, com um arrepio, que ele ainda estava rodeado pela sua luz estranha. O que raio era aquilo? Teria ela testemunhado um fantasma? Bem, se tinha, outros passageiros também tinham, e houve muita consternação enquanto tentavam resolver o mistério.

O navio estava a reduzir a sua velocidade.... mais devagar, mais devagar, até que os seus grandes motores pararam por completo. Mais passageiros e alguns membros da tripulação começaram a reunir-se no convés. A pergunta que todos queriam ver respondida era por que razão um grande navio como este pararia no meio do oceano, a meio da noite.

A mulher histérica tinha a sua resposta pronta. Não tinha ela dito a todos que o navio estava condenado? Soube-o com certeza no momento em que as contas do seu rosário tinham caído ao mar. O navio nunca chegaria a Nova Iorque, insistia.

Quanto tempo ficou Lucie paralisada, a olhar para a água? Cinco minutos, dez? Meia hora? Uma hora? Mais? Atordoada, confusa e sentindo a falta do seu querido e doce Dennie — cujos aposentos de dormir ainda estavam na outra ponta do navio — viu foguetes a serem disparados. Ficou vagamente consciente de que o convés sob ela se inclinava cada vez mais.

Estava no meio de um pesadelo.

"Dennie!", gritou ela. "Dennie, querido, onde ESTÁS tu. Ajuda-me, por favor..."

Mas não foi o Dennie quem respondeu.

"O que está a acontecer, Lucie?", perguntou *A Voz*, num tom de real preocupação.

"Não sei," gritou ela. "Tenho frio... tanto, tanto frio." Os seus dentes começaram a bater e a pele de galinha espalhou-se por todo o seu corpo. "E estou assustada. Algo está errado...."

"O que é que está errado, Lucie?"

"O navio... há água por todo o lado... água. ÁGUA POR TODO O CHÃO, e eu perdi um dos meus sapatos.... ajuda-me, por favor. Ajuda-me a encontrar o meu sapato."

Ela observava grupos de pessoas a correr em todas as direções. Oficiais diziam-lhes para vestirem os coletes salva-vidas e para se dirigirem aos barcos. Lucie não sabia onde encontrar um colete salva-vidas e para que lado ficavam os barcos.

Os adultos gritavam; as crianças choravam e Lucie sentia que, se apenas conseguisse encontrar Dennie, tudo ficaria bem.

A água aproximava-se mais e mais, até ela estar quase a nadar nela.

"Ajuda-me.... ajuda-me..." gritou ela; mas a sua voz perdeu-se no meio de todos aqueles outros sons de desespero... sons de pessoas a correr, a cair, a chorar, a sufocar. Se ao menos ela conseguisse encontrar Dennie. O navio estava agora a inclinar-se num ângulo alarmante. Lucie, ansiando estar nos braços do seu amor, derramou lágrimas nas águas geladas do Atlântico Norte. Ocorreu-lhe subitamente que poderia nunca mais ver o seu querido namorado.

Sabia agora, com um sentido de terrível certeza, que o enorme transatlântico estava mortalmente ferido. Graças ao objeto branco fantasmagórico que ela testemunhara roçar-se tão furtivamente ao longo do casco do navio, os seus sonhos tinham sido fúteis.

Iria Lucie ver o seu amado Dennie antes de o navio se afundar até ao fundo do oceano?

Ela quase tinha perdido a esperança quando, para seu espanto, viu o seu amor a acenar-lhe através da escuridão. Deleitada, caminhou diretamente ao seu encontro. Por uma fração de segundo, as pontas dos seus dedos tocaram-se, depois foram separados novamente.

Lucie deu um longo e aterrorizado gole de ar e deixou de existir.

Naquela noite amargamente fria de Abril, Lucie, Lady Latymer — também conhecida como Miss Mary Lennon — confrontou a Morte e foi incapaz de se igualar ao seu poder.

"Onde estás, Lucie?"

Ela conseguia ouvir A Voz, mas não conseguia responder. Mesmo que conseguisse, teria sido incapaz de declarar onde estava; porque não estava em lugar nenhum. Estava de volta ao túnel onde tudo era silencioso, parado e vagamente — tão vagamente — familiar.

Neste lugar de nada, ela estava envolta numa escuridão suave e aveludada. Sem razão aparente, sentiu-se a flutuar — como antes — através de um longo e escuro túnel.

À deriva, à deriva. . .

Gradualmente, um minúsculo feixe de brilho penetrou o negro e começou a criar sombras. O cinzento tornou-se enevoado e, antes de ela se dar conta do que estava a acontecer, o túnel foi inundado de luz.

Esta não era a luz sinistra que ela vira no meio do oceano, mas um feixe benevolente: brilhante e amigável. Aquela outra era má, esta era boa.

Sentiu-se a ser propelida para a frente, em direção a ela.... a ser guiada para continuar a mover-se para a frente... à deriva, à deriva....

"... até encontrares um conjunto de memórias mais feliz," disse o som que era tão familiar como o próprio túnel... Ela estava quase fora do túnel aquoso. E agora, subitamente, estava.

Estava num lugar completamente diferente: "Consegues ver onde estás?" perguntou A Voz.

Olhando diretamente em frente, ela tentou focar-se, mas tudo o que conseguia ver era que tudo estava inundado de luz. Só que já não era 'ela'. De repente, inexplicavelmente, era eu... A MINHA Força Vital, a MINHA psique, o MEU ser. Era a MINHA mente que estava em movimento agora; saltitando, ao estilo de uma borboleta; registando, lembrando, revivendo.

Eu estava lá. Oh sim, eu estava lá, com certeza: numa vida totalmente diferente daquela que tinha deixado há um minuto. Um minuto? Uma década? Um século?

O tempo tinha colapsado totalmente naquele túnel. E o tempo dificilmente importava agora, porque havia tantas outras coisas para absorver. Os sons estavam amplificados. A visão estava nítida como uma agulha. Estendi a mão, toquei em algo quente e aninhei-me confortavelmente contra algo peludo. Sons felizes começaram a vir do seu minúsculo corpo fofo.

Depois, de outro lugar qualquer, a música encheu a sala; para despertar o resto dos meus sentidos. Mal conseguia conter o meu entusiasmo enquanto os meus olhos percorriam o ambiente. Serpentinas e

balões pendiam do teto, pessoas muito maiores do que eu movimentavam-se, conversando, cantando e presenteando-me com pacotes graciosamente embrulhados. O ambiente era de festividade. Os meus olhos pousaram na mesa, com os seus variados bolos e sanduíches.

"Sabes onde estás?"

"Sim," ouvi-me responder numa vozinha aguçada.

"Onde estás?"

"Estou em casa."

"Qual é o teu nome?"

"O meu nome é Monica, e estou a dar uma festa. Todos os meus amigos vêm."

Capítulo 9

Onde é que tudo isto nos deixa?

Que conclusões — se é que existem — podem ser retiradas da regressão?

Antes de começarmos a investigação propriamente dita, olhemos para as pistas fornecidas pela jovem 'aristocrata' (se era isso que ela era).

O seu nome era Lucie Latymer. Ela insistia que o seu pai era de alta linhagem: um barão, pelo menos, possivelmente até um conde; embora tenha insinuado que nem todos aceitavam o seu estatuto. A sua mãe parecia ter-se afogado no lago do jardim. Ela tinha uma governanta a quem se referia como Miss Prim, mas não fazia referência a quaisquer irmãos e irmãs; a implicação sendo que ela era provavelmente filha única.

Embora tivesse vivido em vários locais quando era criança, a maior parte da sua vida tinha sido passada numa grande casa branca, com uma estação de comboio ao fundo da alameda. A casa ficava num vale com um riacho a atravessar o seu pomar. O porto ficava a cerca de cinco milhas de distância e Londres a algumas centenas. Ela apaixonou-se e fugiu com um jardineiro itinerante, a quem se referia como Stennie.

Posteriormente, transferiu os seus afetos para um homem em quem pensava como Dennie, embora nunca tenha proferido o seu nome. Nenhuma dose de persuasão a fazia identificar adequadamente qualquer um dos companheiros. Ambos os homens estavam envoltos em mistério.

Não era muito por onde começar; tornando a investigação sobre a regressão poderosamente difícil. Lucie nunca mencionou o nome da sua casa ou a sua localização. Nem pareceu saber o nome do porto do qual partiu ou, se sabia, não o declarou. O nome do navio nunca passou pelos seus lábios, nem o facto de se tratar de uma viagem inaugural; embora as suas constantes referências ao grande tamanho do transatlântico, as suas descrições da vida a bordo e o seu falecimento nas primeiras horas de segunda-feira, 15 de Abril de 1912, tornassem impossível ser outro que não o Titanic.

Então... por onde se começa a procurar uma casa branca no campo com a sua própria estação de comboio, pertencente a um barão(?) chamado Latymer? Com um ‘y’, como a milady insistia.

A casa, se existisse, provavelmente já não estaria de pé, embora uma com uma estação de comboio ao fundo da alameda devesse fornecer algum tipo de pista.

Não forneceu. Durante o período em questão, os caminhos-de-ferro eram geridos por diversas companhias privadas: todas as quais foram subsequentemente nacionalizadas, e muitas das quais foram encerradas por completo, como tínhamos antecipado, nos cortes de Beeching dos anos sessenta. A maioria das pequenas estações rurais desapareceu sem deixar rasto.

A estação de Lucie, tal como a sua casa, provavelmente já tinha desaparecido há muito.

Quanto ao seu misterioso amigo, dificilmente haveria sentido em tentar rastreá-lo. Se ele era um jardineiro itinerante, provavelmente tinha poucas ou nenhumas raízes (roots [sic!]).

Assim, não tendo a remota ideia de que parte do país a elusiva Lucie provinha, pareceu mais sensato fazer do nome Latymer o meu ponto de partida: ver se existia realmente tal baronia e, em caso afirmativo, se tinha

havido algum desentendimento familiar sobre a mesma. Francamente, não tinha muitas esperanças.

Depois disso, poderia ir à procura de quaisquer registos da própria Lucie. Depois, pretendia verificar com historiadores do Titanic se tinha havido passageiros a bordo chamados Denis e Mary Lennon; provavelmente a viajar em terceira classe (steerage).

Já tinha sido estabelecido que ninguém com o nome Latymer ou Stenning estava nas listas de passageiros: o nome do comissário de bordo principal era Latimer — com um i —, mas isso podia ser descartado. Além disso, ele era do sexo masculino!

Uma das poucas passageiras aristocráticas que fez aquela viagem fatídica tinha, de facto, um nome semelhante ao do meu alter-ego; bem, um primeiro nome, pelo menos. Mas Lady Lucile Duff-Gordon também pôde ser imediatamente descartada, porque tanto ela como o seu marido Sir Cosmo estiveram entre os que foram salvos.

Mantendo-me com a 'minha' Lucie, portanto, comecei a minha busca com uma visita à biblioteca para folhear o Burke's Peerage. A ligação aristocrática deveria ser relativamente fácil de provar.... ou desprovar.

Entretanto, Geoff Whitfield estava a fazer as suas próprias investigações.

No verão de 1990, ele lançou um apelo através da Oracle Teletext Ltd. — um sistema então fornecido pela rede de televisão independente britânica, para procurar pessoas desaparecidas. Geoff tinha usado este método em muitas ocasiões para construir a sua crescente lista de passageiros a bordo e os seus antecedentes familiares.

Desta vez, pediu que qualquer pessoa chamada Latimer (Latymer?) com ligações ao Titanic entrasse em contacto com ele.

Recebeu algumas informações surpreendentes.

Passamos a Geoff, para descobrir o que aconteceu a seguir:

"A 18 de Julho, recebi uma chamada telefónica de uma Sra. Alice Lewis, que achava provável que a sua irmã, Eleanor Truelove Latimer (grafia de Geoff), se tivesse afogado enquanto passageira no Titanic.

“A Sra. Lewis nasceu em 1903 e a sua irmã alguns anos antes. A família, que eram agricultores, residia na Cornualha.

“Eleanor Latimer era uma rapariga obstinada, considerada uma das mais atraentes da zona. Durante algum tempo, sem o conhecimento dos seus pais, Arthur Stenning, um trabalhador agrícola de ascendência cigana, tinha-lhe estado a prestar atenção.

“Durante o início de Abril de 1912, Arthur, Eleanor e uma rapariga jovem chamada Sarah Jane, que ajudava na quinta, partiram para visitar uma tia da família em Saint Austell.

“Durante a viagem, Eleanor informou-os de que tinha de encontrar alguns amigos em Probus, e continuaria sozinha para a casa da sua tia. Quando ela não chegou até ao final da noite, a família ficou alarmada e uma mensagem foi enviada para a casa dos Latimer cedo na manhã seguinte.

“A Sra. Lewis deu a entender que a criada, Sarah Jane, não era tão simplória como fingia ser, e está convencida de que o desaparecimento foi planeado com a sua ajuda.

“Entretanto, o Sr. (?) Latimer perseguiu a sua filha errante até Plymouth, onde ela tinha vários amigos, apenas para lhe dizerem que Eleanor e Arthur tinham estado lá, mas tinham partido para Southampton.

“Até então, o Sr. Latimer não se tinha apercebido de que a sua filha estava na companhia de Arthur Stenning, a quem ele tinha empregado várias vezes, numa base casual, para trabalhar na quinta. Temendo que o propósito da visita a Southampton fosse a fuga para o estrangeiro, visitou os balcões de reservas das várias linhas de navegação.

“Um telegrama enviado apressadamente para a Cornualha trouxe a notícia de que Arthur Stenning tinha um irmão em Scranton, Pensilvânia, e pensou-se que o casal poderia estar a ir para lá.

“No escritório da White Star Line, o funcionário das reservas lembrou-se de vender dois bilhetes de terceira classe a bordo do Titanic, que seguia para Nova Iorque, a um homem que se assemelhava à descrição de Stenning. Claro que ele não tinha forma de saber se o par estava listado sob nomes falsos ou não, uma vez que apenas aqueles que estavam a emigrar tinham de provar a sua identidade. Ele foi incapaz de identificar

Eleanor a partir de fotografias, pois Stenning — se de facto era ele — estava sozinho ao comprar os bilhetes.

"Foram feitas averiguações tanto em casa como na América, mas nem os fugitivos nem o irmão de Stenning voltaram a dar notícias.

"A Sra. Lewis disse-me que consegue, até hoje, lembrar-se da terrível incerteza de não saber ao certo o que tinha acontecido à sua única irmã. O luto dos seus pais foi logo obscurecido pela vergonha, pois depressa surgiu um boato de que Eleanor estaria 'num estado delicado'.

"O Sr. Latimer ordenou que todos os vestígios da sua filha fossem removidos da casa da família e Alice nunca mais foi autorizada a mencionar o seu nome."

Imaginem o entusiasmo que essa mensagem causou... mas foi tingido de frustração quando soube que a senhora tinha terminado a sua narrativa e colocado o auscultador no descanso sem fornecer um endereço ou número de telefone onde pudesse ser contactada para mais informações.

No entanto, foi um avanço importante; apesar do facto de existirem muitas discrepâncias entre a história da Sra. Lewis e as minhas próprias memórias de vidas passadas recordadas hipnoticamente.

Em primeiro lugar, o nome da rapariga desaparecida era Eleanor, não Lucie, e esta era a sua irmã, Alice, a falar. Ela também mencionou uma criada de quarto chamada Sarah Jane; mas Lucie apenas se referiu a uma governanta, a quem chamava Miss Prim.

Além disso, ela referiu-se aos pais (plural); sugerindo que a mãe ainda estaria viva na altura da fuga. Amigos em Probus nunca surgiram em nenhuma das regressões.

A referência da Sra. Lewis a Southampton foi, claro, puramente especulativa. O reconhecimento, por parte do funcionário das reservas, de alguém que se assemelhava à descrição de Arthur é espúrio, para dizer o mínimo. Quantos homens altos, morenos e atraentes existem (existiam) por aí?

Embora Lucie tivesse, aparentemente, tido uma relação íntima com Arthur, ela nunca, em momento algum, deu a impressão de que estava — como a Sra. Lewis tão pitorescamente disse — num estado delicado.

Contudo, estranhamente, muitos dos outros pontos levantados CONCORDAM com a história de Lucie; sendo o mais emocionante a referência a Arthur Stenning. Seguramente, este era o 'Stennie', que tinha roubado o coração de Lucie?

A data de nascimento da rapariga não foi fornecida. Sob regressão, Lucie sentia ter cerca de 17 anos na altura da tragédia. No entanto, sendo uma jovem obstinada e imatura, poderá muito bem ter sido mais velha: possivelmente até no início dos seus vinte anos. Até agora, não havia forma de saber.

Ela fugiu de facto com Arthur Stenning (senti arrepios na espinha quando o seu nome me foi apresentado dessa forma). Ele trabalhou de facto para o pai de Lucie e Lucie, pelo menos, embarcou de facto no Titanic. A Sra. Lewis, se ainda por aí andar, pode acreditar na minha palavra quanto a isso.

Então, para onde poderíamos ir a partir daqui?

Geoff, por esta altura tão confuso como eu, decidiu tentar o método de busca pela televisão mais uma vez. Um novo apelo foi lançado no Teletext a 14 de Janeiro de 1992, pedindo à Sra. Lewis que fornecesse mais informações sobre a sua irmã há muito perdida; mas não produziu nada. Ela nunca mais voltou a entrar em contacto. Se ainda estiver viva, a senhora estaria agora na casa dos noventa anos.

Se estiver por aí, Sra. Lewis, seria maravilhoso ter notícias suas.

Tendo estabelecido a Cornualha como a sede de província do Sr. (ou Barão) Latymer, Geoff escreveu então para vários jornais no West Country para ver se mais alguma informação poderia ser colhida... mas, novamente, sem sucesso. . .

No entanto, algumas das nossas investigações estavam a produzir resultados. Para meu total espanto — e grande deleite — a minha consulta rápida ao Burke's Peerage provou ser relativamente proveitosa. A baronia de Latymer (note-se... escrita com um y) EXISTIA de facto.

As circunstâncias históricas genuínas são as seguintes:

O título de Baronete foi fundado em 1431 e o Complete Peerage (Doubleday 1901 - 1938) fornece o contexto para o seu lapso de trezentos anos (do final do século XVI ao início do século XX).

‘Latymer, Baronia por Decreto (Barony by Writ) (Coutts Nevill)... Esta Baronia, que caiu em suspensão em 1577, foi retirada da suspensão por Francis Burdett Money Coutts (mais tarde Coutts-Nevill) através da emissão para si de um decreto de Convocação ao Parlamento, 11 de Fevereiro de 1913.’

A entrada continua explicando que o cavalheiro em questão nasceu a 18 de Setembro de 1852, casou com Edith Ellen Churchill a 15 de Abril de 1875 e morreu a 8 de Junho de 1923; para ser sucedido pelo seu único filho e herdeiro: Hugh Burdett Money-Coutts.

Hugh nasceu a 13 de Agosto de 1876 e casou com Hester Francess Russell a 11 de Junho de 1900.

Recuando brevemente ao século dezasseis, descobrimos que o quarto barão e a sua baronesa tiveram quatro filhas (Katharine, Dorothy, LUCY e Elizabeth). Mas não houve descendência masculina desse casamento, razão pela qual a baronia caiu em suspensão. Olhemos para Lucy. Nascida em 1549, casou com Sir William Cornwallis de Brome, em Suffolk, e eles também tiveram quatro filhas: Frances, Elizabeth, Cornelia e Anne.

Lucy morreu a 30 de Abril de 1609; deixando as suas filhas como co-herdeiras, e não se ouviu falar dela novamente até 1911, quando foi representada para a Baronia de Latymer por Francis Burdett Thomas Money Coutts, como já explicado.

Por uma curiosa coincidência, o homem que retirou a baronia da suspensão também teve quatro filhas; embora, felizmente para a linhagem familiar, também tivesse tido um filho e herdeiro: o já mencionado Hugh.

Talvez Francis tivesse tido mais dois filhos: Lucy e Alice?

Se teve, os seus nascimentos não parecem estar documentados; embora, estranhamente, o nome Lucy tenda a aparecer de tempos a tempos na família Latymer.

Voltando as páginas da história mais uma vez ao século dezasseis, descobrimos que a senhora que casou com John (Nevill), Quarto Lorde Latymer, também se chamava Lucy. Era a segunda filha de Henry (Somerset), Conde de Worcester, e o casamento teve lugar em 1545.

A dada altura, ela mudou a grafia tanto do seu nome próprio como do seu apelido. O Sr. Money-Coutts disse-me que a sua fonte — Burke’s

Peerage — parecia diferir ligeiramente de Doubleday. Quando morreu, viúva, a 23 de Fevereiro de 1581 ou 1582, pediu que um túmulo de alabastro fosse decorado com imagens suas e das suas quatro filhas.

Que estilo. . .

Avancemos mais uma vez — desta vez, trezentos e quarenta anos — para a publicação de outro Testamento... o do Quinto Barão Latymer (Francis Burdett Money Coutts, mencionado anteriormente). Embora, antes de o fazer, valha a pena mencionar que ESTE Francis era um poeta vitoriano menor e não deve ser confundido com o seu avô Sir Francis Burdett (1770 - 1844), o Membro do Parlamento Radical.

Aqui está um extrato do The Times, datado de 25 de Julho de 1923:

'O Mui Hon. Francis Burdett Thomas, Quinto Barão Latymer, de 15 Hanover Square West e anteriormente de 440 Strand, WC, sócio na Coutts and Co., banqueiros, e autor de inúmeros poemas e outras obras — um dos fundadores da Girls' Friendly Society morreu, aos 70 anos.'

O relatório prossegue afirmando que ele deixou um espólio bruto superior a um milhão de libras e que uma das beneficiárias foi uma Enfermeira Mary Granger 'a quem tenho uma dívida de gratidão'.

À Enfermeira Granger foi concedido o uso do seu apartamento na cidade e pertences de forma vitalícia, e uma anuidade vitalícia de £1.000. Ele deixou £40.000 a cada uma das suas quatro filhas e o remanescente do seu património ao seu filho e herdeiro.

Tendo em conta o facto de a morada do Quinto Barão Latymer ser mencionada em Doubleday como 'Stoodleigh, no condado de Devon', pensei que valeria a pena escrever ao vigário da igreja paroquial para determinar se os nascimentos ou o batismo de duas irmãs tinham sido registados nos registos paroquiais.

O Reverendo Roderick Thorp respondeu assim:

"Não existem referências no nosso Registo de Batismos nem a Eleanor Truelove nem a Alice. A 16 de Maio de 1910, Hugh Burdett e Hester Frances Money-Coutts batizaram uma filha, Mercy Burdett. O Sr. Money-Coutts é descrito como banqueiro.

“Não consigo encontrar qualquer outra menção à família nos registos da igreja.”

Ele acrescentou que a casa deles — Stoodleigh Court — era uma escola preparatória desde 1926.

A carta seguinte que escrevi foi para a própria escola e, mesmo enquanto redigia a consulta, aquela forte impressão de uma grande casa senhorial branca continuava a girar no meu cérebro. Poderia SER ESTA a casa ancestral de Lucie, perguntava-me... apesar de ser em Devon, e a Sra. Lewis ter mencionado o condado adjacente da Cornualha.

Alguns dias depois, chegou uma carta encantadora e muito prestável da Ravenswood School, Stoodleigh Court. Anexo à carta vinha um prospeto. A imagem na capa mostrava um edifício grande e impressionante que (por mais que eu tentasse martelar as peças do puzzle para as fazer encaixar) NÃO era definitivamente a casa branca que eu tinha vislumbrado.

Por muito que eu gostasse de implantar Lucie ali, tinha a absoluta certeza de que ela nunca vivera naquele antigo salão baronial. Stoodleigh Court não era o edifício que eu procurava: era grandioso demais.

Teria de alargar a rede.

Será que algum dos descendentes do Barão Latymer seria capaz de ajudar? O Sr. David Money Coutts, por exemplo? Escrevi-lhe assim:

“Se os meus registos estiverem corretos, o senhor é o bisneto de Francis Burdett Thomas Money Coutts, falecido em Stoodleigh, em Devon, que retirou a Baronia de Latymer da suspensão a 11 de Fevereiro de 1913.

“Procuro qualquer informação que possa estar disponível sobre duas irmãs Latymer que viveram por essa altura: ou seja, Eleanor Truelove (que poderá ter sido conhecida como Lucie), nascida em 1895, e Alice, alguns anos mais nova.

“Tenho conhecimento de que Alice ainda vive e o seu nome de casada é Lewis; mas não sei onde se encontra. Li várias cópias antigas do The Times, mas não encontro referência a estas irmãs. Por acaso o seu bisavô tinha algum irmão? Poderiam as irmãs ser primas do seu falecido avô?”

Para o caso de o Sr. Money-Coutts se perguntar o que estaria por trás da minha estranha linha de questionamento, contei-lhe sobre a minha regressão a Lucie e o seu falecimento.

Ele respondeu em poucos dias.

"Obrigado pela sua carta sobre o meu bisavô, Francis Money-Coutts, Lord Latymer," escreveu ele. "Ele não era 'de Stoodleigh': esse era o seu filho Hugh, o meu avô.

"Francis teve quatro meios-irmãos e três meias-irmãs, nenhum deles Eleanor ou Alice e, claro, o apelido deles era apenas Money.

"Apenas Francis e a sua mãe mudaram o nome para Money-Coutts. Latymer é o título que ele reivindicou, mas nunca foi um nome de família: esse era originalmente Nevill.

"Francis teve quatro filhas: nenhuma Alice, mas uma chamava-se Eleanor Burdett..."

O Sr. Money-Coutts acrescentou de forma fantasiosa que a 'sua' Eleanor casara com um cavalheiro chamado Eric Walter Carr e vivera respeitavelmente deste lado do Atlântico até à sua morte em 1966.

Tanto para a 'minha' Eleanor, ou Lucie, o seu amante cigano e o seu dramático falecimento em Abril de 1912.

"Lamento," continuou o Sr. Money Coutts, "mas não sei quem são a sua Eleanor (Lucie) e a sua Alice;" embora a sua curiosidade estivesse obviamente desperta, pois perguntou: "Tem alguma prova escrita da existência delas?"

Doeu-me fazê-lo, mas tive de admitir que, infelizmente, não, não tinha!

O Sr. Money-Coutts salientou ainda que, se Eleanor tivesse nascido em 1895, dificilmente pareceria provável que a sua família usasse o nome Latymer 13 anos antes da resolução da Câmara dos Lordes de 1912 que reconheceu Francis como co-herdeiro do título.

Longe de MIM sugerir que as irmãs pudessem ser as tias-avós do meu correspondente do lado errado do lençol [filhas ilegítimas]. Mesmo que o fossem, o Sr. Money-Coutts dificilmente saberia algo sobre elas quase um

século depois das suas respetivas — se não exatamente respeitáveis — conceções.

Poderia ele ajudar na minha busca pela casa branca?

"Posso confirmar que Stoodleigh é uma casa muito escura, mas de qualquer forma não pertencia a Francis."

Um pensamento: "A casa do sogro dele em Weybridge pode ter sido branca e senhorial, mas a casa do pai dele certamente não o era."

O meu pressentimento era que Weybridge, estando numa parte totalmente diferente do país, estava fora de rota para Lucie.

"Lamento não poder ajudar mais," concluiu o meu prestável correspondente, "mas tanto quanto sei, a única Lucy (grafia dele) a ser filha de um Lord Latymer até agora foi Lucy Cornwallis, filha do Quarto Barão."

NOTA, CAPÍTULO NOVE

1 A razão pela qual parece haver alguma confusão sobre o ano em que a Lucie, Lady Latymer, do século XVI morreu, é que tal aconteceu antes da mudança, em 1752, do calendário Juliano para o Gregoriano. O Sr. Money Coutts oferece uma explicação: "O ano Juliano começava a 25 de Março, por isso a data de Fevereiro era 1582 sob o calendário Gregoriano, e 1581 sob o Juliano." O Burke's Peerage indica a data da morte da senhora como 1581/2; Doubleday, como 1582/3.

Capítulo 10

Southampton era o lugar óbvio para eu visitar a seguir. Foi de onde o Titanic partiu e a Sra. Lewis parecia pensar que foi ali que a sua irmã e Arthur embarcaram no navio.

Numa tentativa desesperada de refrescar ainda mais a minha memória, visitei a cidade. Geoff, que a esta altura estava tão viciado na história como eu própria, levou-me lá muito gentilmente e apresentou-me ao seu amigo e colega membro da THS, Brian Ticehurst.

Brian, que é um perito na história da sua cidade e autor de um livro sobre os memoriais do Titanic nela existentes *1, dedicou um dia inteiro a escoltar-me: primeira paragem, a zona das docas.

Estivemos no local exato onde o comboio de ligação ao barco (o especial Titanic), vindo da estação de Waterloo em Londres, teria chegado. Olhei em volta, mas o território era totalmente desconhecido. Tinha ele A CERTEZA de que este era o local, perguntei eu, idiotamente?

Nada abalava a minha convicção de que, ao sair do comboio, Lucie tinha subido em direção a um passeio público. Onde estava a fila de hotéis, e o que tinha acontecido aos relvados amplos?

Brian lembrou-me dos extensos danos que Southampton sofrera durante a Segunda Guerra Mundial. Como resultado, muitas das propriedades antigas tinham desaparecido há muito tempo. Poderia muito bem ter havido um hotel algures com uma cobertura estendendo-se sobre o passeio, acrescentou; embora não conhecesse nenhum que correspondesse a essa descrição. Gostaria que ele investigasse?

Não, obrigada, disse-lhe eu. Esta linha de investigação já parecia uma causa perdida. Pedi desculpa por lhe estar a fazer perder tempo.

Olhei fixamente e durante muito tempo para o local onde o Titanic estivera atracado, e Brian mostrou-me exatamente onde os passageiros teriam passado diretamente da doca para o navio. O meu coração afundou-se ainda mais. Nada parecia, ou se sentia, minimamente familiar.

E quanto aos barquinhos que saíam para o mar, aventurei eu?

Passeámos até onde os rebocadores moviam o grande transatlântico para fora. Continuava sem sucesso. Olhei vagamente para o ponto na água cinzenta onde ele virou, seguiu rio abaixo e saiu para o Canal de São Jorge; do outro lado do qual recolheu mais alguns passageiros em Cherbourg.

Por esta altura, a única certeza na minha mente era que Lucie nunca tinha estado AQUI.

Sempre esperançoso, Brian levou-me numa visita guiada pela cidade, mas nada, absolutamente nada, fez sentido. Ele estava a dar o seu melhor para organizar as minhas memórias confusas, mas infelizmente elas estavam totalmente adormecidas. Depois de uma refeição fabulosa com a

sua esposa Janet e ele próprio, Geoff levou-me de volta a Merseyside, mais confusa do que nunca.

Sabendo agora que Lucie não teria embarcado em Cherbourg, restava apenas um outro lugar: Queenstown (entretanto renomeada Cobh).

Não tinha conhecimento consciente do lugar, nunca lá tendo estado nesta vida; mas, felizmente, conhecia alguém que vivia em Youghal, que o meu mapa da Irlanda mostrava estar no mesmo condado e não terrivelmente longe.

Tom Williams é um correspondente de navegação e outro entusiasta do Titanic. Ele entrou em contacto comigo pela primeira vez depois de ler um dos meus livros *2 e sugeriu que, se eu estivesse a planear mais algum, ele teria todo o prazer em ajudar na investigação.

Levando-o a sério, enviei-lhe um questionário, ao qual ele atendeu imediatamente. Reproduzo-o textualmente..

MOH: Quanto do antigo porto de Cobh permanece tal como era em 1912?

TW: A maior parte. Está ligeiramente mais delapidado, com relva a crescer através do betão, mas é facilmente reconhecível.

MOH: Saberia se, em 1912, haveria muito tráfego marítimo entre os nossos dois países? Poderia alguém ter cruzado, mesmo a bordo de um navio de gado, de qualquer lugar ao longo da costa sudoeste de Inglaterra, ou Gales, para qualquer lugar em Cork ou arredores... até mesmo para a própria Cobh?

TW: Passava um tráfego marítimo considerável entre a Irlanda e a Inglaterra — particularmente a costa oeste de Inglaterra; devido às minas de carvão galesas e outras atividades industriais. Naquela altura, a Irlanda fazia parte da Commonwealth e havia aqui uma presença massiva do Exército Britânico. Como resultado, haveria tráfego contínuo de ida e volta: particularmente para Queenstown, onde havia uma grande guarnição.

MOH: Havia — ainda existem — muitos locais de alojamento (bed and breakfast) em Cobh ou arredores onde os passageiros do Titanic pudessem ter passado a noite? Estou a pensar principalmente na terceira classe (steerage).

TW: Sim. Os passageiros da terceira classe teriam ficado uma noite ou duas em qualquer um dos alojamentos que ainda funcionam em Cobh. O Titanic largou a sua âncora de bombordo à entrada do porto de Queenstown, a cerca de duas milhas de distância, exatamente às 11h30 da manhã de quinta-feira, 11 de Abril.

Cento e treze passageiros de terceira classe e sete de segunda classe embarcaram a partir dos barcos de apoio (tenders). Também colocaram a bordo 1.385 sacos de correio. Sete passageiros desembarcaram. O Titanic partiu para a sua travessia exatamente às 13h30 com aproximadamente 2.227 passageiros e 885 tripulantes a bordo, embora o número exato de passageiros nunca tenha sido definido com precisão.

MOH: Seria possível para mim ficar no tipo de estabelecimento de alojamento onde um casal em fuga pudesse ter ficado em 1912; ou é agora o 'bairro da luz vermelha' da cidade, como entendo que acontece em Southampton?

TW: Não existe bairro da luz vermelha em Cobh! Nem a cidade tem qualquer taxa de criminalidade. As pessoas são adoráveis. A cidade tem muitas casas de hóspedes e hotéis. O seu contacto mais provável seria o Hotel Commodore, pois foi aqui que vários passageiros compraram os seus bilhetes para o Titanic e chegaram a ficar alguns dias.

O Commodore tem vista para o porto de Cork e era originalmente conhecido como o Queens. De acordo com uma história local da cidade *3, foi construído no local de um pavilhão de madeira para receber a Rainha Vitória quando esta desembarcou do seu iate real. A cidade chamava-se originalmente Cove, mas após a visita Real, foi mudada para Queenstown. Em 1920, o conselho local mudou-o de volta, mas desta vez para a forma gaélica do nome: escrito Cobh, mas ainda pronunciado Cove.

MOH: Sabemos se houve de facto algum casal em fuga a partir de Queenstown: e, em caso afirmativo, existem detalhes disponíveis?

TW: Sim, acredita-se que tenha havido vários. Detalhes não disponíveis.

MOH: Os passageiros teriam comprado os seus bilhetes no dia da partida ou teriam de os reservar com antecedência?

TW: A maioria reservou com antecedência, mas ainda havia muitos no próprio dia.

MOH: Havia muitas pessoas a despedirem-se dos passageiros enquanto estes embarcavam nos barcos de apoio... sentadas em bancos, passeando pelo passeio marítimo..., e assim por diante?

TW: Sim, milhares. Era o dia do Cork Summer Show, por isso a zona estava apinhada de gente.

MOH: Pelo que entendo, o Ângelus apenas toca às 12h e às 18h. Em Queenstown, no dia em que o Titanic ancorou, estariam as autoridades eclesiásticas a tocá-lo mais cedo com o propósito específico de perturbar os pobres emigrantes, estaria o relógio da igreja adiantado meia hora, ou teria um dos seus padres algum tipo de pressentimento de que estava a tocar um dobre de finados?

TW: O Ângelus toca normalmente ao meio-dia e às 18h. Mas, aparentemente, neste dia, tocá-lo às 11h30 representou uma espécie de 'adeus' aos emigrantes e 'olá' ao maior navio do mundo.

MOH: Algum dos emigrantes tocou gaita de foles no barco de apoio que seguia para fora?

TW: Sim, o seu nome era Eugene Daly. Ele tocou-as no cais (tinha acabado de sair de um botequim local e estaria provavelmente a sentir-se animado). Tentou tocá-las no barco de apoio, mas com o balanço e o seu próprio estado incerto, os sons devem ter sido decididamente estranhos. Ele também tocou a bordo do Titanic.

As respostas positivas a todas estas perguntas foram a melhor sorte que eu tivera até então. Estava, naturalmente, louca de entusiasmo. Havia apenas um curso de ação aberto para mim agora. Aquela visita a Cobh tornou-se subitamente a prioridade máxima. Mal podia esperar para ver o que poderia encontrar lá.

NOTAS, CAPÍTULO 10

**1 Ticehurst, Brian: The Titanic, Southampton's Memorials, Kingfisher Railway Productions (1990)*

**2 O'Hara, Monica: Hands Off The Titanic, Countyvise (1989)*

**3 Broderick, Mary, A History of Cobh, Broderick (1989), pp 110-111.*

PARTE DOIS

COBH

(anteriormente Queenstown)

Capítulo 11

Durante o voo para Dublin, dei por mim com os pensamentos a derivarem por conta própria para o hotel com a cobertura. Mesmo enquanto a minha mente se detinha nele, a imagem tornava-se mais nítida. Era num lugar chamado West., qualquer coisa, e ao lado de um estabelecimento cuja natureza a minha mente parecia estar a bloquear. Não conseguia perceber porquê.

Por isso, continuei a deixar que memórias espontâneas do ‘meu’ hotel entrassem na minha cabeça. A imagem da cobertura tornou-se cada vez mais clara na minha mente. Conseguia ver como estava lindamente decorada e como se estendia da porta principal do hotel (cujo nome ainda me escapava) até à borda do passeio, onde era sustentada por dois pilares.

Conseguia sentir-me à entrada com o meu acompanhante e a ser atendida por porteiros fardados. Quanto disto era memória real e quanto era imaginação, perguntava eu a mim própria?

Poderia Lucie Latymer ser outra Bridey Murphy? Quarenta anos antes, Bridey fizera a sua aparição em circunstâncias não muito diferentes daquelas em que Lucie se estava agora a ‘manifestar’.

Em 1956, Morey Bernstein, um hipnotizador amador que vivia na América, publicou um livro *1 no qual descrevia como tinha feito regredir uma dona de casa do Colorado chamada Virginia Tighe à Irlanda do século XIX.

O Sr. Bernstein afirmou que, sob hipnose, a Sra. Tighe (a quem ele se referia como Ruth Simmons) falava com um sotaque irlandês cadenciado de um lugar que ela aparentemente nunca visitara nesta vida. Ao longo de várias regressões, ela deu os nomes de várias pessoas e locais irlandeses.

Naturalmente, a imprensa da época enlouqueceu de entusiasmo. Mas a regressão acabou por se mostrar apenas ligeiramente fora de rota. Pois transpareceu que o inconsciente da Sra. Tighe a fazia encenar histórias que lhe tinham sido narradas, em criança, por uma tia que vinha de Cork. Depois, isso também foi contestado. Este caso muito complicado é totalmente explicado por Roy Stemman em Reincarnation International *2.

A senhora não estava a enganar conscientemente: estava apenas a dar vazão à sua imaginação hiperativa. E, neste ponto, deve ser dito que eu também passei parte da minha infância na Irlanda: embora muito mais a norte, num condado chamado Cavan. De qualquer forma, a minha irmã mais velha, Doirin, afirmou categoricamente que nunca tínhamos visitado Cobh em crianças. As férias de verão eram invariavelmente passadas num lugar chamado Skerries, perto de Dublin.

O avião começou a sua descida, mas eu ainda estava num estado de exaltação. Sentia muito fortemente que ia encontrar o meu hotel nas

próximas vinte e quatro horas: ou se não propriamente o local em si, pelo menos provas sólidas que mostrassem que ele era como eu o 'via'.

Aterrámos mesmo a tempo de eu correr pelo aeroporto para apanhar o meu avião com destino a Cork e, durante esse segundo voo, eu estava realmente nas nuvens, em todos os sentidos. As 'vibrações' tornavam-se cada vez mais fortes.

Em Cork, atravessei a cidade disparada para apanhar o primeiro comboio disponível para Cobh, apenas para descobrir que não havia nenhum durante quase três horas. Os passageiros do Titanic teriam armado uma zaragata se tivessem de esperar tanto tempo. No entanto, o atraso proporcionou-me a oportunidade de absorver a atmosfera da estação de comboio, que parecia quase não ter mudado em cem anos.

Melhor ainda, conseguia agora sentir fortemente a presença de Lucie. Ela tinha estado aqui... eu simplesmente SABIA!

O facto de me ver a tirar várias fotografias fascinou um senhor idoso, que se voluntariou a informar que a frente da estação costumava ser a parte de trás e vice-versa. Ah sim, isto era a Irlanda, com certeza.

"Onde é agora o parque de estacionamento, os cavalos e as carruagens costumavam alinhar-se," disse-me ele. "Os passageiros a pé entravam por aquele portão lateral (agora selado) e desciam a rampa (agora coberta de neve), onde se juntavam àqueles que vinham dos carros de aluguer (hackneys).

"Depois seguiam todos por aquele portão de madeira branco que dá diretamente para a plataforma. (O portão branco estava também agora fora de uso). A linha corre ao longo de toda a costa até Cobh. É uma rota linda e cénica," concluiu ele com carinho.

Bem, era uma rota que eu não estava destinada a ver hoje. Graças ao mau tempo contínuo, o comboio não estava a circular e um autocarro fora colocado no seu lugar. As janelas estavam congeladas por fora, embaciadas por dentro e eu conseguia ver muito pouco de tudo o que fosse.

Meia hora depois, parámos no porto de Cobh; ao longo do Deepwater Quay. Aqueles a quem perguntei disseram que este era o local exato de onde os barcos de apoio partiam para o Titanic. Seguramente estariam enganados?

Esta cena não era nada parecida com o lugar de que me lembro... se Lucie partiu de Queenstown, o que eu suspeitava fortemente que tinha feito, onde estava o pontão de madeira? Onde estava o passeio marítimo com as suas árvores, bancos, coreto e reparos de canhão?

Coreto e reparos de canhão? O que é que subitamente trouxe isso à minha mente?

As memórias de Lucie estavam a surgir em alto e bom som., encontrar a fila de hotéis em socalco, o passeio marítimo, o pontão, e eu encontraria o meu rasto.

Poderia o motorista apontar-me a direção do passeio marítimo? (Note-se o uso confiante do artigo definido. Não 'um', mas 'O' passeio).

"Subindo a colina," apontou ele.

À medida que comecei a caminhar, o lugar tornou-se cada vez mais familiar. A meio daquela subida íngreme e excessivamente gelada, congelei... e não foi por causa do tempo. Quando a Low Road (esta) se encontrou com a High Road, as cargas emocionais dentro de mim produziram uma série de choques loucamente excitantes.

Quando subi para a Westbourne Place, fui atingida, de frente, por uma rajada do passado. Esta era a própria colina pela qual os dois cavalos tinham subido ofegantes desde a estação de comboio enquanto transportavam os nossos dois amantes na carruagem de aluguer (de duas rodas). Esta era a própria rota pela qual Lucie e o seu amor viajaram há quase oito décadas.

Seguir os passos deles foi uma das experiências mais carregadas de emoção da minha vida. Oh sim, Lucie, tu estiveste aqui, com certeza. Foi para aqui que vieste depois de fugires de casa. E o que é que eu vi no topo da colina?

Acertei à primeira.

O passeio marítimo com bancos, a fila de pensões e hotéis, jardins, o coreto e o reparo de canhão. Para meu deleite extático, estavam todos lá. Bem, quase todos... por enquanto, ainda não conseguia ver o meu hotel de sonho, com a cobertura. Mas iria encontrá-lo. Não ia sair deste lugar até o conseguir.

Um entusiasmo formigante apoderou-se de mim enquanto o meu sonho se tornava realidade concreta. Conhecia este lugar como a palma da minha mão e não precisaria de mapas para me guiar: até a barraca de madeira de cachorros-quentes parecia estranhamente familiar. *3

"Oh, vamos lá, Monica," disse para mim mesma, "agora estás mesmo a deixar a tua imaginação fugir contigo." Não havia cachorros-quentes naqueles dias. Sê sensata.

Mas ser sensata não era fácil em tais circunstâncias. Sentia-me como uma criança a acordar na manhã de Natal com um saco cheio de brinquedos. A visão desta cidade linda, tão linda, era o meu presente dos deuses. Tive um desejo súbito de gritar "eureka".

Aqui estava eu em Cobh, então: e que lugar esplêndido era. Situada na margem sul de Cork, a antiga estância de saúde e águas termais tinha o aspeto de Brighton, a popular estância na costa sul de Inglaterra.

Queria acreditar que tinha ficado aqui num tempo em que era conhecida como Queenstown. Todos os meus instintos me diziam que uma parte do meu ser estivera a bordo do Titanic. Mas, por natureza, sou cética. Sendo jornalista, tenho de o ser.

A questão crucial em jogo era: conseguiria eu provar, além de qualquer sombra de dúvida, que alguma parte inerente de mim — das minhas memórias — estava viva na primeira parte do século e que, fosse quem fosse, mergulhou, com o grande transatlântico, nas profundezas do Atlântico Norte em Abril de 1912?

O Hotel Commodore seria a minha casa nos três dias seguintes e, por mais grandioso que fosse, não tinha uma entrada em cúpula com cobertura. Nem parecia que alguma vez a tivesse tido, embora o hotel em si estivesse certamente aqui ao tempo do Titanic, como eu já sabia.

Para os hóspedes que partiam para, ou regressavam de, uma viagem transatlântica, o nome deste hotel teria sido altamente apropriado; pois, nos primeiros dias deste século, era conhecido como The States [Os Estados].

A minha suite com vista para o porto proporcionava um panorama magnífico, mas nenhumas memórias de Lucie e Stennie. Tendo arrumado a bagagem e refrescado-me, saí novamente, armada com câmara, caneta e bloco de notas.

Durante a hora seguinte, ocupei-me a tirar fotografias e a escrever impressões de tudo o que via. Quanto mais via da frente marítima, do passeio, da fila de casas, mais convencida ficava de que este era o lugar dos meus sonhos: o lugar que eu procurara durante tanto tempo.

O coreto tinha perdido o seu teto elaborado, mas os reparos de canhão não tinham mudado. O que diabo teriam feito à zona pedonal, no entanto? Não estava nada como costumava ser, tendo sido modernizada quase além de qualquer reconhecimento. Quase, mas não totalmente...

Uma placa num canto forneceu a resposta. Promenade Quay, explicava, foi renomeado Kennedy Park em 1963, após a visita à Irlanda nesse ano do falecido John Fitzgerald Kennedy.

Era por isso que parecia "fora de sincronia".

As palmeiras — por mais elegantes que fossem — também não faziam parte da minha imagem mental: elas, também, eram comparativamente novas. No entanto, a minha memória desta parte da cidade assemelhava-se muito à cena atual. Certamente havia árvores aqui na altura da visita de Lucie, mas não eram palmeiras.

Os bancos também estavam errados. Aqueles que eu vislumbrava eram de ferro forjado: estes eram de madeira; mas, lá está, estes foram provavelmente instalados quando o Kennedy Park foi construído. Mais e mais evidências se acumulavam.

Oh Deus, o que tínhamos aqui?

Um pontão de madeira apodrecido; a água claramente visível sob as ripas... ESTA era a memória que estivera alojada no meu inconsciente durante tanto tempo. ESTE ERA O LOCAL EXATO DE ONDE PARTIU O BARCO DE APOIO DE LUCIE.

Fiquei transfixada com a visão.

As memórias começaram a inundar a minha mente tão dramaticamente como as águas do Atlântico Norte inundaram aquele navio glorioso. Enquanto estava sobre aquelas ripas, revivi o medo de Lucie de que o seu salto ficasse preso e ela caísse para a água lá em baixo (um presságio do que lhe iria acontecer poucos dias depois?)

Não precisei de me aproximar daquele cais de madeira nem com a minha câmara nem com o meu corpo trémulo. NÃO OUSEI aproximar-me: um olhar naquela direção traria de volta todo o terror: embora o sentimento em si pudesse ser removido por auto-hipnose, tal como ensinado pelo meu marido em casa.

Aqui, certamente, era de onde o casal em fuga do Titanic partira.

"Não," insistiram os locais a quem perguntei. "Daqui partiam os navios da Cunard: os passageiros da White Star partiam do Deepwater Quay, lá em baixo, junto à estação de comboio."

Longe de mim corrigir aqueles que deveriam conhecer a história da sua própria cidade, mas o meu instinto dizia-me que estavam errados. Raios me partam, eu estive LÁ!

Passariam mais três anos até que me dessem razão. *4

Na manhã seguinte, acordei com o som de sinos. A catedral de Saint Colman repicava a cada quarto de hora. Se o seu carrilhão de 47 sinos (o maior do país) emitia sons tão doces quando Lucie esteve aqui, ela deve ter ficado igualmente encantada. Então por que não tocavam nenhuns sinos familiares para mim, por assim dizer? *5

Terminado o pequeno-almoço, decidi vaguear pela cidade em busca do "meu" hotel. A maioria das outras memórias desconexas tinha sido recuperada e começava a encaixar-se, mas esta continuava elusiva.

De volta ao Commodore, Finbarr Lynch, o subgerente, contou-me que 25.000 pessoas visitaram a cidade no ano passado para a visita do QE2. Porque, nessa ocasião, a visita do transatlântico era para comemorar o 150.º aniversário da fundação da Cunard, ele encostou mesmo ao cais.

Normalmente, ancorava à entrada do porto, ao largo de Roches' Point (onde o Titanic também largara âncora). Dragagens longas e muito caras tiveram de ser realizadas para permitir que o navio-almirante da Cunard chegasse mesmo ao pontão. A sua proximidade ao porto foi, acrescentou o Sr. Lynch, um evento único e que não se esperava que voltasse a acontecer.

Infelizmente, não pude fazer um passeio de barco pela baía porque não funcionavam durante os meses de inverno. Mesmo assim, não seria levada até Roches' Point, porque apenas os barcos de apoio se aventuravam tão longe.

A poucas portas do Commodore, na Westbourne House, Sheila Denvir (secretária honorária do Turismo de Cobh) falou-me sobre o Projeto Queenstown.

O objetivo do projeto era criar uma cidade histórica temática baseada na história marítima, da emigração e ferroviária de Cobh. Já estavam em marcha planos para restaurar os antigos edifícios ferroviários e o Clube de Iatismo. Aparentemente, nos dias que se seguiram à Grande Fome (1845 - '47), este condado viveu uma intensidade de emigração maior do que qualquer outro. A maioria dos jovens que partia para Inglaterra e América passava por esta estação para apanhar os seus navios.

A Sra. Denvir pôs-me em contacto com Joe Wilson, o fotógrafo da cidade; a sua coleção de gravuras antigas poderia revelar-se interessante, pensou ela. Foi marcada uma entrevista para eu falar com o Capitão Charles Nash, um lúcido marinheiro octogenário que vivia do outro lado da cidade.

Deram-me a entender que o capitão tinha uma memória longa e estava sempre feliz por partilhar o seu vasto conhecimento com investigadores como eu. Iria vê-lo no dia seguinte.

Mesmo quando eu estava prestes a sair, a Sra. Denvir deu-me um postal antigo com a vista da frente marítima, no qual notei que, com toda a certeza, as carruagens puxadas por cavalos FAZIAM viagens regulares de e para a estação de comboio.

Era, aparentemente, prática comum os hotéis e pensões enviarem carregadores para angariar clientes entre os visitantes que chegavam. Alguns forneciam carruagens, outros jaunting cars [charretes típicas], enquanto os estabelecimentos menos opulentos simplesmente enviavam carregadores a pé, para levar a bagagem dos passageiros enquanto estes subiam a colina, como eu fizera.

Numa papelaria local, comprei um livro intitulado A History of Cobh [Uma História de Cobh], *6 e folheei-o brevemente, com a intenção de me sentar a lê-lo mais tarde.

O que vi na página 151 resultou num súbito fôlego suspenso e numa necessidade urgente de me sentar.

Era uma fotografia de West Beach, com uma fila de hotéis; mas o chamado The Imperial foi o que me pregou ao chão. TINHA UMA ENTRADA COM COBERTURA QUE SE ESTENDIA ATÉ À BORDA DO PASSEIO, E ERA UMA REPRODUÇÃO EXATA DAQUELA QUE EU TINHA VISTO NO MEU OLHAR MENTAL DURANTE TANTO TEMPO.

NOTAS, CAPÍTULO 11

**1 Bernstein, Morey: The Search for Bridey Murphy, Doubleday, Toronto; Hutchinson, London (1956).*

**2 Stemman, Roy: Reincarnation International, Jan, 1994, n.º 1, pp 18-21.*

**3 A barraca de cachorros-quentes ESTAVA lá na altura da partida do Titanic; para a compra de chá, café e bebidas não alcoólicas.*

**4 O White Star Journal (publicação da Irish Titanic Historical Society), Vol. 2 N.º 2 (Verão 1994), p. 3, relata: Passageiros de terceira classe que viajavam de Queenstown no Titanic apresentaram-se no escritório de James Scott and Co. na manhã de 11 de Abril de 1912. O barco de apoio America da Clyde Shipping (transportando 113 passageiros) foi então embarcado no adjacente White Star Pier.*

**5 O carrilhão e o relógio da catedral de St Colman não foram instalados até 1916. O sino do Ângelus repicando sobre a baía teria vindo de uma das muitas igrejas da cidade.*

**6 Broderick, Mary: A History of Cobh, Broderick (1989).*

Capítulo 12

A minha primeira tarefa depois do pequeno-almoço de domingo foi caminhar na direção do antigo Imperial Hotel (agora o Atlantic Inn), no número Oito da West Beach. Um aviso lá fora dizia que serviam almoços. Naturalmente, eu pretendia estar lá no minuto em que as portas abrissem. E no entanto...

Não tinha a certeza se devia. Tinha quase medo das memórias que tal visita pudesse despertar. Dominada por uma mistura de medo irracional e um entusiasmo louco e desmedido, estava ao mesmo tempo emocionada e

aterrorizada com a perspetiva de entrar no "meu" hotel. Um pouco como John Milton com os seus grandes poemas épicos, Paraíso Perdido e Paraíso Reencontrado.

Que azar estar situado tão perto de algo tão terrivelmente, er... nas palavras de Nancy Mitford, ‘non-U.’ [não-aristocrático] *1 O número Sete era o lugar que a minha mente estava a bloquear. Porquê?

Tudo foi subitamente revelado quando descobri que a casa ao lado do "meu" hotel, embora agora fosse um restaurante de aspeto bastante agradável conhecido como The Galley, costumava ser algo muito diferente.

Grace O’Brien estava provavelmente a prestar um serviço inestimável ao abrir um Lar de Emigrantes; mas dificilmente seria o estilo de Lucie, não é verdade?

No seu tempo, esta casa também fora uma Estação de Correios e uma casa de repouso para soldados e marinheiros. Não admira que Lucie tivesse torcido o seu narizinho atrevido.

Enquanto esperava que as portas do Atlantic Inn abrissem, vagueei em direção à extremidade leste da cidade e subi para ter uma vista da praia outrora frequentada por navios à vela e popular entre contrabandistas.

Há um século, este era o centro comercial de Cobh. Era daqui que os emigrantes que partiam embarcavam para os navios que esperavam à entrada do porto. Na segunda metade do século dezasseis, mais de meio milhão de pessoas deixaram a Irlanda; a maioria através deste porto.

Os sinos da catedral continuavam a bater o quarto de hora. Faziam um som adorável, embora eu agora soubesse por que não era minimamente nostálgico; o Ângelus que chamava os fiéis à oração naquele longínquo dia de Abril não viera da catedral.

De volta à parte principal da cidade, examinei o Monumento ao Lusitania. Uma estrutura evocativa com figuras de bronze de pescadores consumidos pela dor, encimada por um Anjo da Paz; o memorial foi encomendado por americanos em memória daqueles que morreram quando o transatlântico foi afundado por um submarino alemão a 7 de Maio de 1915, ao largo da Old Head of Kinsale, a algumas milhas da costa. A tragédia resultou na perda de mil e quinhentas vidas: um número semelhante aos perdidos no Titanic.

Os residentes de Cobh pareciam estar muito mais envolvidos emocionalmente com o Lusitania do que com o Titanic. Talvez fosse porque os corpos de 139 vítimas do Lusitania foram trazidos para aqui para serem enterrados no Old Churchyard na colina: ao passo que as vítimas e sobreviventes do Titanic foram todos levados para a América.

Vagueei de volta ao pontão, e ofereceram-me uma viagem de regresso a Liverpool no que eu erradamente entendi ser um iate, mas que se revelou ser um cargueiro com cinco homens (e nenhuma mulher!).

Fui tentada a aceitar a passagem na viagem de trinta horas, mas quando mencionei a minha obsessão pelo Titanic ao Capitão, ele retirou a oferta. Tal como nunca se deve mencionar a possibilidade de uma queda a um piloto de avião, é azar falar com capitães de navios sobre um naufrágio. QUALQUER naufrágio.

De volta ao Atlantic Inn ao meio-dia, ganhei coragem e entrei; para conhecer Leslie e Avril Casey, os proprietários. Expliquei que estava a escrever um livro sobre uma jovem mulher que ficara naquelas instalações por uma noite ou duas antes de partir naquela memorável viagem inaugural.

Teriam, por acaso, os livros de registo de hóspedes que remontassem a 1912? Não? Bem, não importa. Talvez me fosse possível ver o local, ou pelo menos, ser-me mostrado um quarto onde a jovem pudesse ter ficado?

A Sra. Casey muito gentilmente guiou-me até à parte de trás da estalagem, que era a parte mais antiga do edifício, e permitiu-me espreitar rapidamente um dos quartos que já não estavam em uso. Foi-me assegurado que esta ala tinha mudado muito pouco ao longo dos anos. Para minha grande deceção, não senti nada. Absolutamente nada.

Fui levada ao primeiro andar, através de uma porta antiga, com as palavras ‘coffee room’ [sala de café] inscritas no vidro fosco. Esta era agora a sala de jantar. A porta de estilo semelhante da sala de estar adjacente anunciava a nossa entrada no que costumava ser a sala de visitas (drawing room). Apesar da visita guiada detalhada, não tive a mais remota sensação de familiaridade. Teriam as minhas células de memória adormecido? Ou estariam a pregar-me partidas enfeitiçantes? Porquê, porquê, PORQUÊ não estavam a funcionar como deviam? Eu estava tão

tantalizantemente perto de encontrar o que queria, e no entanto ainda me escapava. Oh Lucie, que truques estavas tu a pregar agora?

O almoço foi sumptuoso, mas, embora me doesse ter de o admitir, o "meu" hotel não parecia ser o meu, afinal de contas. Embora o Atlantic Inn fosse uma pensão familiar muito agradável e o serviço fosse excelente, não era o que eu procurava. O que estava errado? Por que não conseguia sintonizar os sentimentos de Lucie aqui dentro? Estaria a esforçar-me demasiado?

Saciada de corpo, se não de mente, caminhei na direção geral de Holy Ground para o meu encontro com o Capitão Nash, o antigo piloto do porto. Com algum tempo de sobra, vagueei na direção geral do cinema, ainda tentando pôr os meus pensamentos em ordem.

Subitamente, sem aviso, a minha pele começou a formigar e o cheiro evocativo de ácido carbólico atingiu as papilas de memória que estivessem à espreita nas minhas narinas. Ha-ha, Lucie. Muito engraçado. Supunha-se que estarias a partilhar o Imperial Hotel / Atlantic Inn comigo, não a fazer-me sentir comichão e com necessidade de um banho. Passava bem sem isto, muito obrigada.

(Não foi senão muito mais tarde nesse dia que soube a razão para o cheiro a ácido carbólico que me assaltava as narinas. O cinema costumava ser uma casa de banhos públicos e, mais tarde, uma estação de exame de emigrantes — ou de 'desinfestação de piolhos'. Como Lucie poderia ter dito, que coisa tão imprópria.)

Uma passagem à esquerda levava a Harbour Row onde, ainda absorvendo a atmosfera ensaboada e ainda lamentando a falta de nostalgia dentro do hotel, continuei, para subir mais colinas íngremes, todas como lâminas de gelo. A cidade de Cobh é um labirinto de inclinações acentuadas e ruas estreitas: um pouco como Edimburgo.

Pelo lado positivo, as vistas eram de tirar o fôlego. O lugar era muito mais bonito do que eu jamais imaginara. Não admira que as pessoas locais ficassem tão chateadas quando todas aquelas publicações sobre o Titanic apenas faziam referências passageiras ao seu último porto de escala.

"Não são muitos os autores que se dão ao trabalho de vir à nossa cidade e falar connosco," afirmaram vários deles. *2

Construída para oficiais navais e as suas esposas, era uma cidade de tipo muito inglês; no entanto, o seu elemento irlandês era tão forte como em qualquer outro lugar.

A casa do Capitão Nash ficava no alto de uma colina com vista para Roches' Point. Ele brindou-me com histórias maravilhosas dos seus dias no mar. Com oitenta e seis anos de idade, conseguia lembrar-se do dia em que o Titanic partiu como se fosse ontem.

"Tinha oito anos na altura, e a cidade estava cheia de gente," recordou ele. "Fiquei junto a este mesmo muro onde estamos agora. Estava com os meus amigos da escola, vizinhos e visitantes. As pessoas chegavam à cidade vindas de todo o país para ver o grande navio. Tínhamos uma vista magnífica dele."

Tinha sido uma experiência muito emocional, perguntei eu, e fiquei um pouco murcha ao ouvir que não: enquanto rapazes, viam regularmente os grandes navios chegar e partir.

Quem, entre aquelas crianças, poderia ter tido algum pressentimento do que estava para vir? No que lhes dizia respeito, este era apenas mais um navio a passar: embora, maior do que a maioria.

Com o benefício da distância, conseguia apreciar que esta era uma reação muito natural para um rapaz em idade escolar. Tanto quanto o Capitão Nash sabia, não tinha havido residentes de Cobh entre os passageiros ou tripulação. Todos tinham convergido para aqui vindos de outros lugares.

O capitão vinha de uma longa linhagem de marinheiros. O seu avô James fora empregado como piloto da Cunard Line durante vinte anos. O seu pai, Thomas, também fora piloto do porto, tal como três dos seus tios. O seu filho, Thomas, reformara-se recentemente após servir durante vários anos como capitão de petroleiros na África do Sul, e o seu neto, Charles, era cadete na escola náutica. O Capitão Nash sabia tanto sobre o mar como qualquer pessoa que eu pudesse ter conhecido.

Dada a minha relutância em caminhar sobre passadiços de madeira escorregadios, ocorreu-me perguntar quão seguras poderiam ter sido as pranchas dos barcos de apoio.

"Eram bamboleantes," assegurou-me ele. "Particularmente se houvesse um pouco de ondulação na água."

"E houve ondulação nesse dia?"

"Houve!"

De certa forma, achei que pudesse ter havido.

Acompanhada de uma chávena de chá, o capitão mostrou-me alguns documentos frágeis e amarelados, que revelavam que, lá em 1912, os viajantes transatlânticos podiam vir de Cork com uma parelha de cavalos (numa landau, brougham ou victória, sentando quatro pessoas no interior), por cinco xelins. Uma brougham ou victória de um cavalo custava três xelins e seis pence por hora (17 e meio p na moeda decimal).

Para os visitantes que desejassem viajar de comboio, a tarifa simples de primeira classe era de um xelim e quatro pence (aproximadamente 8 pence); segunda classe, um xelim; terceira classe, oito pence (menos de 4 pence).

O clima era descrito como sendo ameno e equilibrado, e a própria cidade como "uma encantadora residência primaveril para pessoas com problemas pulmonares delicados e para aqueles em convalescença de doenças agudas".

O autor não identificado prosseguia: "Com fúcsias, iúcas, gerânios e murtas em flor, os inválidos podem exercitar-se ao longo de todo o ano. O Dr. A. Thompson — um conhecido especialista local — está prontamente disponível." (Para quê exatamente, isso não foi revelado). . .

Falando de médicos, tive um encontro muito estranho quando visitei o local onde as vítimas do Lusitania foram sepultadas. Um grupo de crianças pensou que eu poderia estar interessado na campa do Dr. James Verling. O homem, natural de Cobh, fora cirurgião de Napoleão durante o seu exílio em Santa Helena.

O que as crianças queriam mostrar-me era que, onde a terra tinha parcialmente abatido, o seu crânio estava claramente visível. Se as crianças locais sabiam disso, então certamente as autoridades da igreja também sabiam. Porque não tinham voltado a enterrar os restos mortais? Era profundamente perturbador ser encarado daquela forma por um crânio humano... embora alguns possam dizer que não era pior do que ter Lucie a

irradiar os seus pensamentos, também eles vindos do que se poderia supor ser o Grande Além.

Pelo menos, o comportamento das crianças de Cobh era mais contido do que o das suas congéneres de Liverpool quando, na década de 1930, no cemitério da há muito demolida Christ Church, um grupo particularmente enérgico de miúdos foi descoberto a jogar críquete com restos humanos.

Tratava-se dos restos de William Windham Sadler, que morrera quase um século antes. Em 1817, Sadler tornara-se o primeiro homem a atravessar o Mar da Irlanda, de Dublin para Liverpool, num balão.[3]

De regresso ao Commodore, o serão de domingo foi inteiramente ocupado a contemplar tudo isto, entre consultas a mapas, jornais antigos e outros documentos envelhecidos. A questão relacionada com "o meu" hotel deixou-me com a sensação de que todos aqueles maravilhosos presentes de Natal me tinham sido arrancados mesmo debaixo do nariz. Recolhi-me para a noite sentindo-me profundamente desiludido.

NOTAS, CAPÍTULO 12

**1 Os termos U e non-U foram criados pela escritora Nancy Mitford, que escrevia nos anos 1950 sobre distinções de classe e a aristocracia inglesa. Lucie — pelo menos na sua própria avaliação — seria uma pessoa muito claramente U!*

**2 Essa situação foi corrigida no verão de 1994, quando visitantes da Titanic Historical Society — sediada em Massachusetts, EUA — incluíram Cobh na sua digressão pelas Ilhas Britânicas. Um relato da visita aparece no White Star Journal, Vol. 2, Nº 2.*

**3 Whale, Derek: Lost Villages of Liverpool, Part Two, Stephensons (1984), p. 11.*

Capítulo 13

Nada parece alguma vez tão mau de manhã. Despertado pelo coro da alvorada, comecei a contar as minhas bênçãos... a estabelecer comparações entre os elementos emergentes da regressão e os factos conhecidos sobre a viagem.

De um lado da folha, rabisquei informações provenientes da recordação hipnótica; do outro, os factos reais. Os resultados, tive de admitir, eram impressionantes.

PONTO UM: os tenders sobrelotados. Sim, concordou Tom Williams. Com 113 passageiros a bordo, teriam necessariamente estado.

PONTO DOIS: A bordo do navio, Lucie lamentara o facto de os dormitórios para homens e mulheres solteiros estarem situados em extremos opostos do navio.

Geoff Whitfield confirmou que as cabinas de homens e mulheres solteiros estavam efectivamente separadas, tal como descrito.

PONTO TRÊS: Foi também feita referência a uma mulher em prantos que deixara cair o seu rosário ao mar. Isso, aparentemente, também era correto. Uma passageira chamada Nora Keane acreditava firmemente que o Titanic não chegaria em segurança a Nova Iorque. Sabe-se que perturbou muitos outros passageiros com a repetição constante da sua previsão.

Segundo o autor e historiador americano George Behe, a Srta. Keane referiu várias vezes os seus receios, dizendo: "Glória a Deus. Este navio nunca chegará a Nova Iorque!" O medo da Srta. Keane, acrescentou ele, teria tido origem quando deixou cair o seu rosário ao mar.[1]

PONTO QUATRO: Quando Lucie fez a sua visita furtiva à secção de Primeira Classe, ficou deslumbrada com a visão da magnífica cúpula acima da grande escadaria; o relógio, as figuras simbólicas, as ornamentadas portas dos elevadores, os bonitos cafés e as esplêndidas salas de jantar.

Os cépticos poderiam desvalorizar estas descrições, porque qualquer pessoa que alguma vez tenha visto fotografias ou filmes sobre o Titanic saberia tudo isso. Ainda assim, foi intrigante para mim, enquanto Lucie, "vê-los" realmente em todo o seu esplendor.

PONTO CINCO: Durante uma das suas regressões, Lucie mostrara-se irritada com o facto de muitos dos seus companheiros de viagem não falarem inglês. Poder-se-ia tirar a mesma conclusão que no ponto quatro acima; é conhecimento geral que muitas famílias escandinavas e italianas viajavam em terceira classe. Mesmo assim, vê-las em carne e osso e ouvi-las tagarelar entre si revelou-se uma experiência esclarecedora.

PONTO SEIS: Dennie dissera a Lucie que o nome do capitão era Edward John Smith, razão pela qual era geralmente conhecido por E.J. A própria Lucie ficara particularmente impressionada com a elegância do capitão e dos seus oficiais quando efetuavam as suas inspeções diárias.

Verdadeiro nos três aspetos. O nome do capitão era Smith, era geralmente conhecido por E.J., e realizava efetivamente uma inspeção diária, tal como descrito.[2]

PONTO SETE: Lucie também ouvira conversas entre os seus companheiros de viagem de que o Capitão Smith estava prestes a reformar-se.

Isso também é historicamente exato. Edward John Smith tinha 59 anos. E sim... depois de levar o Titanic a Nova Iorque na sua viagem inaugural e de volta a Southampton, planeava reformar-se.[3]

PONTO OITO: Na manhã de domingo, no início daquele que viria a ser o seu último dia completo a bordo, Lucie falou a Dennie sobre o Serviço Divino realizado na Sala de Jantar da Primeira Classe.

Foi exatamente aí que o Serviço Divino teve lugar.[4]

PONTO NOVE: Lucie, incapaz de dormir, encontrava-se no convés naquela noite memorável. Olhando por cima da borda, viu um grande objeto branco aproximar-se e colidir com o navio. Observou o objeto misterioso deslizar ao longo do casco, raspando e rasgando, e depois afastar-se calmamente ao longe como se nada tivesse acontecido.

Mais uma vez, os céticos afirmariam que qualquer pessoa minimamente interessada na história da trágica viagem inaugural SABIA que fora assim que tudo acontecera. Mas quantas pessoas vivas hoje podem afirmar que realmente viram as gélidas unhas da mão do destino raspar ao longo do navio, e ainda lá estavam quando o sangue vital do Titanic se derramou para se fundir com o oceano?

A tudo isso somavam-se as inúmeras semelhanças na própria Cobh, entre as observações de Lucie e os factos estabelecidos... a colina que subia desde a estação ferroviária; a carruagem puxada a cavalos, o passeio marítimo, os jardins, o coreto, o carro de artilharia, a banca de cachorros-quentes e o cais, tudo conforme relatado no capítulo onze. . .

Ao pequeno-almoço, soube que a Sra. Vicky Barry, proprietária do Galley, possuía uma coleção de fotografias históricas. Assim, reunindo toda a coragem de Lucie juntamente com a minha, preparei-me para entrar na antiga Casa dos Emigrantes.

O exterior não despertara qualquer imagem mental, por isso dificilmente esperava retirar alguma coisa do interior.

Lucie poderia ter tido as suas razões para evitar o local, mas para mim isso não fazia absolutamente sentido.

Assim que entrei, percebi porquê.

Num instante, tudo se tornou subitamente e desconcertantemente claro quando a assustadora verdade me atingiu como um raio caído do céu. Falar de uma casa que parecia a própria casa!

Com a sua enorme escadaria curva, corrimões de madeira entalhada, ferragens em latão e paredes revestidas a painéis, eu conhecia esta casa demasiado bem. E Lucie também... apesar de ter ocultado a verdade durante tanto tempo.

A pequena snob fingira ter ficado hospedada no Imperial, mas era aqui que realmente pendurara o chapéu e o seu bonito vestido azul.

Foi aqui que ela e Dennie ficaram antes de partirem para a sua fatídica viagem. EU SEI que ela ficou à porta do Imperial a olhar com desejo para aqueles que dispunham de mais dinheiro e SUSPEITO que dizia a quem perguntasse que era hóspede do hotel; mas o facto permanece: nunca pôs o seu delicado pezinho dentro daquele lugar.

FOI aqui que ela ficou hospedada. Que revelação tão esclarecedora: explicava o meu enorme sentimento de desilusão perante a falta de reconhecimento quando entrei no edifício ao lado.

Com este, a situação invertia-se. Reconhecia cada centímetro do interior e absolutamente nada do exterior. A frente do edifício não despertava memória alguma. Porque seria isso?, perguntei à Sra. Barry.

"Porque a fachada original ardeu há alguns anos", explicou-me. "Esses tijolos e esses vitrais são modernos."

Francamente boquiaberto com a familiaridade do ambiente que me rodeava, segui a Sra. Barry pela larga escadaria; o acabamento em latão de

cada degrau cintilava maliciosamente sob a forte luz do sol da manhã. Ela mostrou-me a sala onde os emigrantes, e mais tarde os militares, se reuniam.

A Sra. Barry apontou para as paredes, todas revestidas com pinho pitch pine, e para o pavimento feito de grossos blocos de calcário. Através de uma janela traseira, vimos uma extensão do edifício, cujas janelas superiores tinham grades de segurança.

Quanta tristeza esta casa terá sentido no passado, e também a sua quota-parte de nostalgia. Os residentes cantavam, dançavam e reuniam-se em torno da pianola aqui dentro, acrescentou ela. Eu sabia que assim era. "Lembrava-me" dos cilindros do instrumento a rodarem sem parar enquanto a música estranha ecoava pelo espaço. Mas, acima de tudo, conseguia recordar o som do violino, das gaitas e do acordeão: este último instrumento sendo coloridamente descrito como "vem-para-mim, vai-para-longe-de-mim", devido ao movimento necessário para produzir a música.

Conseguia ouvir novamente o lamento das gaitas que aquele homem tocava. Eram gaitas-de-foles, mas ao mesmo tempo não eram... Ainda conseguia ouvir os seus compatriotas referirem-se a elas como "ill..." qualquer coisa. Talvez fossem velhas e doentes, raciocinei.

(Tal como sucedera com a informação sobre Scotts Quay, referida no Capítulo Onze, a explicação para o motivo de as gaitas receberem esse nome só me chegou três anos mais tarde.[5])

A propriedade em si era realmente bastante bela. Embora já não fosse residencial, era um lugar incrivelmente elegante, com os seus tetos altos e lareiras ornamentadas.

Ocorreu-me que, em Londres, uma casa como esta valeria uma fortuna. Aparentemente, antes de 1855, o muito exclusivo Cork Yacht Club funcionava aqui.

Depois disso, segui para o meu próximo "porto de escala".

Na sede da James Scott and Co., agentes marítimos, tomei café com o Sr. Frank Taft, um dos diretores. A visão das duas imagens penduradas na parede do seu escritório fez-me engolir em seco. Porquê?

Porque eram exatamente as cenas que tinham vivido na minha mente desde que me conseguia lembrar. Uma mostrava o passeio marítimo

apinhado, com senhoras de vestidos compridos a moverem-se apressadamente entre árvores que definitivamente não eram palmeiras, e sentadas a conversar em bancos que definitivamente não eram de madeira. E ali, ao centro, estava o coreto com a cobertura que eu sabia que deveria ter tido.

A segunda imagem mostrava passageiros a embarcar nos tenders que os levariam até ao Titanic. O Sr. Taft, tal como o Capitão Nash, mostrou-me cópias de documentos contemporâneos: neste caso relacionados com o transporte marítimo e a necessidade de os viajantes chegarem ao porto dois dias antes da partida.

Tratava-se de uma exigência legal, para que pudessem obter a documentação necessária, realizar os exames médicos, e assim por diante.

Os bilhetes eram cobrados por "alma", não por "cabeça" ou "cada", como hoje poderíamos imaginar. Através da janela do seu escritório, o Sr. Taft apontou para a banca de cachorros-quentes em madeira, confirmando que era um sobrevivente da época que me interessava.

"Só que naquela altura era móvel", acrescentou. "Puxavam-na para cima e para baixo ao longo do passeio, vendendo chá e café."

Tentando resumir as minhas descobertas, procurei dar algum sentido ao que estava a acontecer. Fora absolutamente impressionante descobrir que Dennis e Mary Lennon tinham realmente estado a bordo e que ambos tinham perecido.

Sabia disso porque, pouco antes de partir para a minha viagem a Cobh, Geoff Whitfield actualizara-me sobre o que sucedera após a tragédia.

Na quarta-feira, 17 de Abril de 1912, o navio-cabo Mackay Bennet partiu de Halifax, Nova Escócia, com instruções para procurar, na zona onde o Titanic afundara, os corpos dos passageiros e da tripulação. Acabou por recuperar trezentos e seis.

A maioria eram homens, mas algo acerca de uma das mulheres fez-me sentir um nó na garganta. Uma semana após deixar Halifax, o navio recolheu a sua sexagésima terceira vítima para possível identificação. Os detalhes registados no livro descreviam o corpo como pertencente a uma jovem no final da adolescência ou início dos vinte anos. Vestia um vestido azul e sapatos pretos.

“Objetos pessoais: bolsa contendo fotografia miniatura de um jovem, chave, algumas moedas, medalhão com fotografia. Nenhuma marca no corpo ou na roupa.”

De volta ao hotel Commodore, acrescentei o PONTO DEZ à minha lista.

Lucie vestia o seu vestido azul favorito, com o medalhão pendurado ao pescoço. Seria ela realmente o Corpo Número Sessenta e Três? Se assim fosse, havia uma pequena discrepância. Lucie encontrara o seu destino porque passara demasiado tempo à procura de um dos sapatos; mas o Corpo Número Sessenta e Três parecia definitivamente ter ambos os sapatos calçados. Francamente, não sabia o que pensar desta descoberta. Ainda não sei. Essa informação em particular fez-me sentir arrepios ao longo da espinha — e ainda faz, sempre que penso nisso.

Se, como a Sra. Lewis afirmara (Capítulo Nove), a rapariga fugitiva ESTAVA grávida (embora a própria Lucie nunca tenha feito referência a essa possibilidade), a tripulação do navio de salvamento não mencionou tal facto.

Os registos limitam-se a indicar que os restos mortais foram novamente entregues ao mar no próprio dia (terça-feira, 23 de Abril).

De Dennis Lennon (“Dennie”) não existe qualquer vestígio. Suspeito que o seu corpo nunca tenha sido recuperado do mar. Gosto de pensar que morreram nos braços um do outro e que permaneceram juntos por toda a eternidade.

A propósito de Dennis e Mary, eis a coincidência mais estranha e insólita de todas. Esses eram precisamente os nomes dos meus próprios pais.

Terá sido um mero acaso, ou a telepatia terá de algum modo viajado para a frente no tempo, permitindo ao meu alter ego captar os nomes do casal que transportaria a sua Força Vital para uma nova geração?

Na sequência da minha visita a Cobh, o meu processador de texto ficou em brasa enquanto eu martelava os detalhes de uma viagem altamente bem-sucedida. Sentia-me profundamente satisfeito comigo mesmo. Tinha encontrado o local que outrora fora um hotel com um alpendre abobadado e o sítio menos recomendável ao lado; subira a colina desde a estação

ferroviária, passeara ao longo do passeio marítimo, aventurara-me até ao cais de madeira, ficara diante da antiga cabana de praia móvel e até sentira o cheiro a ácido carbólico da casa de banhos. Descobrira que a pobre e querida Lucie era algo impostora: fingindo hospedar-se no Imperial Hotel, quando na realidade estava na Casa dos Emigrantes. Isso levou-me, mais uma vez, a perguntar se o pai dela ERA realmente um Barão, como afirmava.

Tendo tropeçado num dos seus segredos culpados, interroguei-me se haveria mais alguns escondidos nos armários da sua mente.

Decidi que apenas me restava um caminho a seguir. Tinha de encontrar a sua casa. Simplesmente TINHA de a encontrar.

Ah... um último ponto. Numa pintura a cores do artista americano Ken Marschall, reproduzida numa história ilustrada do Titanic,[6] a sumptuosa decoração em torno da grande escadaria pode ser vista exactamente como descrita por Lucie na sua regressão, um ano antes da publicação do livro de Marschall.

NOTAS, CAPÍTULO 13

**1 Behe, George: Titanic; Psychic Forewarnings of a Tragedy, PSL (1988), p. 33.*

**2 Eaton, John P. e Charles A. Haas: Titanic, Triumph and Tragedy, PSL (1986), p. 113.*

**3 Lord, Walter: The Night Lives On, Viking (1986), p. 42.*

**4 Eaton, John P. e Charles A. Haas: Titanic, Triumph and Tragedy, PSL, p. 114.*

**5 White Star Journal, Vol. 2, Nº 2 (Verão de 1994) refere: "Entre os passageiros que partiram na manhã de 11 de Abril de 1912 encontrava-se um Sr. Eugene Daly, de Athlone, Co. Westmeath, um talentoso tocador de uilleann pipes." Aparentemente, o Sr. Daly entretinha os passageiros com melodias tradicionais irlandesas enquanto seguiam a bordo do tender America. Tocou também uma lamentosa elegia intitulada Erin's Lament. Uilleann, aliás, pronuncia-se "ill-ann".*

**6 Lynch, Don: Titanic, an illustrated history, com pinturas de Ken Marschall: Madison Press Books, Ontário / Hodder and Stoughton,*

Londres (1992) — grande escadaria, p. 51; elevadores, p. 52; sala de jantar, p. 54; cafés, pp. 58–59.

PARTE TRÊS

Alargando a busca

Capítulo 14

A minha busca por Lucie — e possivelmente por uma irmã — implicou escrever cartas às autoridades tanto de Devon como da Cornualha. Em ambas, perguntei sobre as senhoras Latymer, explicando que o pai delas era um agricultor abastado e que a família poderia ter vivido numa grande casa branca. Uma missão bastante desesperada, poderia parecer. Estupidamente, esqueci-me de mencionar a estação ferroviária junto ao portão, o que certamente teria facilitado as investigações.

A consulta das fontes disponíveis na biblioteca West Country Studies Library não produziu nada de relevante, pelo que a bibliotecária responsável pela área sugeriu que eu contactasse quer o Cornwall Record Office, em Truro, quer a Cornish Studies Library, em Redruth.

Fiz como sugerido e achei as autoridades extremamente prestáveis.

No Cornwall Record Office, o arquivista Robert Petre verificou os directórios da região relativos a 1902 e 1910. Frustrantemente, não

conseguiu encontrar qualquer registo de Latimers na área durante o período em questão.

As informações fornecidas pelo Cornwall Record Office eram mais promissoras. Terry Knight, bibliotecário principal, disse-me ter encontrado algo interessante. Os directórios Kelly's da Cornualha para 1914 e 1919 continham referências a "Misses Latimer" e indicavam como morada Trequite House, St Kew, Wadebridge.

O Sr. Knight explicou que essas entradas pertenciam às listas de residentes privados e não incluíam toda a gente, tendo evoluído das antigas listas da corte presentes nas primeiras edições.

Não conseguiu encontrar qualquer vestígio de Arthur Stenning,[1] mas, em resposta à minha pergunta sobre como o casal poderia ter viajado até Queenstown, disse não ter conhecimento de ligações marítimas regulares directas a partir da Cornualha.

"Mas imagino que os viajantes poderiam ter ido até Bristol, ou mesmo seguido caminho até Liverpool.

"Poderia também ter havido alguma travessia ocasional em barcos de trabalho, claro."

Poderia, de facto. Tenho uma impressão bastante nítida do nosso casal fugitivo suportando uma travessia nada confortável num desses barcos.

Com os dedos firmemente cruzados, enviei uma carta ao ocupante de Trequite House, St Kew: presumindo, claro, que a casa ainda existisse e tivesse efectivamente ocupantes. O que sabiam eles sobre os Latimers, ou Latymers? E, já agora, qual era o significado daquele estranho nome da casa? (Trequite significaria grande e branca?)

A resposta, que chegou pelo correio de retorno, deixou-me num estado de tensão febril... e expectativa. A carta era de uma Sra. N.G. Routledge, que escreveu:

"A minha família e eu vivemos em Trequite House há vinte e oito anos. O proprietário anterior, o Sr. T. Andrews, ainda vive nas proximidades e deu-me a seguinte informação:

"As duas irmãs que aqui viveram eram, na verdade, meias-irmãs. Uma era a Srta. Elizabeth (conhecida como Bessie), a outra a Srta. Cadman.

“Bessie Latimer era madrinha do Sr. Andrews.

“Ele é da opinião de que eram ricas e empregavam criados negros.”

Poderia um desses criados “negros” ser simplesmente moreno devido ao trabalho ao ar livre? E poderia chamar-se Arthur Stenning? Ou estaria eu a apanhar peças de um puzzle diferente e a tentar encaixá-las neste? Correcção: estaria eu a apanhar peças do meu puzzle e a tentar martelá-las no de outra pessoa?

Infelizmente, para o ambiente da minha história, estas duas (meias-)irmãs não encaixavam minimamente. Eram verdadeiros pilares da comunidade e não o tipo de pessoas que eu procurava. O seu estilo de vida não soava minimamente familiar.

A verdadeira senhora Latimer foi eleita para o conselho da igreja de St Kew em 27 de Fevereiro de 1920 e a Sra. Routledge anexou fotocópias de algumas páginas das Actas das Reuniões do Conselho da Igreja, onde a Srta. Latimer era mencionada, provando que se tratava de uma alma muito respeitável.

Que pena! Não parecia minimamente o tipo de mulher que fugiria com um amante cigano; além disso, Lucie não podia ser uma destas duas se as irmãs ainda estavam vivas na década de 1920. A Sra. Routledge até anexou uma fotografia das duas já na meia-idade... sorrindo para mim através das décadas.

Derrotado outra vez... como talvez se dissesse na época.

Em resposta à minha pergunta sobre o nome Trequite, a Sra. Routledge explicou que se tratava de uma palavra córnica: o prefixo “tre” significando habitação, quinta ou herdade, e “quite” significando bosque.

Ah, mas esperem um momento; talvez o rasto não estivesse tão frio quanto eu pensava. Seria esta quinta, no meio da floresta, a casa ancestral de Lucie? Seria uma propriedade branca, do tipo solar senhorial? Seria — mal ousava pensar nisso — a casa dos meus sonhos?

Escrevi novamente à Sra. Routledge, desta vez fazendo-lhe inúmeras perguntas. Alguma vez alguém da região ouvira falar de Latimers (Latymers?) a viver ali antes das duas irmãs? Tinham, por acaso, conhecimento de um Arthur Stenning? Trequite era uma casa senhorial branca, de estilo georgiano?

Ninguém conseguiu apresentar provas concretas de que a minha família esquiva tivesse vivido ali antes das datas em questão; embora, da mesma forma, também não existisse prova de que NÃO tivesse vivido.

Também não foi possível localizar Arthur Stenning; mas Stenning era um antigo apelido córnico e Tintagel — o histórico assento do Rei Artur — ficava apenas a alguns quilómetros de St Kew. Exatamente ao longo da Atlantic Highway. Assim, fosse qual fosse o local de nascimento do trabalhador, tanto o seu nome próprio como o apelido eram córnicos.

Estávamos agora em meados de 1991: cinco meses depois da minha ida a Cobh, e eu tinha a estranha sensação de que chegara o momento de outro golpe de sorte. E, efetivamente, a Senhora Sorte (ainda que não exatamente a Senhora Lucie) surgiu subitamente do nada.

Trequite não era a casa que eu procurava, mas eu estava perto.

A carta seguinte da Sra. Routledge continha a informação mais emocionante até então.

A casa branca correspondente à minha descrição existia realmente. Chamava-se Lanarth e era agora um hotel licenciado. Mais excitante ainda: as irmãs Latimer viveram nela antes de se mudarem para Trequite House.

Então o que diabo se passava?

Uma grande casa branca, igual à dos meus sonhos: ocupada por uma família Latimer (ainda que com uma grafia diferente), mas no período errado.

O meu alter ego já desaparecera há muito quando aquelas respeitáveis senhoras viveram em Lanarth. Eu estava quase a chegar a Lucie... mas não totalmente. O rasto, tão intenso há um momento, começava novamente a dissipar-se. Tudo aquilo era profundamente fascinante. A pequena senhora estava claramente a divertir-se com o seu jogo de esconde-esconde. Ou, com tantas provocações e insinuações incessantes, seria antes um jogo do gato e do rato?

Os córnicos são celtas. Se Lucie fosse verdadeiramente córnica, talvez fosse essa a razão pela qual quis levar o seu cigano para a Irlanda e embarcar no grande paquete a partir daí.

A segunda possibilidade era que tivesse sido o desejo de Stennie de conhecer outros celtas a levar o casal a embarcar a partir do porto irlandês.

A terceira possibilidade era que tudo isto não passasse de conjetura, e que eu estivesse em risco de deixar a minha imaginação correr desenfreada.

Quem quer que tenha tomado a decisão, tornara-se abundantemente claro durante a minha estadia em Cobh que Lucie tinha uma profunda afinidade com a Irlanda e sentia em Queenstown uma felicidade que nunca experimentara em nenhum outro lugar da sua relativamente curta vida.

Se Lucie viajou realmente no Titanic — e as provas parecem apontar nesse sentido — surgem duas perguntas pertinentes. Em primeiro lugar, como teriam viajado até Queenstown? Em segundo, porque teriam escolhido ir para lá, em vez de Southampton, como todos os outros passageiros ingleses?

Como?

Bem, já ficou estabelecido que, com a enorme presença do Exército Britânico na Irlanda na época, grande parte do tráfego marítimo de ida e volta teria como destino Queenstown.

Além das viagens regulares de serviço e de passageiros, navios de transporte de gado viajavam constantemente a partir de vários portos ingleses e galeses; e que capitão não ficaria satisfeito em ajudar um jovem casal em fuga, se o dinheiro fosse suficiente?

Porquê?

Talvez quisessem criar um falso rasto. Por outro lado, se Stennie tivesse amigos nas comunidades de trabalhadores rurais ou jardineiros, talvez tivessem conseguido arranjar uma passagem gratuita para dois num navio de transporte de gado, ou nalgum meio de transporte semelhante.

Quando e onde “Stennie” se tornou “Dennie” continuava a ser um completo mistério. Naquela altura, eu nem sequer conseguia começar a perceber isso.

Os fugitivos teriam sido informados da necessidade de permanecer no porto durante pelo menos quarenta e oito horas antes da partida, a fim de obterem a documentação necessária.

Ficar em Southampton durante o período exigido poderia ter sido considerado demasiado arriscado; talvez tenham presumido — corretamente, como veio a acontecer — que teriam mais hipóteses de "desaparecer" no remoto interior irlandês.

Além disso, se realmente planeavam casar-se, precisariam de esconder os seus rastos algures muito longe da casa da família: não apenas noutro condado, mas noutro país.

Lucie devia saber que o pai nunca pensaria em procurá-la na Irlanda. Por isso, provavelmente sentia-se relativamente segura em Queenstown e arredores. Que providencial coincidência o facto de a Feira da Primavera de Cork estar a decorrer exatamente na semana da partida; tornando ainda mais fácil para os nossos fugitivos misturarem-se despercebidos na multidão.

A minha carta para Lanarth foi enviada sem demora. Queria ir lá, ver o local, passear pelos terrenos, absorver a atmosfera e descobrir se alguma coisa... fosse o que fosse... me pareceria familiar.

Queria ir imediatamente; sem mais um minuto de atraso... mas vários meses ainda teriam de passar até essa viagem se tornar possível.

A pressão do trabalho jornalístico e o facto de a minha carta original para Lanarth se ter perdido no correio fizeram com que não me restasse alternativa senão ser paciente.

NOTA, CAPÍTULO 14

**1 A ausência dos registos não prova necessariamente a inexistência de Arthur Stenning. Sendo um criado e, portanto, pertencente às "classes inferiores", talvez não fosse suficientemente alfabetizado para inscrever o seu nome no registo eleitoral. Ou talvez simplesmente não permanecesse tempo suficiente num mesmo local para chamar a atenção das autoridades.*

Capítulo 15

Outra regressão à Lucie pareceu uma boa ideia.

Talvez ela fornecesse mais alguma informação... revelasse uma pista adicional que provasse, para além de qualquer dúvida, que REALMENTE vivera em Lanarth, que o pai dela ERA um barão, que a mãe dela SE

afogara, ainda que em circunstâncias menos dramáticas do que aquelas em que ela própria perdera a vida.

Na noite de sábado, 22 de Junho de 1991, fui novamente submetida a regressão; desta vez na presença de Geoff Whitfield, secretário honorário da BTS, da sua esposa Alma; de Michael e Sharon Bott, um casal de amigos atores vindos de Londres; e do meu filho Arthur, que viajara de Kent para passar o fim-de-semana.

Munido de toda a informação recolhida até então, o grupo reunido sentiu que talvez, naquela ocasião, algumas perguntas mais direcionadas fossem apropriadas.

Normalmente, esse tipo de perguntas está completamente fora de questão; mas no caso de Lucie, porque ela era uma personagem tão difícil e não respondia como toda a gente, as perguntas seriam agora apresentadas de uma forma que permitisse testar a sua atitude e linguagem corporal. E seriam colocadas não apenas por Joe, mas também por outros membros do grupo.

Como reagiria eu, na personagem de Lucie?

O comportamento e as respostas de Lucie nunca eram algo que eu pudesse prever.

Nem poderia dizer antecipadamente como reagiria perante aqueles que estavam prestes a interrogá-la. (Na verdade, foi horrível, e tive de pedir as mais sinceras desculpas aos meus amigos pela sua atitude e comportamento. A forma como Lucie lhes falou foi indesculpável... mas já lá iremos).

Tudo o que eu sabia com certeza era que informação que a minha mente consciente não possuía estava sempre livremente disponível para o meu subconsciente. Da mesma forma, embora conscientemente eu soubesse perfeitamente que era normalmente o meu marido quem me interrogava, a minha mente subconsciente, sob regressão, encarava-o simplesmente como A Voz.

Também tinha consciência de que os factos do presente estavam envoltos em neblina e fora do alcance da personagem regressada porque, naquela época passada, os acontecimentos associados ainda não tinham ocorrido.

A minha perceção das imagens era bastante diferente.

Sempre, durante a regressão, era como se uma fotografia a cores tivesse sido sobreposta a outra muito mais nítida, a preto e branco; ou, usando outra analogia, como se eu estivesse simultaneamente a ver e a participar num filme. Nunca, em momento algum, fiquei totalmente alheada do ambiente que me rodeava.

As imagens do passado entrelaçavam-se com as do presente, produzindo um resultado fascinante; mas isso não me causava grande dificuldade. As recordações da vida de Lucie não me pareciam mais estranhas nem menos vívidas do que as memórias da minha própria infância. Os acontecimentos recordados tinham ocorrido mais cedo: era apenas isso.

Durante esta última regressão, tal como em todas as anteriores, eu sabia que estava em casa, em Merseyside, rodeada pelo meu marido e pelos meus amigos; mas também estava muito longe, nos primeiros anos do século, com um cigano apaixonado. (Felizmente, tenho um marido extremamente compreensivo!)

O que a regressão me provou de forma bastante contundente, porém, foi que o subconsciente é extraordinariamente poderoso, e sublimará sempre o consciente... particularmente no que toca a recordações distantes.

Conscientemente, eu sabia que uma rapariga chamada Eleanor Truelove Latimer fugira com o amante, que tinha uma irmã chamada Alice e uma criada chamada Sarah Jane; contudo, em regressão, os nomes Eleanor Truelove e Alice nada significavam para mim, embora o nome Sarah Jane despertasse algo vago. Não havia qualquer reação aos nomes de lugares, Probus e Southampton (que também tinham sido mencionados pela Sra. Lewis quando falou do desaparecimento de Eleanor). . .

O que era que atraía Stennie (Dennie... ou quem quer que ele fosse) em Lucie? Continuo sem conseguir perceber como ele a suportava, porque ela surgia como a mais presunçosa, convencida e arrogante pequena víbora que eu alguma vez encontrara. Uma snob consumada. Verdadeiramente insuportável.

Espero não ter sido assim tão má na idade dela, mas posso afirmar com segurança que Lucie possuía características emocionais e psicológicas

diferentes das minhas. Enquanto ela ansiava por companhia quando criança, eu preferia estar sozinha. Enquanto ela era arrogante e excessivamente confiante, eu era uma pequena criatura tímida e introvertida. A própria personificação da timidez.

Ela odiava o pai e olhava com desdém para a governanta; eu adorava o meu pai, não tive governanta, mas durante os meus anos de formação a nossa governanta doméstica era a minha melhor amiga. Ela achava as aulas de piano entediantes; eu adorava as minhas.

Enquanto ela era uma pequena costureira competente, eu não tenho qualquer interesse por costura. Os animais domésticos da sua infância eram cães; os meus eram gatos.

Mas também havia semelhanças... partilhamos uma certa tendência para a dificuldade social, um amor por plantas, flores, sapatos bonitos, um encantamento pelo lugar que ela conhecia como Queenstown e eu como Cobh; e ambas temos música na alma.

Poderia esse amor pela música ser responsável pelo estado de espírito estranhamente evocativo que me invade quando ouço melodias ciganas? (Abster-me-ei de desenvolver o que sinto quando vejo ciganos lindíssimos, de olhos negros e cabelo encaracolado, NESTA vida!).

Será possível que sentimentos, palavras e emoções passem de uma vida para a seguinte? Se estas regressões são realmente prova de recordações de vidas passadas, então certamente parece ser esse o caso.

De qualquer forma, ali estava eu novamente, como antes, a ser induzida ao estado mais profundo de hipnose e guiada suavemente de volta a Abril de 1912.

Mais uma vez, encontrei-me naquele movimentado passeio marítimo, olhando ansiosamente para o hotel voltado para o cais.

“Onde estás, Lucie?”

Senti o meu nariz empinar-se por vontade própria antes de responder, com a habitual dicção aristocrática e cortante:

“Estou aqui.”

“Onde é aqui, Lucie? Consegues descrever o lugar?”

“É bonito. Muito, muito bonito...”

“Fica junto ao mar?”

“CLARO que fica junto ao mar.” A sensação era, como antes, de intensa irritação. Será que A Voz NÃO CONSEGUIA ver onde ela estava?

Enquanto metade da minha mente parecia pertencer a Lucie, a outra metade era definitivamente minha, porque naquele momento eu ainda estava plenamente consciente das vozes sussurradas à minha volta; consciente de que uma delas pertencia a Geoff, que explicava aos outros que, naquela época, paquetes e cargueiros atracavam e partiam quase com a mesma frequência das próprias marés. Como resultado dessa informação, um dos membros do grupo sentado à minha volta perguntou:

“Consegues ver navios, Lucie?”

E mais uma vez a querida Lucie abanou a cabeça, admirada. Como poderia ela ver navios quando, naquele preciso momento, estava de costas voltadas para o passeio marítimo, contemplando antes a imponente entrada do hotel com a extensa cobertura? Estava fascinada com a visão das senhoras e cavalheiros elegantemente vestidos entrando e saindo, acompanhados pelos seus criados carregando malas e valises.

Quantos deles, interrogava-se ela, viajariam no grande navio juntamente consigo e o seu amor? Ouviu A Voz dirigir-se-lhe novamente, mas como não tinha o hábito de responder a perguntas disparatadas, permaneceu em silêncio.

Então ouviu:

“Lucie... gostaria de te apresentar uma senhora chamada Alma...”

“Como está?” respondeu Lucie, rigidamente. Afinal, era preciso lembrar-se das boas maneiras.

“Olá, Lucie,” cumprimentou-a a estranha, com um sotaque que ela nunca ouvira antes. De onde teria vindo aquela pessoa?

“E esta é Sharon,” prosseguiu A Voz.

Lucie anuiu com a cabeça. Sharon disse:

“Bom dia...”

“É DE TARDE...” ripostou Lucie.

“Oh, peço imensa desculpa,” respondeu esta segunda voz feminina, num tom que fez Lucie perceber que a senhora estava a rir-se por detrás do lenço. Que terrivelmente rude. A pessoa invisível disse então de repente:

“Conhece o meu marido, Michael.”

“Como está?” O tom do homem era educado.

A voz dele recordou-lhe uma ocasião em que o Papá recebera um visitante de Londres. Talvez ele também viesse de lá. O ouvido de Lucie sempre fora muito apurado para as vozes das pessoas.

De algumas gostava. A maioria desprezava. Eram as vozes que determinavam, mais do que qualquer outra coisa, se alguém valia ou não a pena ser alvo da sua conversa.

“E aqui está Arthur....”

Lucie indignou-se. Arthur NÃO estava ali: e como poderia alguém saber o verdadeiro nome de Stennie, Arthur? O que mais sabiam?

Alguém lhes teria contado sobre Dennie?

A simples ideia de outras pessoas conhecerem o seu segredo provocou-lhe um ataque de vapores. Aquilo era extremamente preocupante. Muito preocupante, de facto. Quanto mais depressa estivessem no grande navio, mais seguros estariam.

Nesse momento, senti a mente de Lucie e a minha fundirem-se de uma forma que nunca acontecera antes. Foi a experiência mais perturbadora que alguma vez tivera ao longo das minhas muitas regressões.

O choque de ouvir aquele nome quase bastou para me fazer sair da regressão e da hipnose por completo.

“Adormece, Lucie. Deixa-te adormecer,” A Voz era tranquilizadora, mas tinha um tom urgente que exigia obediência imediata. “Agora quero que avances doze horas...”

Senti-me a derivar, a derivar, até me encontrar enroscada, meio adormecida, numa cama desconfortável e cheia de altos e baixos.

“Já estás no navio?”

“Não. Não estou.”

“Onde estás então?”

“Estou na cama... a tentar dormir... IMPORTA-SE?”

“Onde estás hospedada, Lucie?”

Será que A Voz REALMENTE pensava que ela responderia a essa pergunta? Lucie nem sequer gostava de admitir a si própria onde estava hospedada.

A vergonha daquilo. Partilhar um quarto com toda aquela gente horrível... a ressonar, a tossir e a fazer ruídos absolutamente nojentos. E o cheiro daqueles estrangeiros. Será que nunca se lavavam?

Como tudo teria sido diferente se ela pudesse ter pago quartos privados para si e para Dennie no edifício ao lado.

O nome Grace O’Brien chegou-lhe aos ouvidos, e ela tapou-os com as mãos para o afastar. Puxou os cobertores sobre a cabeça, sem qualquer desejo de pensar na mulher gorda e espalhafatosa e na comida gordurosa que ela colocara na mesa para o jantar da noite anterior.

Aquela mulher era ainda mais revoltante do que a governanta de Lucie em casa; velha horrível, com ideias muito acima da sua posição. Pelo menos, a governanta FINGIA ser uma senhora; embora senhoras VERDADEIRAS, como Lucie, soubessem que o seu sotaque afetado acabaria sempre por denunciá-la.

Grace O’Brien, realmente. Lucie nunca ouvira um nome tão estúpido.

Nem jamais vira uma dentadura tão repulsiva. Com aqueles enormes braços flácidos, as mãos com unhas roídas e encardidas e aquele enorme ventre gorduroso, a mulher era verdadeiramente nojenta. Tinha a gargalhada mais alta e vulgar que alguma vez fora infelicidade de Lucie ouvir. Horrível. Uma mulher perfeitamente medonha. Lucie fora cedo para a cama para escapar à senhoria daquele estabelecimento e às suas companhias igualmente vulgares.

A Voz devia saber que ela detestava ter de conviver com aquelas pessoas.

Porque razão alguém iria mencionar o nome daquela mulher gorda precisamente quando os pensamentos de Lucie estavam ocupados com a perspetiva infinitamente mais agradável de como seria maravilhosa a sua vida futura partilhada apenas com Dennie?

A voz pertencente à pessoa chamada Alma dirigiu-se-lhe novamente, fazendo-lhe todo o tipo de perguntas idiotas sobre aquele lugar onde estava hospedada, quem eram os outros hóspedes (hóspedes? Ha!), quais eram os arranjos para dormir e para as refeições e o que lhes davam para comer.

Aquilo era DEMAIS.

"O que é que isso lhe interessa?" explodiu ela finalmente, indignada com tamanha intromissão. Sobretudo vinda de alguém que não lhe demonstrava o respeito que ela merecia. Estava prestes a dizê-lo quando:

"Adormece, Lucie..." ordenou A Voz. Ela obedeceu com enorme satisfação.

Da próxima vez que a ouviu, encontrava-se a bordo do navio, sentada tranquilamente na sala a que chamavam lounge. Dennie estava a tratar dos refrescos.

A Voz apresentou-lhe um homem cujo nome ela não percebeu bem por causa da barulheira feita por umas crianças estrangeiras horríveis, que gritavam e andavam à pancada.

O homem começou a fazer uma série de perguntas sobre o próprio navio: onde dormia, a cor das toalhas da cabina, onde comia, o formato dos pratos e se as chávenas tinham algum emblema.

Lucie não estava nada satisfeita por ter de responder àquela pessoa. Dignou-se fazê-lo apenas porque queria que ele se fosse embora; mas ele não quis colaborar. Continuou, sem parar, a fazer perguntas até ela ficar realmente irritada. Não havia necessidade para tantas perguntas e ela disse-lho.

"Peço desculpa," disse ele. "Mas a minha visão não é muito boa. Não consigo ver tão bem como a menina..."

"Então sou eu quem deve pedir desculpa," respondeu Lucie, recordando subitamente as suas boas maneiras. "O que deseja saber? Farei o possível por responder."

“Reparou na cor das paredes da sala de jantar?”

“São brancas,” informou ela ao estranho meio cego.

“E as da sala comum... têm a mesma cor?”

“Não. São de madeira.”

“Ah, obrigado. Isso ajuda-me a perceber onde estou,” disse ele. “Diga-me, existem quadros nas paredes da sala comum?”

“Sim, há vários, encaixados nos painéis de madeira.”

“São quadros bonitos?”

“Receio não saber. Não os observei atentamente.”

O homem continuou a interrogá-la sobre as divisões e sobre a sua cabina, até tudo aquilo se tornar enfadonho. Prosseguia sem parar, até a sua paciência começar seriamente a esgotar-se. O que era esta sala... onde ficava aquela sala... até que, contra sua vontade, ela começou a irritar-se profundamente. Haveria realmente necessidade de tamanha intromissão?, perguntou ao homem; descartando-o arrogantemente como um incómodo; ameaçando apresentar queixa ao capitão se ele não se afastasse.

Em resposta, o homem teve a audácia de lhe falar de uma forma absolutamente ultrajante:

“És mesmo uma pequena víbora, não és?”

Aquilo era REALMENTE demais. A insolência daquele homem. Não se safaria daquela.

Sem saber ao certo qual seria o procedimento para apresentar as suas queixas, estava prestes a chamar a atenção de um dos oficiais quando A Voz a deteve no exato momento em que ia agir.

“Adormece, Lucie... Agora quero que comeces a regressar. Regressa como Monica, mas mantém a atitude de Lucie,” surgiu a estranha sugestão.

Desperta da hipnose, abri os olhos e ouvi o meu marido perguntar:

“Então?”

“Então O QUÊ?” retorqui imperiosamente.

Antes de prosseguir, devo salientar que, nesta vida, tanto eu como o meu marido adoramos animais: particularmente cães rafeiros e cruzados; tendo acolhido ao longo dos anos uma variedade de cães resgatados. Mas naquela noite, sentada ali, acabada de sair da hipnose (embora ainda na persona de Lucie), eu sentia claramente que as minhas inclinações se voltavam mais para cães de pedigree impecável. Como eu própria.

"Olhem para a Gusto!" observou um dos presentes, vendo a minha pequena cadela preta rafeira enrolar-se aos meus pés.

Senti-me estremecer de repulsa:

"Que nojo... uma RAFEIRA..." observei com desdém, e estava prestes a expressar o meu horror por permitirem uma criatura de aspeto tão desgrenhado dentro de casa, quando sugeriram que chamasse a minha cadela.

"Ela chama-se Gusto," achou um dos presentes necessário explicar.

"GUSTO?" ouvi-me gritar.

O tom de voz fazia lembrar Lady Bracknell, com o seu célebre comentário sobre a "mala de mão".[1]

O pequeno animal afastou-se de mim, encolhido, com as orelhas para trás e a cauda entre as pernas, aproximando-se cautelosamente do meu marido. Ele acariciou-a ternamente e, antes que ela sofresse mais aflição, decidiu pôr fim àquela experiência em particular.

Gusto não foi a única confusa.

Uma parte de mim estava profundamente perturbada pelo facto de a minha adorada companheira canina, que me amava intensamente e me seguia para todo o lado, não querer saber de mim. Eu adoro aquela cadela e queria pegá-la ao colo, mas não conseguia: mais uma vez provando o ponto de que a parte inconsciente da mente é mais forte do que a consciente.

Todo o episódio não deve ter durado mais do que um minuto (dois no máximo), mas para mim pareceu uma eternidade; tal como, sem dúvida, pareceu para a minha cadela.

"Sono profundo... mais profundo e mais profundo. Já não tens a atitude de Lucie perante a vida. É 1991. Tu és Monica. Lucie é outra

pessoa... cinco, quatro, três, dois, um. Bem desperta... Como te sentes agora?"

"Muito melhor, obrigada," respondi, antes de procurar a minha pequena amiga e convidá-la a regressar para junto de mim. "Anda, Gusto... boa menina... vem cá..."

Ela respondeu imediatamente, erguendo-se alerta, olhos vivos, cauda a abanar.

Depois atravessou a sala a correr, saltou para cima de mim e cobriu-me o rosto de lambidelas afetuosas.

Passei o resto daquela noite a pedir desculpa a Joe e à Gusto pela forma como lhes tinha falado e reagido.

"Não digas disparates... aquilo não eras TU..." insistiu Joe.

E o comportamento de Lucie perante os meus amigos encheu-me de remorsos. Será que Geoff e Alma alguma vez me perdoariam por permitir que Lucie agisse de maneira tão vergonhosa para com eles?

Longe de se sentirem ofendidos, estavam fascinados. Para provar que não o tinham encarado como um insulto pessoal, ambos concordaram que nada lhes daria mais prazer do que outra sessão de regressão e outra oportunidade de interrogar Lady Lucie.

Felizmente continuávamos — e continuamos — amigos.

Alma comentou que, se aquela pequena senhora mimada e estragada tivesse continuado por muito mais tempo, ela própria teria ficado fortemente tentada a dar-lhe uma bofetada. Tive de concordar que o comportamento de Lucie era repreensível. Nenhuma verdadeira senhora trataria alguém de forma tão arrogante.

Geoff ficou intrigado ao pensar que a personagem com quem falara pudesse realmente ter estado a bordo do malfadado paquete.

"Mas se ela era realmente assim, não caiu ao mar: provavelmente foi empurrada," gracejou ele. "Se eu tivesse andado por lá naquela altura, tinha-a empurrado eu mesmo."

Talvez tenha andado... e tenha mesmo feito isso!

As observações de Sharon e Michael foram de que, se aquilo era representação, eu estava na profissão errada.

E Arthur (o meu filho)? Pela primeira vez na vida, ficou completamente sem palavras.

NOTA, CAPÍTULO 15

**1 Wilde, Oscar: The Importance of Being Earnest (1895). A formidável viúva aristocrata Lady Augusta Bracknell, ao ouvir que Ernest perdera ambos os pais, fora "extraviado" em bebé e depois encontrado na estação de Victoria, repetiu desdenhosamente as próprias palavras do jovem com a memorável observação: "numa MALA DE MÃO?"*

Capítulo 16

John P. (Jack) Eaton e Charles Haas são historiadores do Titanic altamente respeitados, autores e fundadores da sociedade conhecida como Titanic International. Vivem na América, mas visitam a Grã-Bretanha de tempos a tempos para fins de investigação.

O mais recente projeto conjunto — sobre o navio-hospital Britannic,[1] navio-irmão do Titanic — trouxe-os a Merseyside em meados de Julho de 1991. Ficámos encantados por recebê-los em nossa casa na noite de quarta-feira, dia 24. E sim... Geoff e Alma Whitfield também vieram. Agradava-lhes a ideia de Jack e Charles conhecerem Lucie e, se possível, interrogarem-na. A regressão era algo de que nenhum dos autores americanos tinha qualquer conhecimento prévio.

Lucie, como sempre, estava em grande forma. Altiva, imperiosa e impossível; continuava a torcer o nariz às perguntas que lhe faziam; continuava a ser uma autêntica dor de cabeça.

Os sotaques americanos de Jack e Charles perturbavam-na ainda mais do que os tons locais de Geoff e Alma. Disse-lhes, sem rodeios, exatamente o que pensava deles e da sua intromissão. Mais uma vez, foram necessárias desculpas, que eles descartaram entre risos.

Para mim, no extremo recetor daquilo que Lucie decidisse irradiar, tudo era muito real. Levada até à cena da morte, senti novamente aquele

terror intenso que, mesmo na memória, se combinava para fazer os meus dentes baterem e todo o meu corpo tremer.

Revivi a angústia do meu alter ego à medida que as águas subiam até aos tornozelos, joelhos, cintura e queixo. Mais uma vez, senti-me engolir em seco e arquejar por ar, antes de ser catapultada para a escuridão.

Os autores americanos pareciam algo estupefactos por estarem a falar, aparentemente através do tempo, com alguém cuja mente parecia ter regressado precisamente ao período histórico que eles tinham passado a maior parte da sua vida profissional a investigar.

Mais uma vez, durante o processo de retorno ao presente e antes de ser despertada da hipnose, Joe — como é seu costume — instruiu-me a conservar todas as memórias de Lucie, exceto a dor e as emoções.

Questionada pelos nossos convidados americanos acerca de vários aspetos da vida a bordo, apresentei respostas que pareceram satisfazê-los quanto à autenticidade da regressão; embora não conseguissem compreender completamente a ideia de eu ter estado a bordo do Titanic. Afinal, não existia qualquer registo de "mim" ou do "meu homem" nas suas extensas listas de passageiros.

Eles conheciam, naturalmente, muito bem os nomes Mary e Dennis Lennon; mas esses nomes nunca chegaram efetivamente a surgir durante a regressão, o que dificilmente surpreende dadas as circunstâncias.

Depois de verificar os seus registos, Jack informou-nos de que o casal viajara conjuntamente sob o bilhete número 370371. A idade da jovem era indicada como vinte anos e a do companheiro como vinte e um; mas ele não conseguia fornecer uma morada para nenhum dos dois e possuía apenas os detalhes pessoais mais básicos:

"Ela é descrita como solteira e ele como trabalhador braçal," disse, acrescentando que o bilhete lhes custara 15 libras esterlinas. "Parece estar registado bastante perto do fundo da lista de bilhetes, como se tivesse sido uma compra tardia... mas não podemos ter a certeza."

Acrescentou que aparentemente viajavam como irmão e irmã.

Tudo aquilo parecia bastante plausível.

Lucie era uma pequena atrevida e TERIA passado facilmente por alguém de vinte anos. ERA solteira, embora dificilmente fosse um termo que ela própria utilizaria. Mas também não poderia admitir ser uma Lady ou uma Honourable, pois não?

E eles VIAJAVAM como irmão e irmã. Posso confirmá-lo...

Enquanto nós, em Inglaterra, ponderávamos o imponderável, do outro lado do Mar da Irlanda, Tom Williams fazia a sua própria caça aos fantasmas: continuando a remexer em montanhas de documentos amarelecidos em busca de algo significativo. Ficava acordado até de madrugada, mergulhando profundamente no passado de todos aqueles que tinham embarcado em Queenstown mas há muito tinham atravessado a Grande Divisão.

Percorrendo a massa de informação acumulada nos meses desde o início das nossas investigações, ele, tal como os autores americanos, também possuía provas documentais relativas a todos aqueles viajantes. E, efetivamente, também na sua lista faltava a morada do casal cuja identidade fora suspeita desde o início: Dennis e Mary Lennon.

Mas tinha outra coisa.

"Descobri a história de um casal fugitivo que partiu de Queenstown no Titanic," contou-me numa chamada telefónica entusiasmada. "Segundo relatos contemporâneos dos jornais, pelo menos um deles usava um nome falso e dizia-se que a rapariga fora expulsa da casa dos pais porque o amante não era considerado suficientemente bom para ela.

"Acreditava-se que ambos teriam pouco mais de vinte anos (embora pudessem ser mais novos) e dizia-se que a rapariga pertencia à pequena nobreza rural. Ambos morreram."

Segundo ele, acreditava-se geralmente que se tratava do casal que se apresentava como Dennis e Mary Lennon.

Os relatos da situação do casal fugitivo apareceram no *Cork Examiner*, de 17 de Abril de 1912, e no *Daily Mirror* do dia seguinte. Ambos se referiam a uma jovem bem relacionada, com cerca de vinte anos, que fora expulsa da casa dos pais.

As notícias explicavam que ambos viajavam sob nomes falsos, que tinham sido vistos no tender deixando Queenstown e que tinham sido abordados já a bordo do navio condenado.

Para eliminar a possibilidade de se terem casado secretamente antes de iniciarem a sua viagem épica, Tom contactou o departamento de arquivos da Catedral de St Colman, em Cobh, perguntando se existia algum registo de casamento relativo a Arthur Stenning e Lucie Latymer ou a Dennis e Mary Lennon (nascida Latymer).

O administrador da catedral informou-o de que não conseguia encontrar registos relativos a nenhum dos dois pares de nomes. Se o casal tivesse casado em qualquer igreja (católica) do condado de Cork, seria ali que isso estaria registado.

O facto de provavelmente não serem católicos escapou completamente a Tom. E também a mim, aliás; mas, nessa altura, ambos tínhamos decidido que não valia a pena continuar a seguir essa pista.

No que me dizia respeito, embora o casal que viajava sob os nomes Dennis e Mary Lennon tivesse intenção de casar, ainda não tinha dado esse passo, razão pela qual se contentara em viajar como irmão e irmã.

Então, o casal referido anonimamente naqueles artigos de imprensa seria realmente Lucie e Stennie (aliás Dennie), ou um casal completamente diferente?

Tom, ainda completamente empenhado, estava determinado a tentar outra linha de investigação.

“Espero que o chefe da estação ferroviária possa lançar alguma luz sobre o assunto,” comentou. “Sei que o simples ato de comprar um bilhete de comboio não poderia, de forma alguma, indicar a identidade do comprador. Mas o facto de todo o comboio ter provavelmente sido fretado pela White Star Line sugere que eles manteriam um registo exato de todos os passageiros reservados tanto para o comboio especial como para o paquete.”

Eu não tinha tanta certeza. Afinal de contas, estávamos a falar de 1912. Como se costuma dizer, muita água passara debaixo da ponte (ou, neste caso, por cima dela) desde então.

Não fiquei minimamente surpreendida quando ele voltou com a dececionante notícia de que não conseguira obter a lista de passageiros necessária nos arquivos ferroviários. . .

Mas nem tudo estava perdido. No mesmo correio recebera uma carta de Lanarth. Sim, o hotel tinha vagas e poderia alojar-me assim que eu desejasse. Fiz imediatamente a reserva por telefone e combinei viajar para lá na semana seguinte.

Saí logo de seguida, comprei o meu bilhete de comboio e preparei-me para deixar mais algumas "pegadas nas areias do tempo".[2]

NOTAS, CAPÍTULO 16

**1 O Britannic foi afundado por acção inimiga no Mar Egeu, em 1916.*

**2 Longfellow, Henry W.: A Psalm of Life.*

PARTE QUATRO

CORNUALHA

Capítulo 17

Viajar, utilizando transportes públicos, da península de Wirral até uma aldeia remota no Norte da Cornualha não era tarefa fácil. Tinha saído de casa, em Wirral, às nove da manhã, precisando de mudar de comboio em Liverpool, Crewe e Birmingham, antes de chegar a Bodmin Parkway nove horas completas mais tarde.

Supostamente existia um autocarro que fazia o trajeto de Bodmin Parkway até Wadebridge; onde, segundo as prestáveis pessoas do serviço de informações da British Rail, eu não teria dificuldade em encontrar um táxi que me levasse os restantes oito quilómetros até St. Kew Highway.

Contudo, como tantas vezes acontece nestas situações, o meu comboio chegou com trinta minutos de atraso. O autocarro não apareceu, o pessoal da estação já terminara o turno e não havia ninguém a quem perguntar o que aconteceria a seguir. Não havia absolutamente ninguém por perto. Ponto final.

Ali estava eu, na orla de Bodmin Moor, numa noite fria e chuvosa de meados de Outubro. A chuva caía agora em torrentes e o único local onde podia abrigar-me era a cabine telefónica. Felizmente, havia um cartão de uma empresa de táxis colado à parede, por isso chamei um. Ainda demorou mais trinta minutos até o veículo chegar.

Comecei a sentir que estava numa perseguição inútil e que Alguém Lá em Cima se estava a rir à minha custa. Tanto para a estação ferroviária que supostamente se situava mesmo à porta da casa de Lucie: isto assumindo, claro, que o lugar que eu me esforçava tanto por alcançar alguma vez tivera realmente uma estação ferroviária ou, aliás, alguma vez acolhera a jovem fugitiva que eu procurava.

Certamente, de todas as coisas estúpidas que fizera na vida, esta viagem à Cornualha liderava a lista. Que diabo estava eu a fazer no meio do nada, dirigindo-me para uma casa que acreditava ter sido outrora ocupada por uma personagem que talvez nunca tivesse existido?

O táxi chegou. Percorremos cerca de trinta quilómetros e, como entretanto a escuridão se instalara completamente, não reconheci absolutamente nada. Passámos por Wadebridge e continuámos a viagem ao longo da A39.

O nome Lanarth não era familiar ao motorista, embora ele tivesse uma vaga ideia da localização de St Kew Highway. Expliquei-lhe que procurava uma grande mansão branca de estilo georgiano, rodeada por vários hectares de terreno: acessível através de uma ampla entrada e uma longa alameda. Deveria haver uma estação ferroviária junto ao portão, acrescentei esperançosamente.

Ele admitiu alegremente que raramente se aventurava para este lado de Bodmin, mas podia afirmar categoricamente que não existia nenhuma estação ferroviária por ali. Nem sequer havia uma em Wadebridge, recordou-me, razão pela qual tivera de me apanhar em Bodmin Parkway. Sim, concordei; mas teria existido alguma antigamente?

Não sabia. Também acrescentou, de forma amigável embora nada útil, que não conduzia táxis há muito tempo. Assim, fui eu quem primeiro reparou na placa onde se lia *Lanarth Inn and Caravan Park*, reprimindo o impulso de dizer o que o Papá teria pensado DAQUILO.

Indiquei ao motorista que era ali o meu destino. Saímos da estrada principal e virámos à direita para uma longa alameda sinuosa, ao fundo da qual fui devidamente deixada à porta do bar. Paguei-lhe, agradeci, entrei no estabelecimento e pedi uma bebida forte... amaldiçoando interiormente, porque não havia absolutamente nada de remotamente familiar naquele sítio. Nada mesmo.

O bar era moderno e estava cheio de habitantes locais ruidosos e alegres. Homens, sobretudo. Parecia ser um popular ponto de encontro da comunidade de jogadores de dardos, a julgar pelos inúmeros escudos e troféus expostos. Pela segunda vez naquela noite, pensei no quanto o Papá desaprovaria aquilo.

ELE parecia pairar pelo lugar com bastante intensidade, mesmo que a querida Lucie não estivesse em parte alguma. Era uma presença profundamente inquietante.

Esperava não me cruzar com o espectro de Sua Senhoria e ser severamente repreendida pelas transgressões da sua filha tresmalhada. Só o pensamento bastou para me fazer pedir outra bebida... embora desta vez sem álcool. Escritores, tal como polícias, nunca devem beber em serviço.

Aquecida e recomposta, atravessei a porta que conduzia à parte principal do hotel e parei abruptamente. Fui tomada por uma sensação que só consigo descrever como algo semelhante ao déjà-vu: o fenómeno em que sentimos já ter estado num lugar, embora saibamos que não estivemos.

A diferença entre aquilo que eu experimentava e um verdadeiro déjà-vu era que eu SABIA que já estivera ali antes. Não havia a menor dúvida na minha mente de que esta era a casa do Papá; a casa que não conseguira reter a filha em 1912, mas cujo magnetismo puro a trouxera de volta sob outra forma em 1991.

Os meus olhos percorreram o espaçoso átrio e todas aquelas sólidas portas que dele partiam. Observei a bela escadaria curva e as elegantes janelas. Custava-me acreditar no que via. Esta linda casa antiga era familiar demais.

Ao aproximar-me da discreta receção, toquei a campainha e um cão lindíssimo correu imediatamente ao meu encontro para me dar o tipo de receção afetuosa que apenas os cães sabem oferecer.

“Brindley?” exclamei sem querer.

“Na verdade chama-se Digger!” corrigiu a dona, que surgiu de repente do nada. “Desculpe. É um pouco exuberante.”

Shirley Keen apresentou-se, fez o meu registo e conduziu-me por aquelas lindas escadas até um grande quarto na frente da propriedade. A caminho, reparei numa porta no lado oposto do corredor. Estava entreaberta e (grosseiramente, agora que penso nisso) espreitei para dentro.

“Pode ficar neste, se preferir,” sugeriu a Sra. Keen.

“Não, não. Ficarei muito bem onde estou, obrigada,” consegui responder.

O meu quarto da frente não despertou memórias particularmente fortes. Se Lucie alguma vez estivera ali, deixara pouca impressão na mente subconsciente que parecíamos partilhar.

“Talvez pudesse só dar uma olhadela ao outro quarto?” sugeri.

A Sra. Keen levou-me até lá, explicando que a cama ainda não estava feita, mas que demoraria apenas alguns minutos a prepará-la, caso eu preferisse aquele quarto. Não preferia. Não realmente. Tinha apenas chuveiro e, depois daquela viagem horrível, eu sentia necessidade de um longo e luxuoso banho de imersão. Ou pelo menos era esse o raciocínio da minha mente consciente.

O meu subconsciente reagia de forma diferente. Memórias distantes começaram a emergir para a linha da frente da minha mente e a sua presença fez-me prender a respiração. Aquele quarto tinha qualquer coisa: e não me refiro apenas à atmosfera.

A minha atenção ficou presa à visão do assento junto à janela: e soube instintivamente que era precisamente ali que Lucie pousara o seu delicado rabinho; o lugar onde passara tanto do seu tempo.

Foi naquele assento que vivera as suas horas sonhadoras, fingindo aperfeiçoar os seus trabalhos de costura quando, na realidade, observava o jardim; ou, mais especificamente, quem trabalhava NO jardim. Sem que ninguém mo dissesse, eu sabia que aquela janela dava para sul e sabia também que fora dali que Lucie contemplara o rosto — e o corpo delicioso

— do seu amado. Foi daquele quarto que fugira apressadamente para se encontrar com esse amor numa noite de Abril, muitas luas atrás.

Dormir novamente naquele quarto seria uma ideia curiosa, mas eu não conseguia fazê-lo... tal como não conseguira dormir no quarto da minha infância na casa da família na Irlanda quando lá regressara alguns anos antes. Nessa ocasião, a minha irmã e eu visitáramos os proprietários da nossa antiga casa no condado de Cavan. Lembravam-se de nós e receberam-nos com o tipo de acolhimento que os nossos falecidos pais nos teriam dado. Ficariam encantados se jantássemos com eles e passássemos a noite lá: nos nossos antigos quartos, naturalmente.

Agradecemos com sinceridade, mas recusámos. Éramos crianças naquela época; agora éramos adultas. A casa crescera e evoluíra desde os tempos em que lá vivêramos. Nós também. As circunstâncias eram diferentes. Os nossos pais já não estavam lá, portanto NÓS também já não pertencíamos ali. Tentar recuperar o passado dessa forma não parecia correto, de algum modo.

Mas não estaria eu a tentar fazer precisamente isso em Lanarth?

Não, não creio que estivesse.

Eu, Monica, nunca vivera em Lanarth: nem sequer o visitara antes. Esta viagem à Cornualha era uma expedição de descoberta, tão certamente como a minha viagem a Cork o fora. Era um novo e emocionante método "prático" de descobrir como as pessoas tinham vivido no passado: uma versão moderna de aprender História.

Nesse aspeto, era um conceito totalmente diferente de dormir no meu próprio quarto de infância. Pelo menos, era assim que eu o via. Outros poderiam interpretá-lo de maneira diferente.

Antes de me recolher nessa noite, disse à Sra. Keen que sonhara muitas vezes com aquela casa e planeava escrever um livro sobre uma rapariga que outrora vivera ali, fugira com um jardineiro cigano empregado pelo pai e que a rapariga, pelo menos, morrera no Titanic. Nessa altura, a minha ideia era escrevê-lo sob a forma de romance e chamar-lhe *Lady of Lanarth*.

"Qual era o nome da senhora?" perguntou a Sra. Keen, intrigada.

"Lucie Latymer... e creio que o pai dela era um barão."

A Sra. Keen não conhecia o nome, embora admitisse que só vivia na Cornualha há poucos anos. Tinha, no entanto, escrituras e documentos relativos à propriedade, datando de 1809. Teria todo o gosto em mostrá-los na manhã seguinte.

Capítulo 18

Na manhã seguinte, fui despertada pelo canto estridente de um galo barulhento.

Revigorada após a noite de sono, desci até à sala de jantar; mais uma vez recebida por sensações de familiaridade que me atingiam como bolas de pingue-pongue. Indo, voltando, regressando novamente; cada vez com um pouco mais de força do que antes.

A sala de jantar tinha sido anteriormente a sala de visitas. Reconheci-a imediatamente; mas onde estavam as altas portas envidraçadas que davam para o jardim?

Sim, sim... ainda estavam lá, descobri, mas agora escondidas atrás de uma parede que não existia nos tempos do Papá. A parede separava a sala de jantar de uma pequena divisão onde o pessoal do que agora era um hotel de onze quartos descansava e via televisão.

Os pavões também continuavam lá; esta nova geração deles desfilando orgulhosamente do lado de fora da janela e olhando implorativamente para o meu pequeno-almoço. A comida era excelente, mas eu estava demasiado excitada para conseguir comer grande coisa.

Lembrei à Sra. Keen a sua promessa de trazer os antigos mapas e escrituras da casa.

A mesa foi limpa, polida, e eu encontrava-me num estado de tensão febril enquanto ela desdobrava, desenrolava e espalhava os velhos papéis envelhecidos. Estudei certificados de propriedade, mapas e uma variedade de documentos relacionados com a casa e a região. Mostravam que a propriedade original naquele local fora uma cabana de pedra do século XVI. Tinha sido construída com um poço na cozinha, mas nunca tivera adega para vinho: ou pelo menos não que a Sra. Keen soubesse.

Na época da construção desta casa, a Cornualha atravessava um período de prosperidade na indústria piscatória e as caves de peixe eram

parte integrante de muitas propriedades locais. Lanarth possuía uma cave de tamanho adequado.

Perguntei-me se o pai de Lucie teria conseguido livrar-se do peixe e do cheiro associado e manter ali as suas preciosas garrafas?

"Se o fez, já não resta qualquer vestígio disso," suspirou a Sra. Keen. Acrescentou que a cave de peixe continuava lá, mas fora convertida e modernizada. Hoje fazia parte da cozinha do hotel.

A secção principal fora construída em 1809 para uma senhora chamada Loveday, viúva de um certo Dr. James Read, descrito nas escrituras da casa como "doctor of physic".

A Sra. Read pagou seiscentas libras pela propriedade e chamou-lhe Newton House. Situava-se na paróquia de St. Kew e o preço incluía "jardins, pomares, terras, prados, pastagens, terrenos arborizados, caminhos, águas e cursos de água"... cerca de vinte acres ao todo.

Após a morte da viúva Loveday, a propriedade tornou-se residência senhorial e entre os proprietários cavalheiros listados encontravam-se advogados, um capitão do exército, vários médicos (entre eles um cirurgião chamado T.S. Tickell).

"Também foi usada como palácio episcopal durante algum tempo," acrescentou a Sra. Keen.

Mas não conseguia encontrar qualquer referência a um barão.

E o lago, ou lagoa, algures bastante perto da casa?

Não, disseram-me. Os terrenos de Lanarth não tinham nada parecido; embora existisse um riacho atrás, perto do pomar... mas uma rápida observação do mapa mostrou que realmente existira uma lagoa nos terrenos.

Tinha uma chávena de café a meio caminho da boca. Voltei a pousá-la no pires, engoli em seco, tentei falar, mas as palavras não saíam. De repente, senti-me transportada de volta àquele dia distante em que Lucie, ainda criança, olhara horrorizada para a figura inerte da mãe deitada de bruços na água.

A tremer, peguei novamente na chávena, dei outro gole e consegui, de alguma forma, perguntar:

“E... e a casa da estação junto ao portão?”

“Ah... isso já não faz parte de Lanarth,” respondeu a Sra. Keen. “Não teria reparado quando chegou no escuro ontem à noite... a casa ainda existe, mas agora é propriedade privada... Veja!”

Desdobrou o mapa do terreno e espalhou-o sobre a mesa. A linha ferroviária fora desmantelada muitos anos antes, mas a estação encontrava-se exatamente onde eu sabia que estaria e certamente estivera operacional no período em questão. Uma rápida consulta das escrituras revelou os detalhes da transação de venda.

Esvaziei a chávena de café, peguei na caneta e comecei a escrever furiosamente, a caneta correndo pelo bloco para não perder uma palavra do que me era dito.

Em 1881: “Notificação de expropriação pela North Cornwall Railway.”

Em 1885: “Reconveyance and re-assignment (averbamento): Coode, Sandys e A.N. Other.”

A.N. Other: não podia ser mais típico. Os Destinos estavam a transformar a minha busca num verdadeiro percurso de obstáculos; desafiando-me a cada passo do caminho e divertindo-se imenso com isso.

“A casa da estação é a grande propriedade à sua esquerda: vai vê-la quando descer a alameda,” explicou a Sra. Keen.

Os co-proprietários da Sra. Keen, Ken e Janette Buckley, tinham-se entretanto juntado a nós à mesa e informaram-me de que a casa fora convertida em hotel e restaurante no final dos anos sessenta quando, durante algum tempo, se chamou *The Peacock*. Vinte anos depois, tornou-se um hotel rural.

Assim, ao longo da sua existência, esta bela casa passara de residência de uma viúva de médico a casa senhorial, palácio episcopal, restaurante, hotel rural e finalmente aquilo que era hoje: um lugar bonito e acolhedor, com a atmosfera mais calorosa e amigável que eu encontrara em muito tempo.

E, no entanto, apesar de todo o seu estilo e elegância, Lanarth não conseguira reter a sua filha.

Que pena, pensei, enquanto tirava o meu bloco de notas, lápis e máquina fotográfica, pronta para a tão aguardada visita guiada.

Precisamente quando me preparava para isso, um telefonema do meu marido elevou-me o ânimo, como invariavelmente acontecia. Só que desta vez tinha algo especialmente importante para me contar.

Uma carta chegara naquela manhã de Angela Broome, bibliotecária da Royal Institution of Cornwall, contendo a informação de que uma Sra. Latimer vivera efetivamente naquela mesma casa em 1878 e 1883; embora ela não soubesse em que qualidade.

"Não consegui descobrir mais nada sobre a Sra. Latimer. Ela não aparece no registo de enterros de St Kew entre 1880 e 1890," acrescentava a carta.

Ela anexou um mapa de St Kew Highway, que mostrava claramente Lanarth tal como existia em 1906, e sugeriu que eu talvez quisesse consultar o Recenseamento de 1881 para St Kew, disponível em Londres; ou esperar mais alguns anos e estudar o de 1891.

O único outro Latimer nas redondezas era um homem chamado Isaac. Curiosamente, tal como eu, era jornalista. No entanto, não podia ter sido o pai de Lucie, porque morreu algures entre 1880 e 1890 e acreditava-se que Lucie nascera apenas por volta de 1890–1895.

Poderia ter sido o avô dela? E, nesse caso, teria sido dele que herdara as capacidades criativas... a imaginação, a habilidade para inventar boas histórias? Teria sido assim que lhe ocorrera a ideia de alterar a grafia do apelido e transformar aquilo que talvez tivesse sido apenas um pai agricultor abastado num Par do Reino?

Angela Broome acrescentou que o nome Latimer era extremamente invulgar na Cornualha... mesmo escrito com um "i". . .

(Uns cinco anos mais tarde, em correspondência com David St John Thomas, reconhecido historiador ferroviário do West Country, perguntei-lhe o que sabia sobre St Kew Highway.

Disse-me que era um ramal de via única.

"Durante a maior parte da sua existência, teve quatro comboios de passageiros em cada direção diariamente, incluindo uma carruagem que

fazia parte do Atlantic Coast Express de e para Londres, cuja secção de Padstow se transformava num comboio completo aos sábados de Verão."

A estação abriu até Camelford em 1892, Delabole em 1893 e prolongou-se até Wadebridge em 1895, sendo encerrada em 1966.)

Capítulo 19

As memórias da vida passada recordadas sob hipnose não me tinham desiludido. Todos aqueles pequenos detalhes estavam a apresentar-se de forma espantosamente exata.

As imagens emergentes do meu subconsciente (pelo menos aquelas que eu conseguia identificar) estavam a provar que a informação que eu fornecera durante a regressão tinha, afinal, algum fundamento.

Começando pela própria Lanarth: era grande, branca e situada em vários acres de terreno, exatamente como eu descrevera. EXISTIA uma estação ferroviária junto aos portões principais, que no tempo de Lucie seria conhecida como estação de St Kew Highway. Antes da nacionalização, fazia parte da antiga London and South West Railway, mas encerrara muitos anos antes e os carris tinham sido arrancados há muito.

Ainda assim, foi bom ver que a casa da estação permanecia no local; embora agora utilizada como residência privada. Apesar de modernizada com bom gosto, ainda conservava algo do seu carácter original.

EXISTIA um lago ornamental nos terrenos de Lanarth; embora tivesse sido aterrado há muito tempo, pelo que fiquei agradecida. Não tinha qualquer desejo de voltar a contemplar as águas que haviam reclamado a

vida da infeliz mãe de Lucie. Ficar a olhar profundamente para massas de água era algo que preferia não transformar em hábito.

Pequenas memórias peculiares como as portas francesas, a cave (ainda que para peixe, não para vinho), os pavões e o assento junto à janela daquele quarto virado a sul reforçavam os meus sentimentos de familiaridade.

Contemplei admirativamente — e com mais do que um leve toque de satisfação por não serem apenas fruto da minha imaginação — os relvados e pomares pelos quais os pavões continuavam a desfilar com tamanha magnificência. Estas belas criaturas não se deixavam minimamente incomodar pelas interrupções humanas ou caninas na sua rotina diária.

Depois de me mostrarem a casa propriamente dita, levaram-me a visitar os terrenos e agora, à luz da manhã, pude ver e apreciar a extensão dos bosques de Lanarth. Era exatamente como aparecera nos meus sonhos e regressões: alcançada por uma longa e colorida alameda rodeada de rododendros, camélias e hortênsias.

A meu pedido, a Sra. Keen acompanhou-me ao local onde, segundo o seu mapa, o lago teria existido. Estava curiosa por saber porque razão aquilo me interessava tanto.

"A Mamã caiu lá dentro," respondi, soando assustadoramente como Lucie.

"A sério?" exclamou ela.

Sentindo-me bastante ridícula, expliquei que tivera uma imagem de uma jovem mulher deitada de bruços, imóvel, sobre a água. Mas não sabia o que lhe acontecera depois disso.

"Siga-me," sugeriu a Sra. Keen, agora completamente envolvida na história. "Há uma coisa que talvez goste de ver."

Conduziu-me até ao grande jardim murado, agora literalmente tomado por ervas daninhas.

"Olhe..." disse entusiasmada, afastando algumas ervas altas. "Há aqui uma lápide. Acha que talvez ela tenha sido enterrada aqui?"

Não pensei nisso nem por um instante.

Quando me mostrou a lápide com a inscrição inquietante "Corpse, 1872", soube imediatamente que não podia tratar-se da senhora que eu conhecia como Mamã. Quem quer que — ou o que quer que — fosse, teria sido enterrado muito, muito antes do período que eu investigava. Mas a quem, ou a quê, pertenceria aquele cadáver? Um cavalo, um cão de caça, um pavão muito estimado? Não consegui encontrar qualquer explicação e tinha a certeza de que Lucie também não conseguiria.

(Quando levantei a questão a Angela Broome, da Royal Institution of Cornwall, ela respondeu: "Na época em questão, a casa era ocupada por um clérigo anglicano."[1] Dificilmente ele teria permitido o enterro de um corpo humano no próprio quintal! Verdade. Receio que a identidade do ocupante tenha de permanecer desconhecida).

Depois de nos maravilharmos com o túmulo do corpo desconhecido, fui conduzida ao longo de um riacho, atravessando uma ponte e entrando no pomar, com Digger constantemente atrás de nós. Agora percebia porque o cão recebera aquele nome. As patas do spaniel eram aquilo a que se poderia chamar hiperativas. Na verdade, ele próprio também o era. E absolutamente encantador por isso mesmo. Lindíssima coloração também: corpo branco como a neve e orelhas castanho-claras.

Enquanto caminhávamos pelos terrenos e pelo pomar, Digger — embora não tivesse consciência disso — começou a desenterrar memórias daquele outro cão, desaparecido há muito. A minha mente regressou ao labrador que não era exatamente preto, nem amarelo, nem sequer castanho chocolate; mas uma espécie de mistura dos três. Mais tigrado do que qualquer outra coisa. Daí o nome: Brindley.

O cão tinha medo de tiros e o pai de Lucie ia abatê-lo, mas ela implorou e suplicou para que ele pudesse tornar-se o seu animal de estimação. E o Papá cedeu. Pensando bem, o Barão não devia ser assim tão desalmado afinal.

Na sua antiga propriedade, a sua presença continuava muito forte. E a de Lucie também; mas Lucie passara grande parte do tempo ali, entre as árvores!

Depois de absorver a beleza e a atmosfera daqueles maravilhosos jardins, desculpei-me e regressei ao meu quarto: ostensivamente para atualizar as minhas notas e trocar o rolo da máquina fotográfica, mas na

realidade para entrar às escondidas no quarto do meu alter ego e absorver ainda mais da sua atmosfera.

Era atraída para aquele quarto como um íman.

Sentada naquele assento junto à janela, olhando para o jardim, ocorreu-me que não teria ficado minimamente surpreendida se tivesse visto o amante de Lucie — moreno e de cabelo encaracolado — a olhar de volta para mim. O que lhe teria dito caso isso acontecesse, não faço ideia.

Ainda assim, o elemento de misticismo celta era tão forte ali quanto fora no lugar outrora conhecido como Queenstown. Achei esta casa, tal como o condado onde se erguia, cheia de atmosfera e encanto.

Lanarth ficava, afinal, a apenas cerca de dez milhas do Castelo de Tintagel, onde se acreditava que o Rei Artur reunira os seus cavaleiros da Távola Redonda... e Arthur Stenning encontrara o seu Camelot. Era apenas natural que parte disso se transmitisse para mim.

De volta ao rés-do-chão, tomei café com a Sra. Keen e depois ela entregou-me aos cuidados do Sr. Buckley, que se oferecera para me acompanhar no resto da visita.

As estufas, os estábulos e a casa dos dízimos tinham desaparecido há muito, explicou ele, mas o barracão de jardinagem permanecia. Gostaria de vê-lo?

"Claro que sim," garanti-lhe.

Conduziu-me até lá, abriu a porta e, no momento em que me fez entrar, aconteceu algo extraordinário. Um prazer requintado invadiu os meus sentidos enquanto eu era transportada oitenta anos atrás para a memória de dois jovens amantes vivendo momentos gloriosos. Aquele era o lugar onde magia e mistério se haviam fundido.

As memórias de Lucie e do seu amado eram mais dominantes naquele barracão de jardinagem do que em qualquer outro lugar que eu visitara até então. Foi ali que Lucie e Stennie passaram grande parte do tempo abraçados e acariciando-se. Ali, naquele barracão, quase — mas não completamente — consumaram a relação física definitiva.

Senti-me estranhamente exaltada. O Sr. Buckley observava-me com curiosidade e provavelmente perguntava-se porque razão eu sentia uma

súbita e compulsiva necessidade de fotografar o seu barracão. Deve ter-me considerado uma hóspede bastante invulgar.

Sabia com absoluta certeza que fora naquele barracão que Lucie e Stennie tinham discutido os seus planos e preparado a memorável fuga. Que tristeza tudo ter terminado em nada.

Decidi ir dar um passeio. Armada, como sempre, com as ferramentas do meu ofício, segui pela alameda até à estrada principal.

Ao chegar ao portão, parei por instantes para observar a antiga casa da estação e tirar uma fotografia da própria Lanarth vista da alameda. O que queria captar era a propriedade a partir do ângulo sob o qual Lucie a vira pela última vez: o ângulo sob o qual eu própria a vira tantas vezes nos meus sonhos. E regressões.

Caminhei cerca de uma milha ao longo da A39 (assinalada no meu velho mapa como Atlantic Highway) e, enquanto avançava, comecei novamente a ser invadida por sensações de familiaridade.

Embora nunca houvesse forma de o provar, eu SABIA que Lucie percorrera aquele caminho com o Papá. Sabia-o pela sensação de um regalo de pele sobre os meus dedos e pela impressão do couro acolchoado cor de vinho no interior das portas da carruagem.

Conseguia ouvir o clip-clop dos cascos dos cavalos enquanto o seu cheiro evocativo invadia as minhas narinas. Era um aroma reconfortante, terroso. Atingira-me em Cobh e atingia-me agora em St Kew.

Lucie valorizava imenso o prestígio social, e viajar com estilo era exactamente a sua praia. Também não posso dizer que me desagrade. E naquela longa caminhada de regresso, a visão de uma esplêndida carruagem puxada por cavalos a parar para me oferecer boleia teria sido muito bem-vinda. Infelizmente, as minhas manifestações nunca são de natureza tão prática.

Estava quase de volta a Lanarth quando avistei um pub do outro lado da estrada. The Red Lion. Red Lion, repeti para comigo.

Ora, porque é que aquilo punha as minhas células cinzentas a funcionar? O que tinha o Red Lion que me provocava aquela sensação persistente?

Sim, eu estava com sede depois da longa caminhada; mas não, não era apenas a sede que me atraía para lá. Tinha uma forte impressão de algo mais. O quê?

Certamente Lucie, Lady Latymer, não tinha o hábito de sair para beber um copo? Isso não se enquadrava minimamente naquilo que eu sabia dela. Teria o pub desempenhado uma função diferente nos primeiros anos do século?

O que HAVIA naquele lugar que me atraía com tanta força?

Atravessei a estrada, permaneci um minuto à porta e depois afastei-me. Não conseguia entrar, tal como Lucie não teria conseguido. Qualquer que fosse a ligação dela àquela antiga estalagem, não estava no interior do edifício.

Disso eu tinha a certeza.

NOTA, CAPÍTULO 19

**1 Segundo MacLean's History of Trigg Minor, em Janeiro de 1872 a propriedade foi transmitida ao Reverendo John Every, antigo capelão da Royal Navy e irmão do Vigário de St Kew.*

Capítulo 20

O Red Lion fora construído no século XVII e situava-se na junção de três estradas: aquela ao longo da qual eu acabara de caminhar e outras duas que dela partiam em ângulos agudos. Um olhar para o mapa mostrou-me que a estrada atrás do pub conduzia a Trequite, a casa da Sra. Routledge, cuja carta tão prestável me conduzira até Lanarth.

Mais cedo nesse dia, tentara contactá-la por telefone sem sucesso. Queria expressar a minha gratidão convidando-a para almoçar ou jantar.

Só que nunca cheguei a Trequite, porque não passei do Red Lion. Como suspeitara, a atração para Lucie não estava dentro do estabelecimento. Acabou por estar ATRÁS dele. Pois ali, num canto de um terreno baldio, encontrava-se uma enorme pedra. Sentei-me nela, como muitos antes de mim e muitos depois.

Que maravilhoso local de encontro aquele improvisado assento teria sido para os dois amantes. Mesmo na noite da fuga, quem imaginaria procurá-los atrás de uma taberna?

Aquilo, dizia o meu subconsciente, era o lugar onde Arthur Stenning ponderara o seu futuro, tantos anos antes. Foi ali que muito provavelmente adquirira o cavalo que transportaria Lucie e a si próprio na primeira etapa da viagem.

Em perfeita sintonia com a ocasião, era ali que eu vinha sentar-me de tempos a tempos, para refletir sobre o que acontecera a seguir. . .

Durante três dias desfrutei do conforto daquela magnífica casa e mergulhei nas suas memórias. Continuei a levantar-me ao amanhecer e a entrar furtivamente naquele quarto das traseiras, para me sentar junto à janela do aposento que eu sabia instintivamente ter pertencido a Lucie, voltando a contemplar o jardim onde ela vira o seu amado pela primeira vez.

E gastei vários rolos de película; focando-me sobretudo em partes da casa e dos terrenos que me pareciam familiares. Dentro da casa, fotografei a sala de jantar, a divisão que acreditava ter sido o antigo escritório do Papá; a antiga sala de música, com a sua velha lareira de ferro e janela saliente (ambas reconheci instantaneamente); a porta francesa através da qual Lucie costumava entrar e sair às escondidas, em meias.

Aproximei a objetiva da escadaria com os seus corrimões de carvalho escuro, da alta janela do patamar e daquela terrivelmente nostálgica janela de guilhotina recuada no quarto de Lucie.

Lá fora, tirei fotografias da casa de vários ângulos: planos gerais, grandes aproximações, vistas frontais e traseiras (infelizmente, o local estava em renovação, por isso havia muitos andaimes).

Na frente da casa, enquanto fotografava o Sr. Buckley e Digger à entrada principal, tive uma forte impressão de elegantes carruagens puxadas por cavalos entrando e saindo ruidosamente.

Nos fundos da propriedade, brincando ao "vai buscar" com Digger, memórias de jogos semelhantes com Brindley inundaram-me a mente. Atravessámos a rústica ponte sobre o riacho e, encontrando um velho tronco de árvore onde me sentar, fiz uma pausa para trocar o rolo da

máquina fotográfica. Uma visão do nosso casal romântico surgiu diante de mim. Havia espaço suficiente para dois, desde que se sentassem muito juntinhos.

Com a máquina novamente pronta, continuei a disparar fotografias; agora concentrando-me num banco de pedra, no jardim murado com a sua velha lápide, em duas palmeiras de formato estranho e na única parede de pedra remanescente da casa dos dízimos.

E aproximei-me visualmente dos luxuriantes caminhos verdes entre árvores e arbustos, por onde o casal teria passeado de mãos dadas, antes de se esconder algures para os seus beijos roubados.

Agora aqui estava algo que não me ocorrera antes. Enquanto perseguia o amado pelos arbustos, Lucie chamava à brincadeira "skippety-hop". As suas travessuras não eram nada dignas de uma senhora, e ela sabia-o muito bem, mas quem se importava quando eram tão tremendamente divertidas?

Fiquei imóvel, fascinada, no local onde o lago teria existido. Estava exatamente onde eu me lembrava. Olhar para aquele sítio naquele momento (e até estudar os diapositivos a cores depois de regressar) deixava-me muito triste.

Encontrar aquela parte do jardim foi o único momento sombrio da minha estadia em Lanarth. A visão daquele lugar trouxe de volta todo o trauma daquele momento no pequeno mundo de Lucie. Fez-me sentir, tal como certamente a ela, que o mundo inteiro desabara; que já não restava nada.

Ela era uma criança cuja mãe desaparecera subitamente. Que experiência aterradora deve ter sido para ela. Num instante, a senhora ria feliz e brincava no jardim; no seguinte, desaparecera para sempre. E, embora ainda tão nova, Lucie sabia que a mãe nunca mais brincaria com ela.

Estava sozinha. A água separara-a da única pessoa no mundo que amava acima de todas as outras. Na altura do acidente, Lucie não fazia ideia de como ele ocorrera.

Mas eu sabia que lhe teriam contado os detalhes assim que tivesse idade suficiente para os compreender. Tinha a impressão do Barão sentado

com ela no escritório, expondo-lhe os factos acerca do acidente fatal da mãe e avisando-a, mais uma vez, do perigo de se aproximar demasiado da água.

A Mamã aparentemente tropeçara, caíra de bruços na água e batera numa pedra com tal violência que fraturara o crânio. Não admira que o Papá tivesse mandado aterrar o lago e sentisse necessidade de advertir constantemente a filha para se manter afastada da água (não que ela tivesse prestado a mínima atenção, como se tornara evidente através do que emergira durante as minhas regressões).

Numa nota mais leve, tive também a impressão de Lucie a espreitar através dos arbustos, acreditando que se ela não conseguia ver a casa da extremidade distante do pomar, então ninguém na casa conseguiria vê-la.

Continuei a sentir-me atraída para o barracão de jardinagem: um edifício encantador e independente, parecendo uma casa de brincar.

Uma construçãozinha encantadora, teria sido a casa de brincadeiras perfeita para uma criança que gostasse de representar papéis de fantasia. E, tendo brincado ali em criança, continuou a "brincar" ali enquanto jovem mulher.

Continuei a vaguear pelos relvados e bosques com o cão da casa, tal como Lucie teria feito com o dela. E aventurei-me para continuar as minhas explorações mais amplas da região. Um exame casual do mapa mostrou que a estrada de Lanarth conduzia a Camelford numa direção e a Probus na outra.

Probus era o lugar para onde a Sra. Lewis dissera a Geoff Whitfield que a irmã afirmara ir. Mesmo naquela época, teria sido apenas uma curta viagem de carruagem (ou a cavalo) desde Lanarth. Conclusão: Lucie e Eleanor Truelove deviam ser a mesma pessoa; Lanarth devia ter sido a casa delas.

Tendo localizado, mais ou menos, Lucie, não poderia também encontrar Stennie? Escrevi a todas as pessoas com esse apelido que consegui encontrar na lista telefónica local; em cada caso incluindo um envelope selado com a minha morada. Nenhuma respondeu. Não era propriamente surpreendente. Afinal, seria preciso uma família corajosa para admitir ter tido um parente cigano que fugira com uma jovem

aristocrata e a levara para a obscuridade... mesmo que isso tivesse acontecido há oitenta e tal anos.

Ainda assim, continuei a tirar fotografias e notas de tudo aquilo que me parecia minimamente relacionado com eles: o Red Lion, a pedra atrás dele, placas rodoviárias indicando outras aldeias locais. Fotografei também o grande letreiro amarelo de Lanarth informando os viajantes de que oferecia alojamento e pequeno-almoço; tinha parque de caravanas e campismo; era um estabelecimento independente.. .

Capítulo 21

Restava uma tarefa antes de iniciar a longa viagem de regresso a casa. Tinha de fazer alguma tentativa para determinar o meio de transporte utilizado por Lucie e Stennie entre aquele lugar e o porto irlandês onde os reencontrámos.

Seguindo o conselho de pessoas entendidas no assunto, fui até Port Isaac e passei uma tarde fascinante a conversar com um especialista em história marítima do Norte da Cornualha. A minha principal questão era saber como ele achava que o casal poderia ter viajado até à Irlanda.

Bem, antes de mais, não era provável que tivessem viajado em qualquer tipo de navio de passageiros, disse-me ele.

"Se o jovem era de origem cigana, teria conseguido arranjar um par de cavalos sem grande dificuldade."

Tendo acabado de comprar um postal representando um único veleiro de grande porte, mostrei-lho e perguntei se o cigano teria vendido os cavalos e comprado algo semelhante para ele e a sua dama.

"Oh, não. Eles não teriam levado um barco de pesca para a Irlanda. E certamente não teriam comprado o barco. Teria custado demasiado e, além disso, esse tipo de embarcação passa sempre de pai para filho, ou de tio para sobrinho."

Também não teria querido manter os animais, frisou o especialista, porque os cavalos dos ciganos eram muito diferentes dos outros e seriam facilmente reconhecidos; sobretudo naquela região, onde as pessoas utilizavam burros.

“Ele tê-la-ia feito vestir-se de rapaz e depois teriam tido um encontro com outro cigano para trocar os cavalos por umas peças de ouro. Estaria habituado a fazer trocas.

“Ela teria de continuar vestida de rapaz durante algum tempo.

“Sairiam com a maré da tarde num barco de pesca de um só mastro; do tipo que levava dois homens e um rapaz. O rapaz faria de cozinheiro, lavaria o convés e apanharia alguns peixes.

“Seguiriam em direção a Bristol a cerca de oito quilómetros por hora — menos se o vento caísse — e a viagem demoraria cerca de catorze horas.

“Não haveria acomodações para dormir nesse tipo de embarcação. Todos teriam de aguentar no convés e a alimentação seria principalmente carne salgada de vaca, carne salgada de porco, pão de aveia e qualquer peixe que conseguissem apanhar. Sobretudo bacalhau ou cavala.

“Atracariam em Bristol ou Barry Island na maré alta e provavelmente ficariam a observar os barcos-piloto entrando e saindo antes de decidirem o que fazer a seguir. Haveria muitas opções. O Canal de Bristol foi sempre uma rota marítima muito movimentada.

“O meio de transporte mais provável depois disso seria um navio de transporte de gado. Demoraria mais quarenta horas até Cork.”

Acrescentou que, naqueles tempos, muito xisto era enviado para a Irlanda, mas a viagem deles teria sido algo precária devido à navegação contra o vento e as marés.

“Por outro lado, se tivessem partido num pequeno barco da Cornualha, poderiam ter ido diretamente até Holyhead; e depois atravessado para Rosslare ou Cork. Havia muitos barcos de comércio costeiro na época.

“Aqui em Port Isaac, os mais velhos dizem que reconheciam sempre os barcos da rota irlandesa por causa dos seixos pretos. Era assim que sabiam que o sílex vinha da Irlanda como lastro.

“Negociavam tecidos, bebidas alcoólicas (principalmente brandy) e tabaco, para evitar pagar impostos. Entravam e saíam quando o local estava tranquilo.

"Os pescadores de Port Isaac nunca saíam ao domingo, mas os de Padstow saíam. Iam até Bristol com carregamentos de ardósia da Cornualha, mas o vosso casal saberia disso. Pelo menos ele saberia." . .

Port Isaac continuava praticamente igual ao que fora em 1912. E agora que o visitara, estava convencida de que aquele fora realmente o porto de onde Lucie e Stennie tinham partido.

Eles NÃO tinham viajado de comboio. Mesmo que a estação estivesse aberta naquela noite em que partiram, Lucie não poderia ter embarcado num comboio em St Kew. Teria sido reconhecida, tal como provavelmente aconteceria em Wadebridge e, se o pai fosse tão importante quanto ela nos levara a acreditar, talvez até em Bodmin. A intenção inicial deles (correção, a intenção inicial DELA) de viajar de comboio teria sido rapidamente abandonada. A última coisa que Lucie desejaria seria ser arrastada de volta para casa para receber uma severa reprimenda do pai.

Mas eu não estava totalmente convencida de que Port Isaac tivesse sido a escolha seguinte deles. Tinha uma forte impressão de irem até Polzeath — outra aldeia não muito distante da sua casa — e partirem dali.

Isso explicaria a estranha sensação de familiaridade de Lucie quando seguia a bordo da lancha rumo ao Titanic e olhava para terra. Queenstown — com as suas casas caiadas espalhadas pela colina — tinha uma impressionante semelhança com Polzeath.

Na maré baixa, poderiam ter cavalgado até Polzeath a partir de Rock, que ficava apenas a alguns quilómetros de Lanarth. Provavelmente fora Stennie quem sugerira a rota alternativa, porque seria mais provável que conhecesse a lenda de Polzeath do que Lucie.

No final do século XVIII, toda a gente daquela aldeia desaparecera durante uma terrível tempestade. Todas as esposas abandonaram a aldeia e desde então os barcos de pesca nunca mais tinham saído dali. Sendo de origem cigana, Stennie não teria querido desafiar o destino convencendo um pescador a levá-los ao mar. . .

O que ganhara eu com a minha breve estadia em Lanarth?

Provas documentadas e conclusivas da existência de Lucie e Stennie? Não exatamente, mas tinha evidências suficientes para me convencer de que haviam vivido por aquelas paragens durante as suas curtas vidas.

As intuições abundavam, enquanto St Kew Highway em geral e Lanarth em particular adquiriam a mesma sensação familiar que Cobh tivera no início desse mesmo ano.

Tal como fizera em Cobh, sentei-me e enumerei os pontos que tinham emergido da recordação de vidas passadas para compará-los com a realidade. Neste caso, encaixavam em quatro grupos distintos.

As MEMÓRIAS DA CATEGORIA A eram aquelas que eu tivera antes sequer de tomar consciência de Lanarth e certamente antes de pôr os pés no local.

As MEMÓRIAS DA CATEGORIA B eram aquelas que começaram a surgir na minha mente assim que cheguei.

As MEMÓRIAS DA CATEGORIA C eram o prolongamento da categoria A, mas tiveram de ser separadas porque não podiam ser autenticadas.

A CATEGORIA A continha seis pontos:

- Um: A própria casa. EXISTIA, era grande, branca e tinha uma alta janela no patamar.
- Dois: Tinha também uma cave.
- Três: E extensos terrenos, incluindo riachos e um pomar.
- Quatro: O lago ornamental existira muitos anos antes, mas fora aterrado há muito tempo.
- Cinco: A casa da estação ferroviária ainda se erguia junto aos portões de Lanarth, embora a estação já não funcionasse; os comboios tinham deixado de circular muitos anos antes e a linha fora desmantelada.
- Seis: Uma família com o apelido fornecido por Lucie REALMENTE vivera na casa em determinada altura; embora, reconhecidamente, as datas estejam algo trocadas.

A CATEGORIA B correu ainda melhor, com oito pontos.

- Um: Os pavões.

- Dois: A porta francesa, que normalmente não seria vista pelos hóspedes (como poderia eu saber que existia, a não ser que estivesse realmente familiarizada com a casa, o que — nesta vida — não estava?)
- Três: O escritório do Papá e a sala de música.
- Quatro: O assento junto à janela do quarto de Lucie.
- Cinco: O barracão de jardinagem.
- Seis: Cavalos e carruagens na alameda.
- Sete: Praticamente cada centímetro do jardim!
- Oito: A pedra no terreno baldio atrás do Red Lion.

A CATEGORIA C tinha apenas dois pontos:

- Um: A existência de Brindley.
- Dois: O par de colunas dóricas que eu sentia terem feito parte da fachada original da casa.

Fiz averiguações exaustivas para ver se alguém, em algum lugar, conseguiria apresentar uma fotografia de Lanarth (ou Newton House, como originalmente se chamava) mostrando essas colunas; até agora, sem sucesso. Talvez um dia alguém consiga confirmar — ou negar — a sua existência. . .

PARTE CINCO

Desenvolvimentos

Capítulo 22

Queenstown transformara-se subitamente num verdadeiro centro de intensa atividade.

A razão para este súbito aumento de interesse devia-se ao facto de o Heritage Trust da cidade ter lançado recentemente uma exposição entusiasmante intitulada *Cobh, The Queenstown Story*.

Inaugurada em 3 de Março de 1993 pelo então Taoiseach (Primeiro-Ministro) Albert Reynolds, a exposição atraiu mais de 90.000 visitantes na sua primeira temporada, despertando considerável interesse tanto na Grã-Bretanha como na América.

Recebeu também importantes prémios atribuídos pelo Irish American Cultural Institution, pelo Allied Irish Bank e por outras entidades locais. Durante Novembro/Dezembro de 1993, cerca de 1.500 agentes de viagens americanos passaram pelo centro para o observar e considerar o seu potencial enquanto atração turística para os seus clientes.

Todos pareciam profundamente impressionados com a forma como a história e o legado de Cobh tinham sido recuperados.

A exposição, atualmente instalada de forma permanente na renovada estação ferroviária vitoriana, retrata não apenas a visita do *Titanic*, mas também outros aspetos da navegação na região e da emigração em massa a partir do porto.

Lesley Kelly, porta-voz do Heritage Centre de Cobh, disse-me que visitantes de todas as idades e oriundos dos mais diversos meios sociais descreviam o projeto como uma forma extremamente válida de interpretar a História. Entre 1848 e 1950, dos seis milhões de adultos e crianças que emigraram da Irlanda, cerca de 2,5 milhões partiram de Cobh, fazendo deste o mais importante porto de emigração transatlântica do país.

Inúmeros emigrantes que partiram via Cobh viajaram nos temidos *coffin ships*[1] e nunca chegaram efetivamente à América. Houve mais passageiros nesses navios do que em todos os primeiros vapores e grandes paquetes oceânicos juntos.

Disseram-me que a mais recente iniciativa do Cobh Heritage Trust consistia em liderar uma campanha para homenagear aqueles que passaram as suas últimas horas na terra onde nasceram. Tinham sido enviados convites a todos os que possuíssem antepassados que pudessem ter passado pelo porto a caminho da América, para colocarem os nomes desses antepassados em exposição.

Cada nome individual ou familiar seria então exibido para a posteridade numa Parede de Dedicação no Heritage Centre. Seria igualmente inscrito num certificado especial entregue aos membros sobreviventes da família.

Além disso, todos os nomes, juntamente com os dos doadores, seriam registados no sistema informático do centro.

O Cobh Heritage Trust merece felicitações pelas suas realizações, mas alegro-me por ter visitado a cidade quando visitei... isto é, antes de todos estes factos sobre a cidade, as suas gentes e os seus edifícios se terem tornado do conhecimento público. Caso contrário, provavelmente não teria investigado tão profundamente os seus arquivos e talvez tivesse sido privado do prazer de realizar o meu próprio trabalho de "detetive".

Não há nada comparável à alegria da descoberta: seja ver a primeira flor de campainha-da-neve da Primavera, ouvir a gloriosa música de Palestrina, ou simplesmente os resultados de uma investigação jornalística direta.

Para benefício daqueles que também possam interessar-se pelo que a cidade e os seus arredores têm para oferecer, aqui ficam mais dez factos sobre Cobh:

- A Cove of Cork foi um centro de concentração de navios de tropas britânicos durante a Guerra da Independência Americana e durante as Guerras dos Bóeres e da Crimeia.

- Rebeldes da Revolta de 1798 e da Rebelião de Robert Emmet em 1803 estiveram entre os 30.000 homens e 9.000 mulheres deportados como condenados de Cove/Queenstown entre 1791 e 1853.

- O *Sirius*, comandado por um homem de Cork, Richard Roberts, tornou-se o primeiro navio a atravessar o Atlântico inteiramente sob propulsão a vapor em Abril de 1838.

- Entre 1845 e 1851, a cidade foi o ponto de partida de 1,5 milhões de emigrantes irlandeses rumo aos Estados Unidos — mais do que o volume total de emigrantes nos cinquenta anos anteriores! Este período incluiu também a Grande Fome da Batata de 1845-1847, quando ocorreu um êxodo massivo do país.

- Auxílio alimentar foi enviado dos Estados Unidos para a Irlanda quando o *Jamestown* trouxe 800 toneladas de alimentos para Cork em 1847, sendo seguido, dois meses depois, pelo navio de socorro *Macedonia*, também transportando alimentos.

- Mais de 4.000 raparigas órfãs oriundas de asilos foram transportadas como criadas domésticas para a Austrália entre 1848 e 1850 (muitas destas crianças teriam ficado órfãs durante a fome).

- A chegada do caminho-de-ferro à cidade, em 1862, conferiu ao porto um papel reforçado nos serviços postais entre a América do Norte e o Reino Unido. O correio era tanto recebido como expedido a partir do porto, que ficava a curta distância de todos os principais centros das Ilhas Britânicas. Foi apropriado que a linha para Cobh tivesse um engenheiro de classe mundial, nomeadamente Isambard Kingdom Brunel.[2]

- Em 1 de Janeiro de 1892, Annie Moore, oriunda do Condado de Cork, tornou-se a primeira emigrante processada em Ellis Island, Nova Iorque, ao desembarcar de um navio que partira de Queenstown.

Era o dia do seu 15.º aniversário.

- Entre 1848 e 1900, os emigrantes irlandeses na América enviaram para as suas famílias na Irlanda mais de 46 milhões de libras.

- A exposição *Cobh, The Queenstown Story* situa-se no antigo edifício do consulado americano (com vista para a antiga estação ferroviária), onde os aspirantes a emigrantes eram testados quanto à sua proficiência em inglês.

Hoje, o edifício é uma escola de língua irlandesa...

No decorrer da minha investigação sobre os aspetos irlandeses do *Titanic*, recebi algumas emocionantes recordações do navio enviadas por um pároco do Condado de Mayo, no oeste do país.

O cónego Seamus Boland, de Ballina, enviou-me cópias de sete certidões de batismo, extraídas dos registos da diocese de Killala. Eram as de John Bourke, Pat Canavan, Bridget Donohoe, James Flynn, Bridget McDermott, Bridget (Delia) Mahon e Mary Mangan: sete bebés nascidos nas décadas de 1880 e 1890 na aldeia lacustre de Lahardane.

As crianças cresceram, atingiram a idade adulta e devo aos investigadores Tom Williams e Geoff Whitfield o relato do que lhes aconteceu.

Não encontrando emprego na sua terra natal, os sete juntaram-se a outros jovens homens e mulheres da aldeia e compraram bilhetes para a América, acreditando que um futuro no Novo Mundo seria mais promissor do que aquele que os esperava em casa. (Estes seriam os companheiros de terceira classe de Lucy e do seu acompanhante: os viajantes que ela olhava com tanto desprezo. Talvez eles pensassem ainda pior dela!).

John Bourke levava consigo a esposa, Catherine, e a irmã Mary. Pat Canavan acompanhava a prima, também chamada Mary. James Flynn, residente há algum tempo na América, regressava à casa do irmão após uma visita aos pais. O grupo totalizava 13 pessoas: um número azarado, como veio a revelar-se. Onze deles nunca regressaram.

Quando as notícias da tragédia chegaram a Lahardane, toda a aldeia mergulhou na tristeza. Os velórios realizados pelas famílias enlutadas prolongaram-se por dois dias e duas noites, durante os quais pessoas vindas de todo o país acorreram às pequenas casas para apresentar condolências.

Uma sombra pairou sobre a aldeia enquanto os habitantes preparavam os seus mortos. Só que os seus mortos encontravam-se a duas mil milhas de distância. Sobre as colchas estavam dispostas as roupas das vítimas ausentes. Fotografias de cada vítima eram colocadas onde deveriam estar os rostos. Depois, as camas (incluindo aquela ocupada tão recentemente por John e Catherine Bourke) eram cobertas com colchas brancas como a neve e rodeadas de velas acesas.

NOTAS, CAPÍTULO 22

[1] O termo coffin ships ("navios-caixão") aplicava-se a embarcações sem condições de navegabilidade enviadas para o mar antes da introdução da linha de Plimsoll, que indicava a profundidade máxima até à qual os navios podiam ser carregados.

[2] Isambard Kingdom Brunel (1806-1859) projectou a ponte suspensa de Clifton em 1829; posteriormente, enquanto arquitecto naval, concebeu o Great Britain (o primeiro vapor oceânico com hélice) e o Great Eastern (outro famoso paquete transatlântico).

Capítulo 23

A descoberta de Lanarth representara um enorme avanço na minha procura de Lucie/Lucy. Ainda hoje sinto um arrepio na espinha ao recordar as memórias evocadas por aquela casa e pelos seus arredores. Tinha grandes esperanças de desvendar finalmente toda a história. A minha desilusão foi, por isso, ainda maior quando o rasto esfriou.

As circunstâncias, contudo, não eram propriamente favoráveis à escrita nessa altura. Profundamente perturbada pela morte do nosso querido Dogue Alemão, após a morte de dois pastores-alemães idosos — tudo num espaço de apenas catorze meses —, eu não estava com disposição para perseguir Lucy.

Assim, sem intenção de renovar os seus tormentos, deixei a minha Senhora de Lanarth em suspenso...

Passou um ano inteiro antes que eu retomasse a ideia de escrever a sua história e, mesmo então, não tinha a certeza da direção que eu (ou ela) seguia.

Em Janeiro de 1994 nasceu a revista *Reincarnation International*, e isso reacendeu novas esperanças. Jack Pleasant, um amigo jornalista residente em Sussex, escreveu um artigo sobre a minha regressão e o interesse dos meios de comunicação voltou a despertar, com vários jornalistas da imprensa, rádio e televisão a retomarem a história.

Jack é especializado em diversos assuntos esotéricos e escreveu extensamente sobre reencarnação, telepatia, criptomnésia e temas semelhantes.

Tendo acompanhado muitas regressões conduzidas por Joe Keeton, a história de Lucie Latymer e a sua associação ao *Titanic* fascinou-o completamente.

Relatou as suas aventuras aos leitores na Grã-Bretanha,[1] América[2] e Emirados Árabes Unidos.[3]

Roy Stemman, editor da revista, enviou-nos um exemplar do primeiro número, que incluía alguns casos fascinantes e, previsivelmente, o segundo número continha um artigo sobre a evasiva Lucie Latymer[4]...

No final de 1994, decidi visitar a exposição *The Wreck of the Titanic Exhibition*, então patente no Museu Marítimo de Greenwich, em Londres.

A exposição já estava aberta há um mês ou mais, mas eu vinha adiando a visita devido a sentimentos contraditórios. Naquela altura, eu não tinha a certeza de aprovar a ideia de objetos do *Titanic* serem retirados das profundezas do oceano para serem expostos ao público em geral.

Aqueles que já tinham visitado a exposição deram-me a entender que valia muito a pena vê-la, uma vez que apresentava a primeira grande mostra de artefactos recuperados do fundo do mar. Aparentemente, proporcionava uma visão fascinante das vidas e expectativas daqueles que partiram naquela trágica viagem inaugural.

Eu continuava a ter reservas.

Que direito tinha alguém, por mais bem-intencionado que fosse, de remover aqueles objetos; de "pilhar uma sepultura"?

Poder-se-ia argumentar, suponho, que aquilo que o mar roubou, o mar deveria devolver e tive de admitir que as circunstâncias em torno da tragédia me fascinavam.

Já me haviam levado a exposições nos museus marítimos de Liverpool e Belfast.

A curiosidade, que me colocara no caminho da regressão quatro anos antes, reaparecia agora... para me empurrar na direção de Londres.

Mas mesmo enquanto seguia para Greenwich, argumentava comigo mesma que nem a exposição de Liverpool nem a de Belfast tinham envolvido alguém a descer até ao navio e trazer objetos da embarcação propriamente dita. Ainda não tinha descoberto que esta mais recente também não o fizera. Todos os objetos expostos tinham sido recuperados da área EM REDOR do naufrágio.

Os factos:

- O naufrágio foi descoberto em 1 de Setembro de 1985 por uma expedição científica franco-americana. A expedição foi liderada pelo Dr. Robert Ballard, da Woods Hole Oceanographic Institution, e pelo Capitão Jean-Louis Michel, do Institut Français de Recherche pour l'Exploration des Mers (IFREMER).

O Capitão Michel encontrava-se de serviço a bordo do *R/V Knorr* quando os destroços do *Titanic* foram avistados pela primeira vez através das câmaras submarinas.

Ballard, que estava de folga, foi chamado da sua cabine; dirigiu-se à sala dos instrumentos e assumiu imediatamente o controlo.

As descobertas destes dois homens confirmaram aquilo que a maioria das pessoas já suspeitava: o navio partira-se em dois (a proa e a popa encontram-se agora separadas por cerca de 600 metros).

- Dez meses depois, o Dr. Ballard regressou ao local com uma segunda expedição. Fazendo aterrar o submersível *Alvin* nos conveses do navio, explorou e fotografou detalhadamente todo o naufrágio e o campo de destroços. O que poucas pessoas perceberam até que a descoberta se tornasse pública foi que os destroços estavam espalhados por uma área equivalente ao tamanho da City de Londres.

- A primeira legislação nos Estados Unidos foi apresentada na Câmara dos Representantes em 11 de Setembro de 1985, menos de duas semanas após a descoberta do naufrágio. Foi apresentada pelo Representante Walter B. Jones, presidente da Comissão de Marinha

Mercante e Pescas da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, e recebeu a designação HR 3273, 99.º Congresso, Primeira Sessão. O seu título: *The RMS Titanic Maritime Memorial Act of 1985*.

As audiências realizaram-se durante Outubro de 1985 e o projecto foi aprovado pela Câmara dos Representantes em 3 de Dezembro de 1985.

Foi depois enviado ao Senado dos Estados Unidos onde, após revisões, foi aprovado em 6 de Outubro de 1986 e transformado em lei pelo então Presidente Ronald Reagan em 21 de Outubro de 1986.

- Os primeiros artefactos foram recuperados em 1987 pela Titanic Ventures (mais tarde RMS Titanic, Inc.), proprietária legal do naufrágio. A empresa foi declarada "salver in possession" pelo Tribunal Distrital Federal do Distrito Oriental da Virgínia, EUA.[6]

- Um ano após esta segunda expedição de Ballard, o Congresso dos Estados Unidos avançou para transformar o *Titanic* num memorial internacional.

"Fizemos uma grande investigação e refletimos muito antes de decidir que era correto avançar com a ideia", confessou Laura Weston, diretora de relações públicas do museu.

A exposição revelou-se conduzida com sensibilidade e totalmente isenta de sensacionalismo.

"Procurámos ser objetivos, representando todos os pontos de vista. Estes artefactos proporcionam um ponto de ligação tanto para as pessoas que perderam familiares no navio como para aquelas que simplesmente desejam saber mais sobre o acontecimento", disseram-me.

"Sentimos que os aspetos sociais e históricos associados ao navio e à sua trágica perda são muito importantes para as gerações futuras. A ideia é educar e homenagear: aquilo que foi recuperado encontra-se agora preservado para a posteridade."

O propósito da exposição era essencialmente narrar os acontecimentos e circunstâncias em torno da tragédia e centrar a atenção em toda a questão da recuperação de recordações e objetos.

Richard Ormond, diretor do museu, declarou: "A tragédia do *Titanic* — ainda um dos piores desastres marítimos do mundo — entrou no domínio da lenda. Mas os objetos da exposição recordam-nos a realidade.

Eles testemunham o navio, a sua história e o mundo de 1912 de onde vieram... e, através deles, a memória daqueles que morreram pode continuar viva..."

Que efeito teve em mim percorrer aquele tesouro de história social? Reconheci algum objeto, experimentei sensações estranhas?

Reconheci, e foi uma experiência profundamente esclarecedora; por vezes positivamente arrepiante. Os cinco sentidos foram despertados... audição, tato, paladar, olfato e visão; precisamente por esta ordem.

AUDIÇÃO: Foi o arrepiante bramido das chaminés que primeiro me impressionou. Ecoando na secção inicial, destinava-se a criar o ambiente do início da viagem. Na minha mente, porém, evocava mais o fim e provocava-me uma enorme sensação de desconforto. Senti uma necessidade urgente de fugir.

As chaminés emitiram aquele som quando o navio estava prestes a afundar-se? Ou terá Lucie sido uma das muitas passageiras infelizes esmagadas quando uma gigantesca chaminé tombou para a frente, no meio do que foi descrito como uma nuvem de fuligem e faúlhas, achatando a asa de estibordo da ponte? Para mim, esta última explicação é a mais provável, porque EU SEI que Lucie passou a maior parte do tempo na popa, onde supostamente deveria dormir... mas raramente o fazia.

As recordações em primeira mão que surgiram relativamente aos três sentidos seguintes foram igualmente intensas.

TACTO: A extremidade de um banco, ornamentada e em espiral, era uma de várias encontradas espalhadas pelo campo de destroços. Bastou um olhar para aquela peça e eu estava de novo ali, sentindo o frio do clima do Atlântico Norte e a humidade dos borrifos do oceano.

PALADAR: Este surgiu ao ver uma caneca recuperada da área próxima da secção de terceira classe. Soube instintivamente que Lucie recebera caldo de carne numa daquelas canecas. Contudo, uma sensação de repulsa invadiu-me, sem ter qualquer relação com o caldo em si, mas

diretamente ligada à própria caneca. Lucie nunca teria bebido DAQUELA. Porquê?

Porque estava rachada e lascada. (Eu, Monica, sei que esta foi uma reação ridícula... a caneca não estaria lascada naquela época).

Seria este um caso de Lucie a olhar para a caneca através dos meus olhos, ou era eu que a observava através dos dela? Quase conseguia sentir o sabor do caldo de carne. Num plano mais amplo, este tipo de objeto constituía um salutar lembrete do fragmento de vida dos primeiros anos deste século que o *Titanic* e os seus passageiros representavam.

As canecas da terceira classe contrastavam fortemente com as delicadas chávenas de porcelana fina fornecidas aos passageiros da primeira e segunda classes.

OLFATO: Ao examinar os garfos de jantar, senti um desejo intenso de lhes tocar, de sentir o seu peso na minha mão, mas isso não era possível. Tal como tudo o resto, aqueles objetos estavam protegidos dentro de uma vitrina de vidro. E justamente. Mas um súbito cheiro a carne de vaca e cebolas em conserva invadiu-me as narinas, como se Lucie estivesse prestes a saborear aquele derradeiro chá reforçado a bordo.

(Os passageiros da terceira classe receberam efetivamente estufado de carne de vaca e cebolas em conserva ao domingo. A refeição acabou por ser a última das suas vidas, o que provavelmente explica porque esse cheiro específico permaneceu tão dominante na memória de Lucie).

VISÃO: Esta foi a experiência mais forte de todas. Ver o modelo e o esquema da secção da popa e do campo de destroços entristeceu-me por duas razões: primeiro, porque a vida daquele magnífico navio deveria jamais ter terminado daquela maneira; e segundo porque, como já referi, estou convencida de que as últimas horas de Lucie foram passadas na popa. Ver aqueles modelos do "antes e depois" foi particularmente perturbador.

Passeando até uma área rebaixada da exposição, fiquei literalmente paralisada. Tinha acabado de me deparar com uma representação em tamanho real da grande escadaria e da área circundante.

A secção estava disposta de tal forma que os visitantes podiam sentir-se como se estivessem realmente a bordo. De repente, foi como se eu estivesse a olhar para dentro de um espelho, porque a ilustração do artista

incluía a figura de uma jovem esguia de vestido azul, descendo elegantemente a escadaria; longos dedos brancos apoiados no corrimão.

Aquilo era assombroso.

Eu própria não poderia ter retratado Lucie melhor. Era exatamente a situação a que me referira no capítulo sete (mesmo antes de ela chegar ao fundo das escadas e ser interpelada quanto ao estatuto do seu bilhete). Essas notas tinham sido escritas pelo menos seis semanas antes da minha visita.

Fiquei absolutamente fascinada...

A exposição revelou-se esclarecedora e não consegui deixar de me perguntar o que aconteceria a todos aqueles artefactos quando terminasse.

Não haveria qualquer hipótese de os objetos serem vendidos a colecionadores privados, insistiram os organizadores. A intenção a longo prazo do programa de investigação e recuperação da RMS Titanic Inc. era manter juntos, como coleção, todos os artefactos recuperados do navio e disponibilizá-los ao público em exposições.

Em Novembro de 1994, a Convenção do Direito do Mar foi ratificada por 67 países.

A exposição, inicialmente prevista apenas até Outubro de 1994, foi prolongada até Abril de 1995. Quando encerrou, tinha sido visitada por quase 750.000 pessoas e tornou-se a mais popular da história do Museu Marítimo Nacional.

Em Fevereiro de 1995, o museu realizou uma conferência internacional destinada a promover o desenvolvimento de nova legislação para proteger locais históricos de naufrágios em águas internacionais.

NOTAS, CAPÍTULO 23

[1] Pleasant, Jack e Cathy Burden: "Heal the Past", Woman's Realm, *4 de Agosto de 1992, p. 29*

[2] Pleasant, Jack: "When I Died on the Titanic", Gulf News, *Dubai, 12 de Outubro de 1993, p. 12*

[3] Pleasant, Jack: "I Died on the Titanic in my Past Life", Globe, *EUA, Novembro de 1993*

[4] Pleasant, Jack, Reincarnation International, *Abril de 1994, n.º 2, p. 5*

[5] The Wreck of the Titanic Exhibition, *National Maritime Museum, Greenwich, Londres, 4 de Outubro de 1994 - 2 de Abril de 1995*

[6] Informação recebida na correspondência da autora com John P. Eaton.

Capítulo 24

Janeiro de 1995

A minha resolução de Ano Novo era encontrar provas documentais da existência de Lucie e/ou Stennie, que corroborassem toda a informação que já possuía sobre ambos. O local óbvio para começar era o Índice do General Register Office de St Catherine's House (anteriormente Somerset House), em Londres: que lista todos os nascimentos, casamentos e óbitos registados em Inglaterra e no País de Gales.

Ao preparar-me para percorrer as inúmeras entradas minúsculas efetuadas nos últimos anos do século XIX, agradeci o facto de as minhas personagens não se chamarem Smith ou Jones. A pesquisa começou em 1900 e, a partir daí, fui recuando; examinando trinta e quatro versões microfilmadas do Índice Geral de Nascimentos, guardadas na Biblioteca Central de Liverpool. Os rolos continham registos de todos os nascimentos registados no Reino Unido: milhares e milhares deles.

Entre os Lathams e os La Touches, encontrei diversos Latimers (na maioria homens), Lattemores e, mais abaixo no ecrã, alguns Lattimers, mas nem uma única entrada para Latymer. O nome Stenning surgia apenas ocasionalmente e os registos não apresentavam qualquer semelhança com a personagem que eu procurava.

Após cinco horas ininterruptas, o meu dedo deteve-se no ano de 1890. Tinha encontrado ouro.

Não só encontrara aquela que podia ser a jovem evasiva,[1] como também localizara o seu amado (sobre quem falarei mais adiante).[2]

Ah... mas se esta era o meu alter ego, ela não era Lucie, como a voz arrogante do meu subconsciente continuava a insistir.

Nem sequer era Latymer "com y". Era simplesmente Lucy Latimer. Para complicar ainda mais a questão, nascera a muitos quilómetros da Cornualha: em Warrington, na verdade... então Lancashire, atualmente Cheshire.

Ter nascido em meados de 1890 faria dela uma jovem de vinte e um anos na época do desastre do *Titanic*. E já tinha sido estabelecido que os fugitivos tinham pouco mais de vinte anos, apesar de eu ter imaginado sempre a rapariga mais nova.

Se esta era a personagem que eu procurava, o que estava então a acontecer?

Porque aparecia ela "lá no Norte", em vez de onde eu esperava encontrá-la?

Teriam as mudanças de casa, tão vagamente referidas na regressão, abrangido todas aquelas milhas?

Teria a morte ou o divórcio separado os pais de Lucy e o que teria acontecido a cada um deles?

Recordando demasiado bem que nem tudo o que "reluz"[3] é necessariamente ouro, perguntei-me se aquilo que eu encontrara não seria afinal ouro de tolo.

Como sempre, no nosso frustrante jogo de esconde-esconde, vi-me novamente a correr em círculos: Cornualha, Cork e agora Lancashire.

Onde ESTAVA aquela rapariga, pelo amor de Deus?

"Estou aqui... ali... mesmo ao virar da esquina. Encontra-me... encontra-me..."

Se esta era a "verdadeira" Lucy, teria a mãe dela ido viver com Sandys em Lanarth, tornando-se a A.N. Other mencionada nas escrituras da casa (capítulo 17)?

Seria Sandys o cavalheiro autoritário conhecido como Papa?

Muito bem, as escrituras eram datadas de 1885, mas se o senhor Sandys tivesse o hábito de manter amantes anónimas sob o seu teto, a

designação A.N. Other poderia muito bem abranger uma multidão de mulheres. Não poderia...?

Lucie (eu continuava a pensar nela com esta grafia) referira que Mama se afogara no lago, e as escrituras da casa mostravam efetivamente que existira um lago na propriedade, embora tivesse sido aterrado muito antes da memória dos vivos. Milady estivera definitivamente em Lanarth em algum momento da sua vida. Caso contrário, como poderia eu (nesta vida) reconhecer todos os seus recantos e recônditos?

De que outra forma poderia eu estar tão bem informada sobre aquilo que acontecia dentro das paredes daquela casa (sem falar do jardim e do telheiro)? Como já foi indicado, aquela única visita de regresso bastou para fazer ressurgir toda a intimidade do passado...

O namorado, que aparece nos registos sob o nome Thomas Arthur Stenning, nasceu cerca de seis meses antes de Lucy. No caso dele, o acontecimento ocorreu em Londres. Os registos de nascimento fornecem apenas o nome, o local e o trimestre do ano em que o nascimento ocorreu. A consulta dos certificados propriamente ditos é necessária para quem procura mais informações.

A minha abordagem seguinte foi, por isso, junto do Office of Population, Censuses and Surveys (OPCS). Munida das referências necessárias, solicitei cópias dos dois certificados de nascimento. O local de nascimento de Arthur não era importante. Ele provinha de uma família itinerante, pelo que se teria deslocado bastante antes de chegar à Cornualha.

Embora eu agora soubesse que nascera em Hackney — uma zona urbana desfavorecida no leste de Londres — continuava a ter a nítida impressão de uma ligação celta algures na linhagem familiar.[4]...

O certificado de nascimento de Arthur, que chegou no espaço de uma semana, indicava como data de nascimento 19 de Dezembro de 1889 e descrevia a profissão do pai, William, como “carman”... um transportador, um viajante, exatamente como eu sempre sustentara.

Quatro dias depois, o certificado de nascimento de Lucy também chegou à minha caixa do correio.

Choque... horror! O pai dela não era barão nenhum. Era um inspetor de seguros chamado Thomas. Mama chamava-se Eunice e o meu alter ego

(?) nascera a 6 de Julho de 1890 em Market Street, Newton-in-Makerfield, uma localidade atualmente conhecida como Newton-le-Willows. Uma pequena e encantadora vila, situada a meio caminho entre Liverpool e Manchester num sentido, e Warrington e Wigan no outro.

Os directórios de ruas contemporâneos (*Kelly's*) observam: "Lord Newton, JP, é Senhor do Solar da baronia de Newton." Newton? Lord Newton? A baronia...? Recorde-se que Lanarth fora anteriormente conhecida como Newton House. Coincidência, evidentemente!

Embora não existisse qualquer indicação de que Thomas Latimer tivesse ligações aristocráticas, ele encontrava-se certamente vários degraus acima na escala social do que o transportador William Stenning. Stenning podia não ir a lado nenhum, exceto percorrendo estradas rurais na sua caravana cigana, mas Thomas Latimer ascendia cada vez mais.

Ele devia ter-se tornado bastante próspero porque, quando os diretórios de ruas de 1905 foram publicados, aparecia listado como residente em Cross Lane, Earlestown (também em Lancashire), tendo como vizinhos um médico, um solicitador, um contabilista, um arquiteto, um editor, um professor de música e um agente imobiliário. O hotel de nome pomposo Royal Hotel situava-se igualmente em Cross Lane...

Earlestown? Earl... condes...? Distantes campainhas começaram a soar na minha mente.

Não se referira a criança Lucy a um conde, ou a condes? Só naquele momento fiz a ligação e me perguntei se era isso que ela tentava transmitir-nos...

O facto de eu não conseguir encontrar qualquer referência posterior a Thomas Latimer sugeria duas possibilidades. Ou se mudara da região: avançando para voos mais altos. Ou morrera, deixando a viúva e a pequena filha obrigadas a reconstruir a vida noutro lugar.

E aqui devo expressar a minha gratidão a Rita Warmington, da Cornwall Family History Society, pela investigação minuciosa que realizou em meu nome. Examinando o Censo de 1881 da Cornualha, ela descobriu informações sobre uma Elizabeth Latimer residente em St Kew Highway com o filho e a filha.[5]

O ano em questão era demasiado cedo para Lucy e a mãe, mas não para que Elizabeth pudesse ser a avó paterna ou tia-avó de Lucy.

Mesmo que Lucy nunca tivesse vivido efetivamente em St Kew, pode muito bem ter passado longas férias em Lanarth e considerado a casa como o seu segundo lar. Depois de apenas uma visita, eu própria fiquei profundamente ligada ao lugar. Era esse tipo de casa.

"A família não nasceu na Cornualha e, na verdade, Latimer é um nome que aparece muito raramente na Cornualha", explicou a senhora Warmington;

confirmando os comentários de Angela Broome (capítulo 17) e reforçando a credibilidade das ligações da família a Lancashire...

Neste ponto, perdoem-me se faço um desvio e uma confissão que poderá parecer nem relevante nem apropriada ao assunto em questão, mas é ambas as coisas.

Faço-a simplesmente para indicar o tipo de criança insuportável que eu era (e, embora me custe admiti-lo, quão semelhante — nesse aspeto particular — a Lucie/Lucy).

O meu apelido de solteira era Harding: Monica Harding... mas ocasionalmente procurava torná-lo mais interessante no papel; escrevendo-o, durante um determinado período de afetação adolescente, como Monika Hardinge; tanto o nome próprio como o apelido assumindo um aspeto inteiramente novo.

Tal como Liza, "com z"[6], eu transformei-me em Hardinge "com e"; o atrativo apêndice tendo surgido durante uma aula de História em que tomei conhecimento da existência de Sir Henry Hardinge (1785-1856), primeiro Visconde de Lahore e governador-geral da Índia (1840-47). O seu nome, aparentemente, era escrito incorretamente como Harding (sem o "e") nas listas do Exército da época.[7]

Em 1809, foi promovido a major em serviço especial em Portugal e EU SEI que existe um Major Harding(e) várias gerações atrás na minha própria árvore genealógica.

Com tudo isto em mente, concluí que o nosso ramo da família também escrevera o nome incorretamente e "adotei" Sir Henry.

No entanto, não me agarrei a essa identidade da forma como Lucy parece ter feito. Nem fui ao ponto de reivindicar o nobre como pai. Não sou ASSIM tão velha e, de qualquer modo, estava perfeitamente satisfeita com o pai que já tinha, muito obrigada.

À luz deste pequeno episódio, devemos perguntar-nos: estaria eu a influenciar Lucy a alterar a grafia do seu nome e a reclamar ascendência aristocrática, ou seria Lucy a influenciar-me a fazer o mesmo?

Qualquer que seja a conclusão possível, continua sem responder à questão de como eu (Monica) poderia saber tanto sobre a baronia de Latymer; incluindo o facto de ter ficado em suspensão.

Posso afirmar, de mão sobre o coração, que nunca, nesta vida, conheci ninguém com o nome Latimer, Latymer, Lattimer, Lattemore ou qualquer outra variante do nome.

Mas alguma parte de mim está MUITO familiarizada com ele.

NOTAS, CAPÍTULO 24

[1] Os registos de nascimento de Julho/Agosto/Setembro de 1890 mostram: Latimer, Lucy; n. Warrington; Vol. 8c, p. 178.

[2] Ibidem. Janeiro/Fevereiro/Março de 1890, Stenning, Thomas Arthur; n. Hackney, Vol. 1b, p. 522.

[3] Gray, Thomas: "Ode on the Death of a Favourite Cat": "Nor all that glisters, gold."

[4] Passaria ainda mais doze meses até que a "ligação celta" se tornasse evidente e acabou por não ter qualquer relação com os Stennings.

[5] Censo de 1881 para Inglaterra e País de Gales, RG11/filmpiece 2293/folio 6.

[6] Leigh, Wendy: Liza Minnelli, Born a Star, *New English Library, Hodder and Stoughton (1993), pp. 111/112. A canção "Liza, with a Z" foi escrita por Fred Ebb, gravada no New York Lyceum e apresentada publicamente pela primeira vez em 1972.*

[7] The Concise Dictionary of National Biography, *Oxford University Press (1965), p. 570 (xxiv.342).*

Capítulo 25

Tinham agora passado cinco meses desde que os certificados de nascimento de Lucy Latimer e Arthur Stenning entraram na minha posse e eu continuava a procurar incansavelmente aquelas pistas vitais em falta; seguindo várias linhas de investigação na tentativa de obter informações sobre o casal e o seu estilo de vida. Resolver aquelas pontas soltas tornara-se uma prioridade.

Neste ponto, qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, sob a forma de documentação adicional que pudesse ligar os dois indivíduos dos certificados de nascimento aos dois passageiros do *Titanic*, seria bem-vinda...

A minha primeira medida foi efetuar uma nova pesquisa nos registos de St Catherine's House: desta vez à procura de eventuais casamentos (ou até mortes) registados. Nada surgiu.

No Registo de Inventários Testamentários, examinei os pesados volumes para ver o que poderia encontrar; mais uma vez, a pesquisa revelou-se infrutífera. Na verdade, eu não esperava descobrir nada de particularmente excitante, mas, em nome da precisão, considerei que nenhuma pedra deveria ficar por virar.

Se os registos contivessem os nomes de um ou ambos os nossos personagens, então obviamente não seriam as pessoas que eu procurava. Em todo o caso, dificilmente acredito que Lucy tivesse sido suficientemente sensata para fazer um testamento.

Arthur Stenning, tendo em conta o seu antigo estilo de vida nómada e a sua geral falta de dinheiro, seria ainda menos provável de o ter feito.

Sabe-se que uma família Latimer viveu em St Kew durante o período em questão, mas Liz Bartlett, da Reitoria de St Endellion, garantiu-me que não existiam sepulturas no cemitério de St Kew até 1912.[1]

Se Lucy e Stennie efetivamente viajaram juntos para a Irlanda, poderiam ter casado secretamente em Cork? Tanto a via católica como a protestante foram exploradas na tentativa de encontrar um certificado de

casamento. Não existia qualquer registo sob nenhum dos três nomes: Lennon, Latimer ou Stenning.

Foi então realizada uma pesquisa nos registos de Lancashire e Cheshire à procura de qualquer informação sobre as famílias do casal desaparecido. Tentar obter informações relativas ao que odeio admitir ter sido uma família muito comum, vivendo em circunstâncias muito comuns há quase um século, nunca é fácil.

A única esperança era tropeçar em algum indivíduo idoso com uma memória muito, muito longa, que pudesse talvez localizar uma agulha no meu palheiro...

Ainda com o casal fugitivo em mente, eu tinha vindo a realizar várias transmissões públicas. Fiz um apelo através da BBC Radio Merseyside, que cobre as áreas relevantes de Lancashire e Cheshire. Quando as condições meteorológicas são favoráveis, esta estação também alcança o Norte do País de Gales, até às fronteiras escocesas, a Ilha de Man e partes da Irlanda.

Disse aos seus quinhentos mil ouvintes que procurava qualquer informação relacionada com uma família Latimer residente em Newton-le-Willows na viragem do século.

Considerando possível que pudessem existir descendentes vivos ou parentes distantes, deixei claro que a investigação nada tinha a ver com qualquer caso criminal, mas destinava-se exclusivamente a fins de pesquisa relacionados com um livro que eu estava a escrever. Não houve qualquer resposta. As memórias das pessoas são longas, mas evidentemente não tão longas assim.

Depois tentei uma das estações da RTE em Dublin; através de um programa de conversa em direto transmitido nacionalmente e em horário de grande audiência. A estação é captada em muitos pontos de Inglaterra, Escócia e País de Gales. Desta vez, procurava os Lennons, mas novamente sem grande sucesso: exceto por uma curiosa chamada de seguimento.

O investigador da RTE telefonou-me posteriormente para dizer que um ouvinte ligara do centro da Irlanda afirmando conhecer um irmão e uma irmã idosos chamados Denis e Mary Lennon que viviam bastante perto dele.

Não especificou onde e não desejava abordá-los, a menos que eu considerasse que isso poderia produzir a informação que eu procurava. Não forneceu quaisquer detalhes adicionais além de dizer que eram muito, muito idosos. Queria eu que ele falasse com eles?

Nem pensar, respondi eu, uma vez que ainda estavam vivos. Pedindo ao investigador que agradecesse ao ouvinte em meu nome, afastei-o da mente juntamente com o seu par de idosos, atribuí a semelhança do nome à coincidência e garanti ao investigador que não valia a pena prosseguir.

Mais tarde comecei a perguntar-me se não teria sido precipitada; mas os segundos pensamentos chegaram demasiado tarde. Não tinha número de telefone do contacto nem morada dos seus vizinhos idosos.

Quão velhos eram exatamente "muito velhos"? perguntava-me constantemente. Se existia efetivamente algum tipo de ligação, eu não conseguia perceber qual poderia ser.

Durante os dois meses seguintes, novos apelos foram divulgados através de artigos de temática semelhante nas publicações da *Irish Titanic Historical Society*[2] e da *British Titanic Society*.[3]

No primeiro, solicitei informações gerais sobre os Lennon. O segundo, relacionado com a ligação Latimer/Stenning, era mais específico. Após fornecer detalhes sobre a data e local de nascimento de cada um, expliquei: "O que ainda falta determinar é como, quando e porquê a família de Lucy viajou para a Cornualha, onde mais tarde se descobriu que residia." Era uma tentativa remota, mas neste tipo de investigação até o mais pequeno fragmento pode ser importante.

A correspondência com o quartel-general da polícia em Exeter, perguntando se a pessoa responsável se importaria de remexer arquivos antigos para determinar se Lucy Latimer ou Arthur Stenning tinham sido dados como desaparecidos por volta da época da partida do *Titanic*, produziu resultados negativos. Como já esperava parcialmente, poucos registos tinham sobrevivido daquele período. O curador do museu da polícia de Devon e Cornwall Constabulary não conseguiu encontrar nada de significativo. Não valia a pena contactar as polícias de Lancashire ou Merseyside. A família já tinha desaparecido da região em 1912, como anteriormente explicado.

A questão pertinente seguinte deve ser: como conseguiu o casal fazer-se passar pelos irmãos Lennon — ou "Lemon", como aparece nas listas de passageiros? (Presumivelmente com sotaques irlandeses convincentes.)

É uma pergunta difícil de responder; porque, obviamente, teriam necessitado de passaportes e diversos documentos para efeitos de imigração nos Estados Unidos.

Inicialmente, perguntei-me se teriam roubado esses documentos a um verdadeiro Denis e Mary Lennon; repetindo inadvertidamente a ação de um ladrão anónimo em Southampton. Pouco antes de o *Titanic* iniciar a sua memorável viagem, o ladrão entrou furtivamente num pub local, encontrou o tripulante T. Hart demasiado bêbedo para embarcar e apropriou-se do seu livrete de embarque. Depois, sem dúvida satisfeito consigo próprio, dirigiu-se ao fim da fila dos retardatários que aguardavam para assinar presença e, sob o nome Thomas Hart, juntou-se aos restantes membros da tripulação a bordo.

A verdadeira identidade do homem nunca foi descoberta porque morreu na tragédia. Não fosse o verdadeiro Thomas Hart acabar por regressar à casa da mãe (provocando-lhe o choque da sua vida — já que as autoridades lhe haviam informado que estava morto), o roubo talvez nunca tivesse sido descoberto.[4]

Poderia o nosso casal ter cometido um crime semelhante?

Ou haveria uma explicação totalmente diferente?

Não teria eu sido demasiado precipitada ao descartar a ideia do muito idoso Denis e da muito idosa Mary Lennon que viviam no centro da Irlanda? Quão velho é "muito velho"? Noventa e muitos anos? Mais de cem?

O casal sobrevivente teria aproximadamente a idade certa para corresponder ao "meu" irmão e irmã. Poderia ter-me esbofeteado por não ter seguido essa pista quando o investigador da RTE me abordou... embora eu também sinta que talvez não fosse inteiramente justo esperar que irmãos tão idosos fossem desenterrar memórias tão distantes.

Por outro lado, talvez tivessem ficado encantados por falar. Agora nunca saberemos. É mais um daqueles moscardos que não consegui apanhar.

Se o nosso casal fugitivo não roubou os bilhetes, talvez tenha pago a alguém para produzir documentos falsos. Isso provavelmente não teria custado muito e Lucy possivelmente teria dinheiro suficiente à sua disposição, mesmo que Stennie não tivesse.

Devemos recordar também que, em 1912, Queenstown era um porto extremamente movimentado para o tráfego transatlântico e o dia em que o *Titanic* fez escala foi particularmente caótico. Era quinta-feira da semana da Páscoa e muitos visitantes tinham acorrido à cidade para o primeiro período de férias do ano. Além disso, Queenstown era o centro das atividades da Cork Spring Show, que decorria nessa semana. A comunidade náutica encontrava-se na cidade.

Milhares de pessoas enchiam as ruas. Nessas circunstâncias, escapar ao controlo talvez não fosse tão difícil como teria sido uma semana antes ou depois. Além disso, os regulamentos eram menos rigorosos em 1912 do que hoje e algumas pessoas conseguiam comprar bilhetes até ao último momento.

O *Titanic* não viajava com a lotação completa de passageiros. Havia muitos lugares disponíveis na terceira classe e muitos agentes dispostos a preenchê-los.

NOTAS, CAPÍTULO 25

[1] *Correspondência da autora*.

[2] White Star Journal *(publicação da ITHS), Vol. 3, n.º 2 (1995), p. 18.*

[3] Atlantic Daily Bulletin *(revista da BTS), n.º 3 (1995), p. 15.*

[4] *Eaton, John P. e Charles A. Haas:* Destination Disaster, *PSL (1987), pp. 72/73.*

PARTE SEIS

Conclusões

Capítulo 26

As idades de Denis e Mary Lennon, fornecidas por Jack Eaton (capítulo 16), coincidem exatamente com os certificados de nascimento de Arthur Stenning e Lucy Latimer. A ideia de uma aquisição de última hora do bilhete conjunto leva-me a perguntar se eles não o terão, na verdade, obtido de outra pessoa.

Ou, para não sermos moralistas, digamos antes que talvez tudo tenha sido perfeitamente legítimo e eles simplesmente compraram o bilhete a dois outros jovens que decidiram subitamente que afinal não queriam ir para a América. Existem certamente casos documentados de passageiros que desistiram à última hora, sobretudo devido a premonições e sentimentos gerais de mau pressentimento.

Impôs-se então um contacto com a James Scott and Co. (Cobh) Ltd., agentes e corretores marítimos. A maioria dos passageiros irlandeses do *Titanic* teria necessariamente passado pelo escritório de navegação da Scott. Certamente poderiam esclarecer a situação?

Mas não. O senhor Taft[1] disse-me: "A empresa mudou de instalações cerca de quatro vezes desde a tragédia e todos os ficheiros, registos, etc., foram destruídos ao longo dos anos. Infelizmente, não possuímos quaisquer registos do *Titanic*."

Quão fácil teria sido para alguém viajar sob um nome falso? Muito mais fácil do que imaginamos, ao que parece, e o nosso casal fugitivo estaria em boa companhia.[2]

Na primeira classe, Sir Cosmo e Lady Lucile Duff-Gordon, Madame de Villiers, Erik Lindeberg-Lind, George Rosenchien, Edith Rosenbaum e Marguerite Hedwig Stehli são todos conhecidos por terem adotado pseudónimos.

Alfred Nourney embarcou com um bilhete de segunda classe mas decidiu imediatamente pagar a diferença e trocá-lo por um de primeira. E isso não foi a única coisa que alterou, como veremos.

Na segunda classe, tínhamos Michel Navratil, carregando um menino em cada braço e uma mudança de nome no bilhete. Kate Florence Phillips e Elizabeth Ann Wilkinson faziam-se passar pelas esposas dos cavalheiros com quem partilhavam cabina.

Na terceira classe, os casos de Richard May e August Anderson são os únicos dois que vieram até agora ao conhecimento público.

Mas voltemos àqueles casais da Primeira Classe...

Sir Cosmo e Lady Lucile Duff-Gordon registaram-se como Sr. e Sra. Morgan. A razão nunca foi totalmente esclarecida.

Talvez apreciassem viajar incógnitos; ou talvez fosse para proteger Lady Lucile, uma estilista de moda internacionalmente reconhecida. Com salões em Londres e Paris e a intenção de expandir o seu império para Nova Iorque, poderá ter sentido que o anonimato durante a viagem lhe proporcionaria algum descanso.

Madame de Villiers, um membro menor da Família Real Belga, apresentava-se como Berthe Mayne, para escapar ao reconhecimento enquanto partia com o companheiro Quigg Baxter, de cujo filho estava grávida. Os jornais belgas referiam-se a ela como "uma jovem dada aos prazeres da vida".

Erik Lindeberg-Lind transformou-se em Eric Lingrey para evitar ser localizado pela ex-mulher, que sabia andar atrás dele a exigir pensão de alimentos. Quando grandes paquetes chegavam a Nova Iorque, era costume os nomes dos passageiros serem publicados nos jornais. Lind — Lingrey — claramente não atribuía muita inteligência à esposa.

George Rosenchien adotou o apelido da amante, Maybelle Thome, com quem realizava uma volta ao mundo. A razão de Edith Rosenbaum para mudar de nome era mais compreensível. Adotou o nome Russell por motivos profissionais. Marguerite Hedwig Stehli viajava registada sob o nome Frolicher, apelido de solteira da mãe. A razão nunca foi apurada.

Alfred Nourney promoveu-se a si próprio a Barão van Drachstedt. Mulherengo, gostava de causar impressão... de Conde Drácula, talvez?

Entretanto, na Segunda Classe, Michel Navratil fazia-se chamar Sr. Hoffman para proteger, assim pensava ele, os dois pequenos filhos que raptara à esposa afastada.

Foi uma ação que acabaria por causar grande dor de cabeça às autoridades quando o pai desapareceu posteriormente e as crianças foram salvas.

Os "órfãos do *Titanic*", Michel Júnior, de quatro anos, e Edmond, de dois, não falavam inglês, o que tornou a identificação extremamente difícil.

Para simplificar a situação perante os respetivos companheiros, Kate Florence Phillips viajava sob o nome de Sra. Henry Samuel Morley. Elizabeth Ann Wilkinson apresentava-se como Sra. Harry Faunthorpe.

A razão de Richard May para se tornar John Adams foi querer evitar ser encontrado pelas autoridades, depois de lhe ter sido movido um processo de paternidade.

August Anderson, jornalista sueco conhecido pelas suas opiniões radicais, abandonara o país apressadamente após escrever um artigo violento contra o rei. Quando embarcou no *Titanic*, o seu apelido era Wennerstrom.

O carácter do sueco foi descrito por alguns como "duvidoso", mas comportou-se admiravelmente na noite da tragédia, permanecendo a bordo quase até ao fim para ajudar muitos passageiros em pânico. Mesmo quando, exausto e sem forças, conseguiu finalmente subir para o bote desmontável A, continuava ainda a auxiliar aqueles que estavam em pior estado do que ele.[3]...

Se todos aqueles outros passageiros conseguiam viajar sob identidades falsas, porque não Lucy e o seu companheiro?

Dois relatos contemporâneos de jornais mencionaram a triste perda de um jovem casal. O *Daily Mirror*[4] descreve-os como um irmão e uma irmã irlandeses.

O *Cork Examiner*[5] foi mais explícito:

"Um jovem casal que mantinha uma ligação afetiva desde a juventude e que chegou a Queenstown com encontro marcado, conseguindo bilhetes em nome de irmão e irmã, com a intenção de casar na América, parece ter desaparecido."

Tudo isto, evidentemente, conduz-nos à pergunta: porque razão toda esta corrida frenética? Porque o meticuloso trabalho de investigação através de canais obscuros, quando a resposta parecia atingir-nos diretamente entre os olhos, por assim dizer?

Não seria a solução óbvia fazer outra regressão, na qual poderiam ser colocadas perguntas atualizadas e dadas as respostas relevantes?

Se ao menos fosse assim tão simples.

O problema era que, após mais de cinco anos a investigar a regressão, eu possuía já tanto conhecimento sobre o assunto que existia um perigo muito real de parte da informação passar da minha mente consciente para o subconsciente.

Além disso, a personalidade do meu alter ego era tal que ela nunca fora particularmente aberta nas respostas. Uma pessoa tão difícil e pouco comunicativa dificilmente forneceria respostas coerentes.

Mesmo que as soubesse.

Tentar obter dela respostas específicas seria simplesmente impossível.

De qualquer forma, suspeitava fortemente de que a querida Lucy (ou Lucie, como preferia imaginar-se) não fosse particularmente inteligente e que toda aquela atitude de se considerar demasiado aristocrática para conversar com "pessoas comuns" fosse uma fachada destinada a esconder a sua manifesta falta de massa cinzenta.

NOTAS, CAPÍTULO 26

[1] Correspondência da autora.

[2] Informação sobre passageiros fornecida por Geoff Whitfield.

[3] Investigação sueca realizada pela minha filha, Esther O'Hara-Lindblom.

[4] Daily Mirror, 18 de Abril de 1912, p. 4.

[5] Cork Examiner, 20 de Abril de 1912, p. 8.

Capítulo 27

O meu apelo por informações, publicado na edição de Setembro de 1995 do *Atlantic Daily Bulletin*, recebeu uma resposta da América, onde um leitor afirmava possuir conhecimentos sobre a família Lennon. Segundo uma fonte considerada fidedigna, Denis trabalhara como aprendiz de armazenista em Athlone, Condado de Westmeath.

Não existiam detalhes sobre Mary, exceto o facto de, ao tomarem conhecimento da relação do filho, o Sr. e a Sra. Lennon alegadamente o terem banido para sempre de casa. Daí a decisão do jovem casal de fugir.

Os Lennon, tal como os Latimer, proibiram qualquer menção futura ao nome do "desgraçado"; no entanto, a história foi transmitida de geração em geração.

Se esta sequência de acontecimentos realmente ocorreu, então (tal como eu via a situação na altura) isso reforçava a possibilidade de Denis e Mary, tendo inicialmente planeado seguir viagem para a América, terem mudado de ideias no último momento.

A ideia de terem encontrado Lucy e Arthur em Queenstown já não me parecia tão rebuscada. Um casal inglês, inseguro quanto à forma de obter a documentação necessária, poderia muito bem ter discutido o assunto com um simpático casal irlandês (possivelmente enquanto os quatro se encontravam alojados na *Grace O'Brien's Emigrants' Home*) e chegado a algum tipo de acordo.

As circunstâncias do nosso casal eram semelhantes às dos Lennon; as idades coincidiam. Reconhecendo a relativa facilidade com que um par de fugitivos poderia fazer-se passar pelo outro, seria assim tão absurdo supor que, quando chegou o momento de embarcar nos tenders (ou talvez muito antes disso), os casais seguiram caminhos separados?

A minha impressão inicial era a de que, enquanto os dois que se faziam passar pelos Lennon embarcaram no paquete condenado e pereceram, os verdadeiros Lennon desapareceram discretamente do cenário, permanecendo bem vivos. Isso levantaria então duas possibilidades acerca dos verdadeiros Lennon:

1. que acabaram efetivamente por casar e ter descendência, ou
2. que continuaram a viver como irmão e irmã no centro da Irlanda, conforme referido pelo ouvinte da RTE.

O facto de Denis e Mary realmente EXISTIREM já não estava em discussão.

Registos da Cruz Vermelha Britânica, que tinham acabado de entrar na posse de Geoff Whitfield, mostravam que, apesar dos sentimentos em

relação a Denis, os pais reclamaram 10 libras do Fundo de Socorro do *Titanic* relativamente à sua perda.

Isto não provava necessariamente que o casal tivesse realmente morrido; apenas que dois passageiros, PORTADORES DE BILHETES EM NOME DE DENIS E MARY LENNON, desapareceram.

Na verdade, nesta fase da investigação, algo mais parecia sugerir que quem embarcou no navio foi Arthur Stenning, e não Denis Lennon... nomeadamente o facto de aparecer descrito na lista de passageiros como "labourer" ("trabalhador braçal"), o que Arthur efetivamente era. Um aprendiz de armazenista como Denis dificilmente se rebaixaria dessa forma.

Existia ainda outro indício que me levou a questionar se aquilo com que lidávamos não seria mera especulação, mas uma possibilidade genuína. Tratava-se da entrada do nosso homem perto do fim da lista de passageiros que embarcaram em Queenstown.

Havia qualquer coisa que não parecia correta. Nomeadamente, o nome.

A grafia irlandesa de Denis costuma ter apenas um "n"; ao passo que a versão inglesa tem dois.

O nome na lista de passageiros aparecia com dois "n", o que sugeriria que quem embarcou era um inglês. Ou, pelo menos, alguém inglês que assinou os documentos.

Lucy, por exemplo, nunca teria pensado em escrever Denis de outra forma que não com dois "n"... tal como nunca teria prestado atenção à profissão do seu acompanhante.

Quem, entre as autoridades naquela movimentada manhã de Abril, se daria ao trabalho de verificar a grafia invulgar de um nome, ou a natureza do emprego de um passageiro de terceira classe? Inglês ou irlandês, trabalhador braçal ou aprendiz de armazenista, que importância teria isso, desde que os emigrantes estivessem aptos a viajar e tivessem pago a tarifa?...

Foi levantada a questão de saber se um ou ambos os nomes poderiam constar nas listas de pessoas desaparecidas; mas uma pesquisa nas antigas edições da *Police Gazette* não revelou nada.

Depois de passar bastante tempo a examinar montanhas de páginas amarelecidas, Andrew Selby, um destacado investigador de regressões, descobriu várias lacunas nos exemplares da Polícia Metropolitana de Londres referentes aos anos de 1910 a 1914.

Voltando a atenção para a Biblioteca de Jornais de Collindale, pesquisou todas as semanas do ano de 1912, mas novamente nenhum dos nomes apareceu.

Tudo o que isto nos dizia era que nem Lucy nem Arthur eram procurados pela polícia para interrogatório.

Além disso, a ausência dos nomes era inconclusiva.

A família Stenning, sendo itinerante, provavelmente não saberia onde Arthur se encontrava em determinado momento e, por isso, não teria razão para o declarar desaparecido.

De qualquer forma, a taxa de oito xelins (40 pence) por registo estaria presumivelmente acima das possibilidades financeiras da família. Naquela época, representaria uma quantia considerável para uma família da sua condição social.

Provas baseadas em rumores[1] levaram-nos a acreditar que o pai de Lucy sabia perfeitamente quem era o companheiro da filha e qual o destino final dos dois. Alegadamente, deserdara-a moralmente...

O nascimento de Lucy estava documentado como tendo ocorrido em Market Street, Newton. Nenhum número de porta figurava no certificado nem nos diretórios locais onde o nome do pai aparecia, mas, na esperança de que a minha mente inconsciente entrasse em ação, decidi ir até lá.

A única rua principal da cidade revelou chamar-se High Street. O lugar era-me completamente estranho: sabia com certeza que nunca ali tinha posto os pés (em nenhuma das vidas!).

Perguntas feitas nos correios sobre se High Street fora anteriormente Market Street receberam um enfático não. Nunca o fora; Market Street ficava em Earlestown, a cerca de duas milhas de distância.

Earlestown, embora bastante maior e comercialmente mais importante, continuava curiosamente classificada como Newton-le-Willows. Ambas sempre estiveram associadas. Na época de Lucy, toda a

área seria conhecida como Newton-in-Makerfield, tal como especificado no certificado de nascimento.

Os diretórios locais confirmaram simplesmente aquilo que eu já sabia: que os Latimer viveram na região durante um curto período no final do século XIX...

Revelariam os registos paroquiais mais alguma coisa?

Foram feitos contactos com várias igrejas para determinar que registos existiam, se é que existiam alguns. Não sabendo se a família era praticante de alguma religião específica, entrei em contacto com as autoridades de todas as igrejas listadas no *Slater's Directory* de Warrington, Earlestown, Widnes e St Helens.

Padres e vigários mostraram-se extremamente prestáveis, mas nada de significativo surgiu...

Então algo me atingiu como um raio.

Até agora, eu não tinha dado muita importância ao facto de o comissário-chefe do *Titanic* se chamar Andrew Latimer. Num súbito lampejo de inspiração, decidi descobrir de onde ele vinha.

Tive a estranha sensação de que a informação estava armazenada no meu inconsciente, apenas à espera de ser recuperada.

Efetivamente, os historiadores da BTS confirmaram as minhas suspeitas. Ele vinha do leste de Lancashire, tal como Lucy!

Esta regressão começava a ficar repleta de coincidências inquietantes.

Seria agora necessário investigar para estabelecer (ou eliminar) qualquer ligação entre Andrew e Lucy. Eu sabia que ele não era o pai dela; mas poderia ser um tio, ou algum outro parente próximo, como Lucy insinuara?

Já tinha sido estabelecido que o comissário-chefe do *Titanic* nascera em 1857, mas o local exato de nascimento ainda precisava de ser determinado.

Sabia-se que passara grande parte da vida em Earlestown, casara duas vezes, tivera vários filhos e, em determinada altura, mudara-se para Liverpool.

Continuava a ser minha convicção que existia uma ligação familiar entre este homem e a rapariga que partilhava o seu apelido, as suas ligações a Lancashire e a sua viagem a bordo do navio condenado.

Se assim fosse, teria essa relação familiar influenciado a escolha do paquete transatlântico? Talvez; embora, olhando pelo outro lado da questão, seria provável que uma jovem fugisse a bordo de um navio onde o tio ocupava um cargo elevado?

Provavelmente não, a menos que não o conhecesse bem e ignorasse a sua posição ou até a sua presença a bordo. Ou talvez só tivesse percebido a verdade quando já era demasiado tarde para fazer alguma coisa... exceto desejar nunca ter embarcado e tentar evitá-lo.

A explicação mais provável era a de que os fugitivos estavam inicialmente reservados para viajar noutro navio e foram transferidos — ou transferiram-se — para o *Titanic* à última hora. Uma longa greve do carvão provocara confusão em várias companhias marítimas e respetivos agentes. Muitos navios tinham sido retirados de serviço, obrigando à transferência de passageiros no último momento...

O obituário de Andrew Latimer no *Newton and Earlestown Guardian*, pouco depois do naufrágio, indicava como data de nascimento 31 de Janeiro de 1857; informação confirmada pelos registos de St Catherine's House.[2]

A mãe casou duas vezes e dirigia um negócio em Market Street, precisamente onde "os meus" Latimers viveram.

O comissário-chefe do *Titanic* também casou duas vezes. Os filhos da primeira esposa chamavam-se George e Madge. Os da segunda eram Andrew, John, William e Jean; esta última nasceu três meses após a tragédia.

Não foram fornecidos detalhes sobre nenhuma das esposas, exceto o facto de a primeira (que morreu) ser oriunda de Earlestown e a segunda (que lhe sobreviveu) de Liverpool.

As investigações iniciais sobre o passado de Andrew Latimer foram realizadas em 1992 (para assinalar o 80.º aniversário do naufrágio) por Steve Rigby, secretário honorário adjunto da BTS. Na altura, os únicos

filhos sobreviventes de Andrew Latimer eram John e Jean (atualmente senhora Walmsley).

Quando fiz as minhas investigações, John não estava disponível, mas Jean contou-me tudo o que sabia. O avô dela, Robert, trabalhara nos caminhos-de-ferro. Morreu subitamente na plataforma da estação de Carlisle, onde era chefe de estação.

A senhora Walmsley sabia pouco ou nada sobre os irmãos do pai (os seus tios e tias) e, relativamente ao próprio pai, desculpou-se por não conseguir responder às numerosas perguntas pessoais com que eu a tinha bombardeado.

"Tem de se lembrar de que tenho agora 84 anos e nasci dois meses depois da morte do meu pai", observou.[3]

Nunca o tendo conhecido, a senhora Walmsley mantivera pouco contacto com esse lado da família, mas teve a enorme gentileza de contactar familiares idosos em meu nome. Como ela própria esperava, sabiam tão pouco quanto ela.

Foi extremamente amável da parte daquela senhora idosa dar-se a tanto trabalho e eu apreciei sinceramente os seus esforços, mas o frustrante era que ninguém conseguia dizer-me nada sobre Lucy ou os seus pais, Thomas e Eunice.

Precisamente quando me preparava para explorar outras vias, Steve Rigby apresentou a peça decisiva. Robert Latimer, disse-me ele, viajara extensamente ao longo da carreira ferroviária. Como resultado, os filhos nasceram em vários locais diferentes: o mais novo tendo nascido em Tebay.

As fontes de Steve não conseguiam fornecer o nome do filho mais novo de Robert, mas só podia tratar-se de Thomas. Eu tinha documentação que o provava.[4]

NESSE MOMENTO JÁ NÃO EXISTIA QUALQUER DÚVIDA NA MINHA MENTE DE QUE O MEU ALTER EGO ERA SOBRINHA DE ANDREW LATIMER, COMISSÁRIO-CHEFE DO RMS *TITANIC*.

Estava igualmente convencida de que Andrew Latimer não tivera absolutamente nada a ver com a presença de Lucy e do companheiro a bordo do navio.

Se poderíamos presumir que o pai de Andrew (o avô de Lucy), o chefe de estação Robert Latimer, teria alguma ligação com a estação ferroviária de St Kew — cuja casa da estação se situava nos portões de Lanarth — era outra questão...

O censo de 1891 para Market Street, Earlestown, indicava o número da casa de Thomas Latimer como sendo o 121 e a sua profissão como "superintendente de seguros".

Eunice era descrita como professora de música.

O nome de Lucy também figurava, mas não havia qualquer menção a Alice (que viria a tornar-se senhora Lewis); contudo, segundo a própria admitira, ela só nascera em 1903, altura em que a família já teria deixado aquele local há muito tempo.

Mas havia uma criada.

O NOME DELA ERA SARAH JANE, EXACTAMENTE COMO A SENHORA LEWIS TINHA AFIRMADO.[5]

NOTAS, CAPÍTULO 27

[1] Ver capítulo nove.

[2] Os registos de nascimento do primeiro trimestre de 1857 indicam: Latimer, Andrew, n. Lancaster; Vol. 8e, p. 350.

[3] Correspondência da autora.

[4] O censo de 1891 indica Courthouse Lane, Tebay, como local de nascimento de Thomas Latimer.

[5] Ver capítulo nove.

Capítulo 28

A minha próxima ação consistiu em procurar o local de nascimento de Lucy e, caso o edifício ainda existisse, descobrir que impressões ou sentimentos poderia despertar em mim.

Market Street conduzia da artéria principal de Earlestown a uma longa avenida arborizada de casas residenciais. Caminhando para fora do centro da cidade, encontrei os números ímpares à esquerda.

E isto foi realmente estranho.

Ao aproximar-me do número 121, soube subitamente que ainda existiria e, apesar do facto de as propriedades ao longo da rua serem uma mistura de estilos arquitetónicos e épocas, eu sabia exatamente qual seria o aspeto daquela.

Seria contígua à casa da extremidade de uma fileira vitoriana de tijolo vermelho.

E era.

Algo ainda mais inquietante me atingiu enquanto observava a casa: as semelhanças entre aquela propriedade e a primeira casa que comprei em Liverpool.

Não só tinham aproximadamente a mesma idade, como estavam posicionadas de forma semelhante na respetiva fileira: ambas situadas a apenas uma casa da esquina; no mesmo sentido. Nenhuma possuía jardim relvado nem garagem.

Não pretendo faltar ao respeito aos atuais ocupantes ao comentar a banalidade destas duas propriedades. Em retrospetiva, não consegui deixar de me perguntar porque comprei a minha, situada cerca de 12 milhas dali.

Teria alguma coisa me atraído para ela? Alguma força interior da qual eu então não tinha qualquer consciência? No fim, revelou-se uma escolha pouco sensata.

Por razões que não seria nem relevante nem apropriado desenvolver aqui, passei a detestar aquela primeira casa. Só quando as circunstâncias mudaram e me mudei para longe é que as nuvens negras que pairavam sobre ela começaram a dissipar-se.

Terá acontecido algo semelhante aos Latimer? Foi isso que os levou para a Cornualha? Ou será mera coincidência que eu tenha sido atraída, décadas depois, para uma casa de tamanho e estilo semelhantes àquela onde Lucy nasceu?...

Enquanto eu percorria Lancashire, Rita Warmington percorria a Cornualha. As notícias mais recentes dela foram dececionantes. Não existiam, relatou ela, provas que sustentassem os rumores em torno da morte da senhora Latimer.

“Infelizmente, raramente conservamos registos de ‘incidentes suspeitos’ na CFHS: pela própria natureza da nossa Sociedade, temos de ser cuidadosos e fornecer apenas informações comprovadas, devido à possível ofensa que poderíamos causar a membros de outras famílias que utilizam os nossos serviços, quer como associados quer como público”, explicou.

O pedido feito por ela ao Cornwall Record Office para aceder aos inquéritos do legista não produziu qualquer resultado.

Contudo, nem tudo estava perdido: uma pesquisa em antigas edições do *Kelly’s Commercial Directory for Devon and Cornwall* revelou dois nomes familiares entre as listas de residentes particulares. Um era o de uma senhora Latimer (sem nome próprio), residente em St Kew Highway; o outro, um senhor Thomas Latimer.

A edição de 1883 (infelizmente uma década demasiado cedo para os nossos propósitos) mostrava a senhora Latimer a viver na casa então conhecida como Newton (Lanarth); Thomas encontrava-se em Exeter.

A senhora Warmington, tão habilidosa a descobrir factos obscuros, concluiu com uma revelação emocionante:

“Os registos do imposto predial de St Kew mostram que os Latimer não eram proprietários. Na época da sua estadia, Lanarth oferecia apartamentos para arrendamento.”

ISTO ERA UMA INFORMAÇÃO COMPLETAMENTE NOVA E ALTAMENTE SIGNIFICATIVA.

Se, nos anos seguintes, Lucy e a sua família relativamente modesta tivessem alugado alguns quartos naquela linda casa e a criança tivesse “ideias acima da sua condição”, não poderia ela ter fantasiado exageradamente sobre a sua ascendência e estatuto social?

Seria assim tão absurdo concluir que uma menina de EARLestown afirmasse possuir ascendência nobre (como continuava a insistir nas primeiras regressões: “o meu pai é barão”)? Longe de se sentir intimidada pelo esplendor do ambiente, não poderia ter-se imaginado como a sua pequena Senhora do Solar?

Lady Lucie de Lanarth...

Capítulo 29

Tinham agora passado mais de cinco anos desde o início das minhas investigações.

Para onde tudo aquilo conduzia, eu ainda não fazia ideia. A data e o local de nascimento de Lucy eram conhecidos, a data e local da sua morte presumidos; mas uma enorme interrogação pairava sobre as circunstâncias da sua vida. Para além das informações obtidas através da regressão e de vários registos oficiais, havia muito pouco em termos humanos e pessoais que preenchesse os detalhes da sua existência.

Para garantir que a Lucy Latimer nascida em Julho de 1890 era "a minha" Lucy, eu ainda precisava de encontrar quaisquer familiares vivos e confrontá-los com as minhas teorias.

Se esta NÃO fosse "a minha" Lucy, a jovem cujo certificado de nascimento eu possuía poderia ter morrido na infância ou em qualquer outro momento que não nas águas geladas do Atlântico Norte naquela memorável noite, há 83 anos. Poderia ter sobrevivido, casado (ou permanecido solteira) e morrido de velhice. Era até concebível que ainda estivesse viva, com 105 anos!

Se qualquer uma destas possibilidades fosse comprovada, todo o meu caso teria de ser lançado borda fora, juntamente com toda a regressão.

Embora ainda não existisse prova de que Lucy fosse realmente quem eu acreditava que fosse, tratava-se de uma possibilidade concreta. Indiscutivelmente, a maior parte das minhas provas era negativa, mas isso era melhor do que nada.

Eu queria mais.

Os farejadores de notícias não são diferentes de quaisquer outros cães de caça. Se ainda existir algum pequeno fragmento suculento para extrair de um osso, continuam a roê-lo.

Para satisfazer o meu voraz apetite por factos, os sempre prestáveis historiadores da BTS forneceram-me mais alguns pedaços.

As mais recentes investigações de Steve Rigby revelaram que os pais de Andrew Latimer — Robert e Margaret (nascida Tate) — tiveram dez

filhos. Fui informada de que, após a morte súbita de Robert (em 1860) na plataforma da estação ferroviária de Carlisle, a viúva casou novamente com um tal William Johnson, que administrava um pub perto da cidade fronteiriça de Lockerbie.[1]

Margaret ficou viúva pela segunda vez em 1875. Depois mudou-se para Earlestown e abriu outro negócio muito próximo do local onde Thomas (o filho?) viria mais tarde a instalar-se.

Aí terminaram as investigações sobre os Latimer. Lucy parecia não ter familiares vivos — ou, pelo menos, nenhum disposto a manifestar-se...

Esperava notícias melhores da frente irlandesa e, efetivamente, chegaram.

Numa chamada telefónica da América, Bob Bracken atualizou-me sobre o que sabia dos Lennon. Disse-me que conhecera um membro da família, Jimmy, durante uma visita recente às Ilhas Britânicas.

Aparentemente, Denis nascera em 1891 na paróquia de Curracreaghan, perto de Ballymahon. Uma rápida consulta ao mapa da Irlanda mostrou-me que a localidade se situava no Condado de Longford; não muito longe de Athlone, onde Denis trabalhara.

Os pais dele, William e Bridget (nascida Mullen), exploravam uma quinta familiar e tinham ambições para o filho. Não existiam informações sobre a misteriosa Mary além daquelas que eu já possuía. Eles desaprovavam-na.

O endereço de Jimmy era desconhecido, mas eu não previa dificuldades em encontrá-lo. A beleza das pequenas cidades rurais irlandesas é que toda a gente conhece toda a gente.

Encontraria aquele homem, mesmo que isso implicasse voar até lá acompanhada de um cão farejador...

Era vital para mim estabelecer contacto com os Lennon, mas — e este era um GRANDE "mas" — eu não conseguia prever como a família irlandesa reagiria à ideia de uma estranha investigar a vida de um dos seus antepassados; sobretudo uma estranha com uma história tão pouco convencional para contar.

Conhecendo demasiado bem a posição da Igreja Católica relativamente à vida após a morte, comecei subitamente a questionar a sensatez da abordagem que pretendia fazer.

Será que Jimmy Lennon reagiria com hostilidade?...

Os meus receios eram infundados.

Localizado através da principal biblioteca pública de Longford, Jimmy respondeu-me com não apenas uma, mas duas cartas amigáveis no mesmo correio.

A primeira continha a confirmação da história de Bob Bracken, tal como ele próprio acreditava serem os factos na altura em que se encontraram.

A segunda continha cópias das certidões de batismo de Denis, das suas quatro irmãs e dos dois irmãos, bem como um mapa da paróquia indicando a extensão da quinta de 20 acres pertencente à família Lennon.

O meu correspondente explicou que, embora não fosse descendente direto de Denis, era certamente parente dele. Acrescentou ainda que trabalhava como investigador numa empresa de genealogia, o que lhe dava acesso privilegiado a arquivos.

"Contudo, esses registos só nos estão disponíveis até 1890", explicou-me; a razão sendo o facto de várias pessoas estarem empregadas em programas de assistência social e de informações sensíveis, como nascimentos ilegítimos, poderem ser associadas a descendentes ainda residentes na região.

"O clero insistiu em não permitir acesso após essa data", concluiu.

Jimmy contou mais tarde que, em criança, costumava sentar-se junto à grande lareira aberta na cozinha da avó e ouvir o idoso John Lennon falar do triste destino do irmão.

"Percebi que Denis tinha casado — ou planeava casar — com uma rapariga de quem os pais não aprovavam e que o casal estava efetivamente reservado para outro paquete mas, devido à greve do carvão, lhes foram oferecidos lugares, à última hora, no *Titanic*.

“Têm surgido muitos artigos no nosso jornal local relativos aos passageiros de Longford, mas por alguma razão estranha os nomes de Denis Lennon ou Mary nunca foram mencionados”, observou Jimmy.

Ele próprio acreditava que eles não chegaram a casar, porque não se encontravam quaisquer registos.

Ao longo dos anos circularam vários rumores acerca da identidade de Mary. Um deles afirmava que era o pai dela quem empregava Denis e que era ele — e não os pais de Denis — quem desaprovava tão fortemente a relação.

Jimmy continuava a acreditar que foram os Lennon que expulsaram o filho, mas mostrava-se menos convencido de que Mary fosse filha do comerciante.

Planeava investigar mais profundamente...

Encorajada pela maior parte do que me fora contado e esperando que a última pista para o mistério dos fugitivos desaparecidos estivesse prestes a revelar-se, aventurei-me a pedir a Jimmy a sua opinião sobre a regressão, bem como sobre a possível ligação entre o meu alter ego e o seu próprio antepassado romântico.

Depois de salientar as discrepâncias na grafia do nome Denis[2] e a aparente confusão em torno da sua profissão, perguntei-lhe se concordava com a minha teoria mais recente.

Considerava possível que um casal de impostores tivesse feito a fatídica viagem utilizando os nomes dos Lennon?

Perguntei-me se, na sua qualidade de genealogista profissional, ele conseguiria localizar os muito idosos Denis e Mary Lennon referidos (como residentes nas Midlands irlandesas, tal como ele próprio) pelo ouvinte da RTE.[3] Se ainda estivessem vivos e dispostos a falar, poderia o genealogista determinar se ERAM eles o Denis e a Mary que tinham partido rumo ao *Titanic* todos aqueles anos antes?

Poderia ele estabelecer se os seus bilhetes tinham sido vendidos a, ou roubados por, outro casal aproximadamente da mesma idade? Era uma hipótese remota e podia não conduzir a lado nenhum, mas eu agarrava-me a qualquer esperança.

Jimmy talvez não conseguisse localizar os dois geriátricos. Tendo em conta a idade avançada, um ou ambos poderiam já ter morrido. Se os localizasse, talvez não fossem o casal que eu procurava. Se fossem, talvez não quisessem ou não conseguissem falar. Tantos "ses"...

Poderiam afirmar nada saber sobre o *Titanic* e destruir imediatamente toda a minha teoria.

Por outro lado, como poderíamos alguma vez saber se estariam a dizer a verdade? Seria perfeitamente compreensível que um casal que presumivelmente evitara identificar-se após a tragédia continuasse a manter-se discretamente afastado.

Quem os poderia censurar por querer passar os últimos anos em paz?

Mas não seria extraordinário se fossem encontrados, entrevistados e revelassem a sua identidade, confirmando que tinham efetivamente trocado de lugar com um jovem casal inglês que fugia em circunstâncias não muito diferentes das suas?...

A carta seguinte de Jimmy confessava absoluto fascínio pela regressão.

Embora surpreendido pela ideia de Denis e Mary talvez não terem realizado a sua viagem fatídica, não podia oferecer nada de concreto relativamente à suposta ligação entre Lucy e Denis. Também não conseguia fornecer quaisquer informações sobre os geriátricos Denis e Mary alegadamente residentes (ou que tinham residido) nas Midlands irlandesas.

Pensando melhor, já não tinha a certeza de que teria sido boa ideia perturbá-los; embora Jimmy confirmasse que Longford — tão densamente povoada de Lennons — ficava efetivamente naquela região da Irlanda.

Relativamente à minha hipótese de Denis talvez nem sequer ter embarcado no *Titanic*, ele salientou que os membros mais velhos da família Lennon tinham fortes reservas.

Na convicção de que Denis morrera tragicamente afogado todos aqueles anos antes, continuavam ainda a recordá-lo em Missas de Réquiem.

Juntamente com a carta mais recente de Jimmy seguia uma fotocópia de uma entrada em latim de um antigo registo católico, documentando o nascimento de Dionysius em 9 de Dezembro de 1891.[4]

A ideia de Mary não ser "suficientemente boa" para os pais de Denis estava definitivamente em disputa e o meu amigo genealogista apresentou uma teoria nova e muito mais emocionante.

Embora continuasse a acreditar que Denis e Mary fugiam juntos no *Titanic* e que não eram casados na altura da tragédia:

"Estou agora quase certo de que ela pertencia à alta sociedade e que foi A FAMÍLIA DELA quem desaprovou a relação", declarou.

Isto era arrepiante.

À exceção do facto de Denis possuir mais estatuto social do que Arthur, a história dos fugitivos irlandeses tornava-se cada vez mais semelhante à dos "meus dois"...

Enquanto Jimmy investigava cada vez mais profundamente as raízes dos seus antepassados, eu refletia se seria demasiado rebuscado imaginar que Lucy e o seu acompanhante original se tinham separado e que ela fugira em vez disso com Denis... tornando-se ASSIM a misteriosa "Mary" que procurávamos.

Ela não pertencia exatamente à alta sociedade, mas gostava de pensar que sim.

Lady Lucie, lembram-se... e as afirmações sobre o pai? Além disso, existia o inexplicável conhecimento que possuía acerca da baronia de Latymer.

Ah, mas seria ela do tipo que abandonaria o primeiro amor por outro homem? Quem sabe? Se o fez, não teria sido a primeira rapariga a desistir no último momento e fugir com outra pessoa.

Como e quando conheceu Denis (se aceitarmos a probabilidade de o ter conhecido) talvez nunca venha a ser esclarecido; embora uma possibilidade girasse constantemente na minha mente.[5]

(Uma reflexão: que tempo maravilhoso os dois devem ter passado em Queenstown; eu própria, ao visitar a cidade, senti uma felicidade quase tangível.)

Tal união poderia explicar a atitude pouco cooperante de Lucy durante a regressão.

Perguntas sobre com quem estava invariavelmente resultavam em respostas que oscilavam entre a timidez, a irritação, a pretensão (“estou com o meu séquito”) e a pura grosseria (“isso não é da sua conta”).

Seriam estas respostas astutas tentativas da Senhorita Mistério para nos despistar, determinada a não deixar ninguém descobrir o seu último grande segredo?

Eu ainda não resolvera completamente o enigma, mas suspeitava estar sedutoramente perto.

NOTAS, CAPÍTULO 29

[1] Lockerbie ganhou destaque internacional em Dezembro de 1988, quando uma bomba explodiu a bordo do voo 103 da Pan Am e os seus 259 passageiros foram projetados do céu, devastando o centro da cidade e grande parte da área circundante.

[2] O nome Denis aparece escrito com apenas um “n” no certificado de batismo, tal como surge nas cartas de Jimmy Lennon e em toda a restante correspondência irlandesa.

[3] Ver capítulo 26.

[4] Entrada número 89.

[5] A desenvolver plenamente no capítulo final.

Capítulo 30

Cheshire, Inglaterra, Primavera de 1996.

Após seis anos de procura de pistas, qual é a situação?

Em coerência com a minha profissão de jornalista de investigação, passei horas a verificar fontes, seguir pistas, desenterrar e examinar tudo — por mais obscuro que fosse — que pudesse ter relevância para esta regressão.

Para começar, o cético poderá perguntar se toda esta extraordinária história não será simplesmente fruto de uma imaginação demasiado fértil.

A minha resposta seria que, embora Lucy parecesse efetivamente uma jovem muito imaginativa, nego categoricamente ter inventado tudo isto.

Sonhado, sim; grande parte surgiu sob a forma de pesadelos, mas não houve qualquer fraude (consciente ou inconsciente).

Eu própria não tinha qualquer contacto nem conhecimento consciente de Earlestown, Lanarth ou Cobh. Contudo, a personagem que emergiu durante a regressão tinha uma familiaridade vaga com o primeiro e um conhecimento íntimo dos outros dois. Sabia também bastante mais sobre o RMS *Titanic* do que eu alguma vez soube no meu estado consciente ou desperto.

Muito bem, as ligações entre o nascimento de Lucy em Earlestown e a sua morte no Atlântico Norte são ténues, no mínimo.

O único denominador comum que consegui descobrir foi Andrew Latimer, o comissário-chefe, que acredito ter sido tio dela.

Conseguimos provar que a Lucy Latimer nascida em Lancashire é a mesma pessoa que cresceu em Lanarth?

Não categoricamente, não.

As provas são quase todas circunstanciais; embora existam muitos indícios positivos:

1. As estranhas sensações associadas à casa de Earlestown, relacionadas com as suas referências peculiares durante a regressão a um conde ou condes;

2. A criada Sarah Jane: um elemento comum tanto em Lancashire como na Cornualha;

3. O companheiro Arthur Stenning, que a acompanhou pelo menos na primeira etapa da viagem;

4. Um conjunto de memórias e imagens extremamente vívidas de Lanarth, muitas das quais foram confirmadas, embora indiscutivelmente existam lacunas.

Embora nada disto prove conclusivamente que ela viveu efetivamente em Lanarth, sabemos que a casa estava dividida em apartamentos para arrendamento na época em questão e que, embora nem Lucy nem os pais apareçam nos registos pelo nome, uma família Latimer viveu efetivamente lá.

Além disso, temos provas indiretas de que a jovem senhorita Latimer fugiu com um trabalhador braçal chamado Arthur Stenning na direção geral do *Titanic.*

Como sabemos que Lucy embarcou no navio em Queenstown e não em Southampton, como inicialmente foi sugerido?

Não sabemos, mas alguém consegue oferecer uma explicação alternativa para eu reconhecer tanto do porto irlandês e arredores quando nunca lá estivera nesta vida, e para os sentimentos inquietantes que experimentei perto do cais da White Star?

E quanto à afirmação infantil de que o pai era um barão?

Claramente não era e não consigo oferecer qualquer explicação racional para essa fantasia extravagante.

Também não consigo começar sequer a explicar o meu conhecimento (subconsciente) acerca da suspensão da baronia de Latymer.

Nem existe, embora "a minha" Lady Lucie Latymer insistisse em escrever assim tanto o nome próprio como o apelido, qualquer ligação comprovada entre ela e a verdadeira Lady Lucie Latymer do século XVI: filha do Conde de Worcester.

Considerem também mera coincidência o facto de ter sido outra Lady Lucy (desta vez escrita da forma convencional) a responsável pela suspensão da Baronia de Latymer em 1609, quando morreu deixando quatro filhas mas nenhum filho herdeiro.

Quando a baronia saiu do estado de suspensão em 1911, a protagonista deste livro certamente já existia; embora eu não consiga imaginar porque motivo acreditava que O PAI DELA tivesse qualquer direito ao título.

Para além da confirmação sobre a suspensão da baronia de Latymer, quanta evidência documental existe relativamente à vida de Lucy, tal como retratada através da regressão?

Na verdade, bastante, tendo em conta as dificuldades de investigar uma personagem sem descendência e que fez tudo para evitar ser encontrada:

1. Certidão de nascimento de Lucy;
2. Certidão de nascimento de Arthur;
3. Registo do nome do pai de Lucy nos censos de Earlestown, diretórios locais e registos de St Catherine's House;
4. Confirmação de que existiu um lago nos terrenos de Lanarth e uma estação ferroviária nos seus portões;
5. Confirmação de que os Latimer viveram efetivamente em Lanarth no período em questão;
6. Informações recentemente obtidas sobre a jovem que fugiu com Denis Lennon, cujas circunstâncias coincidem exatamente com as da nossa heroína.

Ao concluir este projeto de investigação, portanto, não tenho qualquer dúvida de que Lucy existiu; que passou a maior parte da vida em Lanarth, fugiu com o trabalhador Arthur Stenning com intenção de desenvolvimento, mas mais tarde transferiu a sua afeição para Denis Lennon, com quem embarcou no *Titanic* para o encontro duplo com o destino.

Mas continuo sem ter 100% de certeza.

Nestes casos, ninguém alguma vez pode ter.

Montar as peças menores do puzzle implica examinar uma miscelânea de impressões gerais, algumas meras sombras fugazes.

Elas dizem-nos que, embora Lucy e o acompanhante tenham acabado no *Titanic*, aquele não era o navio originalmente reservado e Jimmy Lennon afirmou efetivamente que Denis deveria ter viajado noutro navio mas foi transferido para o *Titanic* devido à greve do carvão.

Eu estava também firmemente convencida de que o homem com quem Lucy passou os últimos dias não era o acompanhante original.

Depois havia a questão daquele rosto vagamente familiar entre os oficiais uniformizados.

Muito pouco se sabe sobre a relação dela com Denis porque foi exatamente assim que Lucy quis.

Tudo o que podemos fazer é tentar encaixar os vários fragmentos.

Permitam-me apresentar um possível cenário.

Lucy partiu com Stennie e juntos viajaram até à Irlanda, onde rapidamente se perderam no meio do país.

As coisas começaram a correr mal entre eles. Longe do ambiente familiar, a relação tornou-se tensa.

Jovem arrogante e autoritária, Lucy considerava Arthur indeciso e irresponsável. Ela queria estabelecer-se, mas ele tinha espírito errante. Nascido de uma linhagem de viajantes, o nomadismo corria-lhe nas veias.

Após muita angústia mental e recriminações mútuas, seguiram caminhos separados.

Não se conhecem detalhes sobre quando ou onde ela conheceu o homem com quem passou os últimos dias. Isso foi algo sobre o qual ela realmente lançou um véu de segredo.

A partir daqui, tive de confiar em impressões ainda mais frágeis e memórias mais vagas, porque ela quase — embora não completamente — bloqueou as suas "más ações".

É espantoso aquilo que uma consciência culpada consegue fazer à mente... mesmo numa encarnação anterior!

Fiquei com a impressão de que Lucy apagou da memória a maior parte dos detalhes da vida pessoal desde o momento em que abandonou a casa em Inglaterra até ao instante em que se encontrava em Queenstown,

preparando-se para a viagem marítima na companhia do homem por quem perdera completamente o coração.

O período entre a separação de “Stennie” e a sua presença em Queenstown com “Dennie” deve permanecer envolto em mistério...

Embora não fosse particularmente brilhante, também não era totalmente estúpida.

Não lhe teria levado muito tempo perceber que o nome Lucy era tão invulgar no meio rural irlandês que poderia atrair atenções. E isso era precisamente o que ela menos desejava.

Depois de descobrir que praticamente todas as raparigas da região se chamavam Mary, decidiu juntar-se às suas fileiras.

O apelido representava um problema. Os nomes de família locais eram-lhe totalmente estranhos, muitos praticamente impronunciáveis.

Lucy (agora Mary) resolveu a dificuldade pedindo às poucas pessoas com quem se dignava comunicar que lhe chamassem simplesmente Miss Mary; continuando assim a transmitir aos conhecidos a impressão de pertencer a uma família distinta.

Miss Mary representava uma descida em relação a Lady Mary (ou Lady Lucy, como as pessoas em casa lhe chamavam), mas não havia alternativa. A proteção do anonimato era a questão mais importante.

Ninguém podia saber quem ela realmente era. Apenas ela própria. Ah, e Deus, supunha ela, quando se lembrava de pensar Nele.

Numa das sessões de regressão em que os presentes observaram que eu, enquanto Lucy, estava particularmente silenciosa, isso devia-se ao estado contemplativo do meu alter ego.

Tentando apagar os detalhes do que acontecera antes de conhecer Denis, permitia que a mente vagueasse brevemente pelos acontecimentos da vida até então: a morte súbita de Mama, o horror que era Papa e a sua companheira estúpida; a sua própria tolice ao fugir de casa quando sabia que não devia; o breve envolvimento com Stennie.

Senti-me sorrir enquanto a “outra eu” meditava sobre como tudo se tornara subitamente radiantemente belo. Agora que encontrara o seu novo amor — e desta vez ERA realmente amor — o sol brilharia para sempre.

Lucy não se considerava uma jovem leviana, mas o encontro com Denis fora maravilhoso para além de qualquer alívio imaginável. Não era também extraordinário que os nomes dos seus dois companheiros fossem tão semelhantes? Primeiro, Stennie. Agora, Dennie.

Não falaria deste amor a ninguém, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Até A Voz teria de pensar que ela continuava com Stennie...

Pode alguém dar credibilidade à troca Stennie/Dennie?

Sim, deixem-me passar a palavra a Jimmy Lennon para um relatório sobre as descobertas mais recentes.

"Posso agora descartar totalmente a teoria de Mary ser filha do patrão de Denis", disse-me ele.

"Esse rumor não tem absolutamente qualquer fundamento. As investigações sobre os proprietários contemporâneos da loja em Athlone não revelam qualquer registo de uma filha que corresponda à descrição de 'Mary'."

Jimmy inclinava-se, portanto, muito mais para a ideia de que a jovem não era local. Isso reforçava a possibilidade de ela ter sido (ou alegado ser) de origem aristocrática e possivelmente deserdada.

Mas porque motivo as circunstâncias do romance estariam envoltas em mistério? Poderia ser porque "Mary" era uma protestante inglesa?

"Isso explicaria perfeitamente o silêncio em torno da relação", disse-me ele.

A família de Denis, todos católicos praticantes e respeitáveis, incluía vários padres. Tradicionalmente, a ideia de casamentos mistos era mal vista em tais comunidades.

De passagem, mencionou também ter feito uma descoberta curiosa.

O censo do Condado de Longford de 1901 continha um registo de uma família chamada Latimer (com uma filha chamada Mary), mas a ideia de estes Latimer serem "muito aristocráticos" pode ser descartada. O pai era carteiro.

Seria este mais um dos tios de Lucy? Poderia ter sido durante uma visita a essa casa que ela conheceu o seu Denis?

Isso é algo que nunca saberemos...

Ao longo desta investigação, metade da minha mente estava concentrada em Arthur Stenning (Stennie), a outra metade em Denis Lennon (Dennie). Agora parecia quase certo que Lucy tivera uma ligação com ambos. Seria de admirar que a sua consciência culpada obscurecesse as informações fornecidas durante a regressão?

Não duvido de que tenha partido de Lanarth com Arthur Stenning, mas acredito que o homem com quem embarcou no *Titanic* não foi ele.

Todos os indícios apontam para que só pudesse ter sido Denis.

Tenho também a certeza de que, dadas as circunstâncias, o sexo nunca entrou na relação entre os dois. Ele, sendo um rapaz profundamente íntegro, teria acreditado em esperar pela cerimónia de casamento. Ela, apesar de ser tão impulsiva, revelou-se extremamente ingénua.

O que aconteceu a Arthur?

Quem sabe? Talvez tenha encontrado uma companheira mais merecedora do seu amor.

Se voltou a estar entre nós, espero que seja feliz...

"Assim se afunda a estrela do dia no leito do oceano."

Milton, John: *Lycidas*

As conclusões de John P. Eaton...

Aquilo que já sabemos — ou não sabemos — acerca dos que efetivamente estavam a bordo do *Titanic* é suficientemente fascinante. Sabemos agora que entre os passageiros do paquete havia bem mais de cinquenta pessoas cujos nomes foram mal escritos, registados sem identificação completa ou deliberadamente falsificados.

Mesmo aqueles que possuem apenas um interesse passageiro pelo tema sabem quem eram "Mr and Mrs Morgan", ou "E. Rosenbaum", ou até "Baron Alfred van Drachstedt". Existem muitos outros nomes falsos

conhecidos dos estudiosos do *Titanic* aos quais podem ser associadas pessoas reais.

Agora, a “Phillips” e “Wilkinson”, a “Wennerstrom” e “Hoffman”, pode juntar-se um nome até agora “desconhecido entre os desconhecidos”... o de Miss Lucy Latimer.

Obrigado por nos levares nesta viagem, Monica, e sobretudo por partilhares connosco o teu papel vital nela...

FIM